

ÁGUA VIVA

Revista Portuguesa de Cultura

nº 6 - Ano letivo 2014/2015



Regresso às origens

A sexta edição da revista dos alunos de português da UMCS é um regresso às origens. Não só porque a maioria dos artigos são da responsabilidade dos alunos de português da UMCS mas também porque estão traduzidos para polaco. Desta forma chegamos a um público mais vasto e possibilitamos que os nossos alunos possam pôr em prática os conhecimentos que têm na área da tradução. Esperamos desde agora manter uma periodicidade mais regular, mesmo sabendo que nem tudo depende de nós e da nossa boa vontade. Não podemos deixar de agradecer aos alunos que colaboraram na elaboração desta edição e dedicar algumas palavras a todos aqueles que estão a terminar a licenciatura ou o mestrado. Foi um prazer trabalhar convosco e desejamos sinceramente tudo de bom no futuro, muita sorte e que a vossa aventura com a língua portuguesa não termine por aqui.

Editado pelo Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin
Wydane przez Centrum Języka Portugalskiego/Camões w Lublinie

Diretora do Centro/Dyrektor Centrum
Professora Doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz
Prof. Dr. Hab. Barbara Hlibowicka-Węglarz

Grafismo/Grafika
Jorge Branco

Redação/ Redakcja
Aleksandra Moskal
Anna Krupa
Joanna Dudek
Liliana Wajrak
Lino Matos
Małgorzata Stankiewicz
Martyna Jędrzejczyk

Colaboradores/Redaktorzy
Agata Błoch
Aleksandra Guz
Aleksandra Porębska
Dominika Ładycka
Ewa Tomaszewska
Katarzyna Rejter
Maciej Durka
Magdalena Józwick
Małgorzata Koprowicz
Monika Czarkowska-Guziuk
Patrycja Cieśluk

Powrót do korzeni

Szósta edycja czasopisma studentów języka portugalskiego UMCS to powrót do korzeni. Nie tylko dlatego, że za większość artykułów odpowiadają studenci języka portugalskiego na UMCS-ie, ale także dlatego, że są przetłumaczone na język polski. Taki sposób publikacji pozwala na dotarcie gazety do szerszego grona odbiorców, a także umożliwia naszym studentom ćwiczyć swoje umiejętności w dziedzinie tłumaczeń. Mamy nadzieję, iż od teraz uda nam się publikować gazetę regularnie, lecz zdajemy sobie sprawę, że nie wszystko zależy od naszych dobrych chęci. Chcielibyśmy podziękować wszystkim studentom, którzy współpracowali wraz z nami. I na koniec kilka słów dla naszych tegorocznych absolwentów. Praca z wami to była przyjemność. Szczerze życzymy wszystkiego dobrego w przyszłości, powodzenia oraz tego, aby wasza przygoda z językiem portugalskim nie zakończyła się tutaj.

Índice

Contos

- "A tirania do Semsentido" de Kamila Wiśniewska.....2
- "Se o caso é chorar" de Serenna Cacchioli.....4
- "O regresso do rei" de Anna Krupa e Małgorzata Stankiewicz.....7
- "Amor em duas rodas" de Dominika Ładycka e Patrycja Cieśluk.....15
- "A mesa" de Małgorzata Koprowicz.....17

Música

- Entrevista com Kinga Rataj por Liliana Wajrak.....19

Desporto

- Futebol português e polaco: diferenças por Maciej Durka.....21
- Entrevista com Adison Schneeweiss por Aleksandra Porębska.....23

Opinião

- Serviços académicos por Magda Józwick.....25
- Viajando pela vida? por Aleksandra Guz.....27

Ecologia

- Em socorro dos lincos por Anna Krupa.....29

Brasil

- Afro-brasileiro: inspiração para a cultura nacional 1889-1930 por Agata Błoch.....31
- Brasileiros em Lublin por Aleksandra Moskal.....34
- O gaúcho – um estado de espírito por Katarzyna Rejter.....37

Cinema

- Imagine, de Andrzej Jakimowski, 2012 por Martyna Jędrzejczyk.....39

Poesia

- Entrevista com Alexandre Soares por Monika Czarkowska-Guziuk.....41
- Poemas de Alexandre Soares (tradução de Joanna Dudek e Ewa Tomaszewska).....43

Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin

- Entrevista com alguns alunos dos cursos de português.....45
- Atividades do Centro no ano letivo 2014/2015.....48



A TIRANIA DO SEMSENTIDO

**1º Concurso Literário Inter-
nacional do CLP/Camões em
Lublin.**
1º lugar *ex aequo*

O Semsentido é um monstro maligno e poderoso que dispõe de uma força argumentativa admirável e ao mesmo tempo surpreendentemente fácil, pois toda a sua arte consiste em assegurar à sua vítima de que as atividades diárias dela simplesmente não têm sentido nenhum. Para realizar este objetivo, serve-se de um programa minucioso de desmotivação com o que doutrina o seu preso aplicando-lhe dia após dia umas colheres bem medidas de tristeza e decepção. Se a vítima é propícia ao tratamento, o Semsentido não demora em apoderar-se dos seus pensamentos para os converter depressa em rios pretos que desembocam no oceano de sem sentido onde naufragam todas as lembranças positivas e os velhos sonhos. Saibam, que este malvado é muito ágil. Espera para um momento adequado, um derrubamento instantâneo, um leve extravio do teu curso vital, um curto suspenso na lucidez da mente para fazer o ninho cómodo na tua cabeça. O Semsentido é o rei do espaço urbano. Gosta de refestelar-se nas escadas da loja de bebidas tanto como nas oficinas dos homens de negócios. Revela uma afeição pelos estudantes, especialmente pelos da Faculdade de Letras. Muitas vezes aproxima-se da zona universitária para se divertir, pois agrada-lhe o gosto pela inutilidade que revelam. É entusiasta das largas tardes de inverno e das noites de insónia. Vaga então pela cidade em busca de uma cabeça inútil onde possa dormir arruado pela triste melodia dos pensamentos pesados como uma velha locomotiva a vapor.

Quando viu a Clara, logo pressentiu que as reflexões de chumbo dela far-lhe-iam uma ótima companhia. E assim foi. É curioso, mas a rapariga não se lembra do momento em que começou a perseguir-lhe, o que demonstra a habilidade de Semsentido para a camuflagem. Supõe que o apanhou uma vez como se apanha a gripe ou que o confundiu com a gripe, pois pareciam-se muito, especialmente no estado estado de modorra que

provocavam. Seria numa destas tardes quando costumava levar a passear as suas inquietudes que sonolentas durante o dia, animavam-se encorajadas pela escuridão. Afugentavam então o sono que ela esperava com a ilusão apesar de que este sempre a dececionava trazendo a serenidade para roubá-la depois no momento mais intempestivo – de manhã. E a Clara não gostava desta pálida luz matinal que tornava agudas as bordas de todas as coisas até que pareciam os dentes de animais selvagens. O despertador, por exemplo, demonstrava a sua dentadura rugindo como um leão faminto, como se quisesse devorar o novo dia que chegava timidamente, reconhecendo que não era bem-vindo. O Semsentido também o esperava só para o assaltar. Espreitava-o com o saco para lixo em que queria metê-lo assim que ele aparecesse. O novo dia ao princípio lutava: corria na desesperada procura do ar, mas finalmente cansava-se e até se esquecia para que tinha vindo. As ilusões que trazia consigo, convertiam-se em um exército derrotado e a Clara entendia em que consistia a impossibilidade de recolher os pensamentos. Os seus, coincidiam em só uma coisa: gritavam em unísono que o novo dia não merecia a atenção e empenhavam-se em ignorá-lo. Assim, era necessário levá-las arrastando.

Nestas condições, o caminho quotidiano para a Faculdade adquiria os traços de modalidade desportiva: 300 metros com obstáculos, pois além disso havia que esquivar-se da munição do Semsentido. Este, adestrado em efeitos especiais, cobria as ruas com pinceladas negruscas, esfarrapava os prédios com as garras e elevava as buzinas para que produzissem os sons estridentes. Ao mesmo tempo, diluía os pensamentos dela na tinta preta e com o trapo sujo apagava as lembranças reconfortantes que lograram sobreviver na sua memória. Se a Clara queria ir de autocarro, ele já lá estava espreitando-a com os olhos cansados de passageiros, refletindo-se nos seus rostos franzidos. Por muito rápido que ela corresse, alcançava-a sempre com uma satisfação maligna para zombar da sua torpeza matinal e outra vez, assegurá-la de que o que fazia não

tinha sentido. As aulas das 8 que ela assistia, o fim do recorrido matinal, eram uma ocasião idónea para desenvolver esta atividade. O Semsentido com o sorriso triunfador mostrava o saco com o dia estrangulado e agora dedicava-se a maltratar os pensamentos dela, o que provocava os engarrafamentos nas vias de comunicação com o mundo exterior. As palavras dos professores tardavam em encontrar o caminho para o seu ouvido como se fossem os comboios atrasados. E as suas, enfurecidas por estar despertas, nem pensavam em apresentar-se como se ainda estivessem em pijama. O Semsentido divertia-se muito dirigindo esta paródia: por mais que a rapariga tentasse prestar a atenção, ele ficava cheio de sono e irritação. Com os bocejos molestos indicava o seu desprezo e pronto exigia a volta imediata para casa onde reclamava a comida quente. O seu prato preferido era os planos para o futuro com uma dose de esperança que devorava sem deixar rasto. Isto, bastava-lhe até à noite, quando se alimentava com as ganas do sonho da Clara. Assim, esta ficava mais e mais desesperada o que provocava discussões violentas entre eles. Durante uma das mais brutais, a rapariga atirou-lhe à cabeça o pesado dicionário espanhol-português que nesta batalha perdeu a capa. O Semsentido por sua parte, engasgou-se com a sopa de letras e ficou indisposto. Por isso, ela ganhou uns dias de repouso, durante os quais rodeava-se das palavras como o que tem febre enroupa-se com mantas. Eram as palavras curiosas, intrigantes e engenhosas, que tinham a sua história e família, que se agrupavam em frases e depois em tropas de textos. Nesta forma ofereciam-se de voluntárias para tirar a gravidade dos pensamentos e ventilar a mente.

Pois, quando mais deprimida estava, mais próximos sentia os que empregavam as letras como um espaço para encerrar a sua amargura, que, submetida aos caprichos do engenho, tornava-se indefesa. E, o que é curioso, vista desta perspectiva revelava o seu lado mais claro, o da inspiração.

Quando mais deprimida se sentia, ainda mais desfrutava de imaginar a vida que pulsava nos lugares que sur-

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

giam do papel: as fadistas que no véu das suas vozes envolviam as ruas estreitas de Alfama, as conversas dos literatos animadas pelo café da Brasileira, os navegantes que se lançavam às ondas contra ventos e marés. Cria que a gente que ama o mar tenta alcançar com a vista o horizonte, apesar de que os seus olhos só se enchem de infinidade. Apesar de que cada prova da conquista deste espaço traga o perigo de encontrar o Gigante Adamastor, o espanta-barcos que seguramente tornou-se uma pedra imóvel por ver o terror dos homens tragados pelas ondas impiedosas.

E enquanto podia compreender este vigilante marítimo, explicando a sua atitude com o amor cego pelo mar, não encontrava nenhuma desculpa para a existência do Semsentido. Este só amava os gritos dos naufragos que enterravam o seu atrevimento no fundo escuro das águas.

Por mais deprimida que se sentia, mais tristeza lhe causava a perspectiva de deixar extirpar os seus sonhos pelo Semsentido que não desapareceu junto com o inverno. Pelo contrário, com a chegada da primavera, o seu programa de desmotivação florescia adquirindo o tamanho da selva tropical. Sobre o espesso firmamento das amarguras quotidianas o Semsentido zumbia como um inseto odioso, que por mais pequeno que fosse, roçava os nervos. E este era fornido como o rei do jângal. Até que um dia, a Clara, atrevida pelos primeiros sintomas de loucura, decidiu matá-lo, sem muita brutalidade porém, pois a espantava a vista do sangue. Os estranhos personagens que de vez em quando atravessavam o recinto da sua fantasia, quer dizer um Vagamundo desejoso de novos lugares e um filólogo com ânsia de palavras alheias, também se sentiam ameaçados com a presença dele. Contribuíram então para urdir um plano de expulsão, que consistia em abandonar o inimigo num lugar distante para que morresse de saudade ou para que caísse acidentalmente do Cabo de Roca. A Clara gostou imenso da ideia, porque sempre quis ir ao longe e palpar as imagens construídas na cabeça a partir da leitura, mas faltava-lhe o impulso e também umas coisas menos abstratas. No

entanto, como temiam, o Semsentido recusou rotundamente esta proposta. Se calhar pressentia no horizonte o ponto de irreversibilidade. Além disso, tinha medo de voar, pois era um ser com a cabeça para abaixo. Assim, o Vagamundo, que falava mais alto neste projeto, mandou deixá-lo sozinho e perdido, exposto aos labirintos enganosos do aeroporto que abriam as suas bocas de lobo. Foi o momento crucial na relação da Clara com o seu perseguidor e tinha que terminar por revelar quem resistiria à separação. O risco era maior para quem se lançava a aventura, então ela temia que em vez de desterrar o Semsentido do seu espaço vital, se desterrasse a si. A sua preocupação não carecia de motivos, se reparamos que era uma destas pessoas que não conseguem localizar o seu carro no estacionamento de supermercado. O riso malvado do Semsentido soava nos seus ouvidos com a ameaça de que o mesmo sucederia em qualquer outro lugar, mas o alcance do fenómeno seria ainda maior, pois se perderia o seu rasto tão efetivamente como o de D. Sebastião. Apesar do ruído das máquinas, ouvir como o Semsentido, exasperado por tanta insubordinação, balbucia com fúria outros riscos desta insensatez. No entanto nesta altura, não era nada mais de que uma figura grotesca, tombada no chão como uma criança mimada. A Clara, quando por fim perdeu de vista esta lastimosa cena de despedida, converteu-se em participante de outro espetáculo, dirigido por ela às cegas sobre o fundo do céu estival: lançava-se ao fluxo de cores, sons e imagens. Navegava entre elas sem rumo e sem o peso que lhe tivesse titubear, atontada só de tanto ver e ouvir. Gastou os sapatos ao percorrer as ruas queimadas pelo sol e cansou os olhos ao perseguir os raios iluminadores que abrasavam os prédios antigos bailaricando nos telhados, deslizando pelos vidros e perdendo-se entre os passantes. Queria aproveitar cada instante deste desassombro recuperado para mobiliar de novo a sua memória. Aspirava a liberdade desejando armazená-la nos seus pulmões e assim descarregá-la consigo. E se logo alguém lhe perguntava que lá fazia, não podia concretizar a sua experiência.

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

Do ponto de vista educativo, a sua viagem realmente carecia de sentido. Não visitou nenhum museu que a enriquecesse culturalmente (por falta de dinheiro e por se perder) Não provou muitas manjares locais (por falta de dinheiro) e não fez muitas amizades (por ser tímida). O Semsentido poderia estar orgulhoso de sim, mas não estava. Ao vê-la voitar com os rastos do sol nos olhos, sentiu-se tão inseguro como o boneco de neve com a chegada da primavera, apesar de que ainda ameaçava com a sua reencarnação em figura mais poderosa, assim que o inverno voltasse.

No entanto, o inverno, mais que uma estação do ano era uma época de ânimo, em que as ganas de viver pareciam congelar-se, mas realmente não podiam fazê-lo, como não é possível congelar o mar inteiro. O gelo na beira é só um truque, para que não vás mais longe, onde os barcos navegam a toda velocidade.

Por via das dúvidas, a Clara guardou o bilhete comprado no primeiro lugar que alcançaram os seus passos fugitivos como se as lembranças não fossem a prova definitiva da sua presença ali. Sabendo que a memória era um instrumento pouco fiável, propício a misturar a imaginação com a realidade, precisava de uma prova palpável, para que quando as sombras voltassem a escurecer de novo a sua mente, tirá-lo da gaveta e afugentá-las, comprovando que existem os lugares onde o sol tinta o céu de cor de rosa. E que teve sentido buscá-los e terá sentido lá voltar.

Zofia Zagróbska: Pseudónimo de Kamila Wiśniewska, estudante, que frequenta atualmente o 1º ano de mestrado em Filologia Espanhola na Universidade Jaguelónica em Cracóvia.



Fotografia: Jorge Branco

SE O CASO É CHORAR

1º Concurso Literário Internacional do CLP/Camões em Lublin. 1º lugar *ex aequo*

Faça suas orações uma vez por dia e depois mande a consciência junto com os lençóis pra lavanderia.
Tom Zé

Ah! Oublier. Quel enfantillage!
J.P. Sartre

Uma das coisas de que mais gosto nesta minha nova condição soítária é o facto de poder gradualmente reconhecer os lugares e as pessoas que até há pouco tempo me eram estranhos. Gosto de me surpreender com a atenção que dispenso aos empregados de mesa nos bares, às caixeiros, aos vizinhos... É algo novo para mim, sempre tão centrado exclusivamente na minha pessoa. Gosto de, finalmente, ter tempo de levantar os olhos e cruzar os dos desconhecidos. Há um empregado no café Pôr do Sol que sorri muito, tem os ombros largos e magros e na minha cabeça já passei a chamá-lo «o islandês», por ter os olhos amendoados. Um dia perguntar-lhe-ei de onde vem. Gosto também de fazer as compras na única loja que encontrei por aqui e vou lá sempre nos horários da caixa de ar desesperado. Uma espreitada naqueles olhos possessos, enquanto pago o colutório e os iogurtes, melhora instantaneamente o meu dia e isca uma série de fantasias que acabam por ocupar grande parte das minhas tardes. Um dia perguntar-lhe-ei como se chama, e que raio de demónio lhe assombra continuamente os olhos.

A aldeia é pequena e toda a gente se conhece. Sei que para eles sou o estrangeiro que anda descalço e que dá um mergulho no mar quase todas as manhãs. Percebo que me olhem de viés, ainda que sorrindo. Mas, por enquanto, tudo isto me agrada. Esta atmosfera ociosa, a possibilidade de esvaziar a cabeça, não pensar em nada, não conhecer ninguém. Ler, escrever, comer só quando tiver fome. Esta manhã, envolvido pelo ar fresco à beira-mar, sentindo o cheiro a saizugem e a vida selvática, preparei uma torrada com requeijão e doce de

abóbora. Foi um daqueles momentos de graça que a vida me dá, por vezes, inesperadamente. O doce de abóbora com um leve sabor a canela, o requeijão fresco e o mar a inchar os músculos à minha frente atravessado por luzes amareladas. A tranquilidade.

No entanto, às vezes, ainda me acontece. Pode ocorrer em qualquer momento do dia, chega sem avisar. É uma sensação de sufocamento que me aperta o pescoço e desliga todas as luzes do mundo. Não há nenhuma razão aparente para tal acontecer e quando ocorre fecho os olhos e entro no quarto. Mais que um quarto, diria que é uma cela. Um pequeno quadrilátero obscuro com grossas paredes de pedra. Geralmente, no fundo está o primeiro interrogador mas não o vejo. Ouço a sua voz, entrevejo a sua sombra. Começa sempre com as perguntas canónicas. Porque é que te foste embora, do que é que foges, até quando conseguirás não enfrentar os teus medos. Já sei, já sei. E eu respondo sempre o mesmo, tento desconversar. Depois, pergunta-me por ela. E, então, a sensação de asfixia torna-se mais intensa. Nada, digo. É sempre igual. Gosto muito dela, sinto a sua falta, quase não consigo pensar em outra coisa. Tento distrair-me, falo com as caixeiros mas nada. O fantasma dela volta, acaricia-me o cabelo, faz um sorriso malicioso, rodeia a saia e vai-se embora. Já não tenho nenhuma dúvida, quero que ela volte, quero que tudo recomece.

Ouçó, então um ruído de papel amarrado. Aparece o segundo interrogador ao meu lado esquerdo e saca uma folha do bolso. Não o vejo bem, tenho a impressão de que é mais novo do que eu e que tem bigodes. Tem um ar severo. Pelo que resulta, diz ele, do seu último email ao seu amigo Charles Arrowby, as coisas não estão bem. Lê em voz alta.

Enviado a 15 de maio de 2014, às 00h23, de um café cibernético na rua dos Anjos, em Lisboa.

Charles,

Eu sei que deveríamos falar de ti, da tua nova vida, dos teus projetos e, realmente, gostaria de saber o que fazes, quem são as pessoas que povoam os teus dias em Bruxelas, como está a correr o trabalho, se estás contente ou não. Mas,

SE O CASO É CHORAR

neste momento, não consigo falar de outra coisa se não do que já discutimos mil vezes. Eu sei, sou aborrecido, repetitivo, mas quero falar-te de B. Não aconteceu nada que tu já não saibas, o que mudou são as coisas dentro de mim e preciso de falar disso, de saber se a ti também acontece o mesmo, por vezes. Apercebo-me de que, quase todos os dias, me conto uma versão diferente de como correram as coisas com B. É estranho. Há dias em que me reconcilio com o seu fantasma, conto-me que me portei mal, fui incoerente, digo-me que ela tem todas as razões para já não confiar em mim e peço-lhe desculpa mentalmente, imagino beber um copo de vinho com ela e dizer-lhe «desculpa-me». Desculpa os meus olhos, desculpa os meus gestos, desculpa a banalidade do meu desejo, não foi por mal. E imagino que ela me perdoe e que voltemos a conversar com aquela cumplicidade que tínhamos, que voltemos a sair juntos e quem sabe. Outras vezes, conto-me que foi ela a tratar-me mal, foi ela a usar-me, a magoar-me propositadamente e aí sinto-me ferido, como enganado, e apetece-me cancelá-la da minha vida, nunca mais voltar a vê-la, esquecer tudo o que vivemos juntos. Charles, como é possível? Como é possível que eu mude continuamente de ideia sobre ela, dependendo da história que me conto na minha cabeça? Como correram as coisas realmente? Já não sei, já não me lembro e o tempo dilui tudo de modo que já me é impossível ter um olhar objetivo. Tento examinar as coisas do alto, mas depois, ao deslocar-me numa posição demasiado alta, já não consigo ver nada. Pronto, é isso. Um desabafo. Aceita este abraço grande que te dou.

Quando o interrogador acabou de ler, com voz profunda e seca, enxugou umas gotas de suor da testa com a palma da mão direita. Eu não sabia o que dizer. Queria que lhes explicasse todas as matizes dos meus pensamentos? Esquece. Fiquei calado e saí da cela a passos lentos. Música. Há uma música que costumo cantarolar-me na minha cabeça sempre que devo sair da cela. Ajuda-me muito. É uma música do Louis Moholo, o título é comprido e não me lembro de como é em inglês, mas significa alguma coisa como «não me conhecerás porque já pensas conhecer-me», ou algo do gé-

nero. Ar, finalmente.

Na língua portuguesa há uma coisa que me perturba acima de tudo, e são as palavras que começam por *des*. Parece um prefixo fácil de usar, geralmente colá-se às palavras para criar o seu contrário, como atar – desatar, fazer – desfazer, e assim por diante. E pode usar-se em diversas ocasiões, como se, em cada ocasião viesse um empregado zeloso para pôr o casaco do *des* à palavra em questão. E, vestindo o casaco, emaranhasse os sentidos. Tenho a impressão de que os portugueses usam estas palavras sem o cuidado necessário que reclamam as coisas altamente poéticas. Nem se apercebem da poesia da sua língua. *Desencontro* é algo, por exemplo, de muito poético que não se pode traduzir na minha língua. Parece fácil, nada mais do que o contrário de um encontro. Mas o que é o contrário de um encontro? Ainda hoje não o sei dizer. Não sei se será uma colisão, uma disputa, ou um afastamento, se é algo de físico ou mais mental, se a palavra indica o momento em que nos separamos ou mais um perder-se de vista lento e silencioso? Se será um não se encontrar por causas de força maior ou por uma decisão ciente de duas pessoas? Duas? Ou mais? Não sei, mas o mistério desta palavra assusta-me. Uma vez pedi ao Diogo para me explicar o que era um desencontro para ele. Não ajudou muito. Em frente de uma imperial declarou-me, com ar muito sério:

é quando tipocombinamosumacena-eaconteceumamerdaqualquerenãopodemosir, tás a ver? Não se apercebem da poesia. Há outras palavras que me perturbam. Todas começam por *des*. Desconversar, desencaminhar, desviar, desavir... Mas *desencontro* é a pior de todas. Não sei se foi um desencontro, entre B. e eu. Provavelmente sim, o que quer que tal signifique.

Finalmente, encontrámo-nos. Foi na cela, o outro dia. No início eu não conseguia falar. Ela sabia exatamente onde começava e onde acabava a minha competência na sua língua. Sorria. Mas não era a incompetência que me emudecia. Era o aperto no pescoço. Tudo quanto queria dizer esmigalhava-se-me na gar-

ganta antes de sair. Só depois de algum tempo conseguimos comunicar. Com poucas palavras e muitos olhares, uma vez depostas as armas da gramática. Entretanto, as paredes da cela estreitavam-se cada vez mais, mas sentia-me bem e ela parecia descontraída. De repente começou a rir. Riu-se forte, como se estivesse a libertar-se de algum monstro que, espasmodicamente, saía das suas gargalhadas. Porquê? Não percebia a razão de tanto riso. Pus a minha mão devagar por cima da sua boca com um gesto fraco, como para calá-la. Continuou a rir-se dentro da minha mão, invadindo-me de calor. Fechei os olhos. Precisava de música. Louis Moholo. Não conseguia lembrar-me da melodia. Não conseguiria sair da cela. Billie Holiday. You go to my head? Isto ajuda, às vezes, eu sei, já tentei, já saí da cela graças à Billie. Nada. Não. Não me vinha à cabeça a melodia. De repente B. deixou de rir. E eu precisava de ar. Estava terrivelmente envergonhado. Tirei a mão da sua boca e já não sabia onde pô-la. No bolso? A atormentar as botoeiras do casaco? Já não me lembrava onde tinha deixado os óculos, tudo me deslizava das mãos e da vista. De repente não sabia quem era, o que fazia ali, o que deveria dizer e B., parada à minha frente, com o olhar perdido aigures entre o meu nariz e a minha boca. You go to my head, and you linger like a haunted refrain, and I find you spinning round in my brain, like the bubbles in a glass of champagne. Eis Billie Holiday, eis a melodia. Já podia dar uns passos para a saída. Fugir. You go to my head, with a smile that makes my temperature rise, like a summer with a thousand july, you intoxicate my soul with your eyes. Estava fora. Suspiro.

O mar, de novo o mar, sempre recomeçado. Vento fresco, cheiro a sal-sugem. A vida do lado de fora retoma o seu espaço, violentamente. Agora já falo com o islandês. Não é bem islandês, vem de Cuba no Alentejo, confesso que perdeu um pouco do seu charme. Já faíei também com a caixeira mas não tive a coragem de lhe perguntar coisas íntimas. Falámos do preço dos cereais e das propriedades nutritivas da beterraba. Melhor que nada. Não sei se devo con-

tinuar nesta minha reclusão ou, então, voltar à cidade. Ainda tenho medo dos interrogatórios. Ainda receio os fantasmas. A solidão não ajudou a ultrapassar tudo isso. hei de encontrar outra maneira para sair daí. Não tenho notícias reais de B. Pergunto-me o que estará a ler, por que autor estará a perder a cabeça. Será um autor bom, fiável? Ou, quiçá, demasiado comercial? Estranho não estar atualizado sobre as suas leituras.

Não preciso dela. Por vezes, pensamos que precisamos de alguém mas, na verdade, só precisamos de nos sentir como esta pessoa nos faz sentir. Podemos, no fundo, encontrar outras maneiras de nos sentirmos assim. Leves, risinhos, encantados. Na realidade preciso dela, e só dela. Como pessoa. Gosto do seu mundo. Quero dizer-lhe que o seu universo é lindo, que como um astronauta da memória gostava de exporá-lo, queria ensinar-lhe a minha língua, comer o pequeno-almoço com pão e manteiga conversando dos sonhos da noite, viajar com ela, perdermo-nos numa ilha qualquer, escrever cartas, boiar na felicidade. Em suma, sentir-me vivo. Mas a vida é real e de viés, dizia uma canção do Caetano. E quem sabe quantos interrogatórios e quantas imperiais ainda hei de beber sozinho, em frente ao mar antes de, um dia, poder voltar a vê-la.

Serena Cacchioli: Nasceu em Parma (Itália) em 1986. Neste momento está no segundo ano de doutoramento em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa, é licenciada na Escola para Intérpretes e Tradutores de Trieste, Itália e tem um mestrado em Tradução literária e de ensaios da Universidade de Pisa. Ensinou língua italiana em Manosque, França, em 2011; colaborou com algumas editoras italianas como tradutora e leitora de romances em língua original (francês e português), faz parte do coletivo de tradução franco-italiano MERIDIEM e colabora ocasionalmente com algumas revistas literárias online.

– Mas porquê português? Porque não italiano?
– Italiano é falado na Itália. Português é a língua oficial de Portugal, Brasil e alguns países africanos – explico com paciência.

– Ainda mais pessoas na Polónia sabem dizer *buongiorno* que *bom dia*.

Mas eu sabia que este dia chegaria. O dia em que ouviria na rua não inglês, não alemão, não italiano, mas português. O dia em que o meu conhecimento da segunda língua mais bonita do mundo (primeiro é polaco, claro) seria imprescindível. E chegou. Começou como um dia normal.

Todos chegamos à aula de história de Portugal muito bem preparados, isto é, a trazendo café. Senti o cheiro leve de chocolate. Alguém à direita bebia mocaccino. À esquerda cheiro forte de açúcar. Um capuccino muito doce?

Abri o meu caderno bonito. No início do primeiro ano pedi aos meus colegas que escrevessem umas palavras em português na primeira folha. Todos escreveram o nome do nosso professor com um coração ao lado.

Bem, onde estamos hoje? Ou, *quando* estamos? Século XVI. O Império Português. Ainda não se pensava que o único que ficaria do império seriam as piadas: *Portugal – fomos uma potência mundial. Durante cinco minutos*. Nem se sabia que o rei jovem e homo...

– Não têm de escrever isto – disse o professor. Pois, que o mito de Dom Sebastião permaneceria mais de cinco minutos. Coitado só queria expandir a Fé, conquistar o mundo e sonhou com batalhas contra os mouros na África. Agora é culpado de todos os erros de Portugal dos últimos quatro séculos. Há pessoas que não acreditam na sua morte na batalha em Alcácer-Quibir em 1578 e esperam o seu regresso. Um velhote de 500 anos... 400? Se soubesse matemática, não estudaria na faculdade de letras. O velhote vai regressar, salvar o país e reconstruir o império. Mas pois, se o Elvis está vivo, porque não Dom Sebastião?

Acabou. Estou a falar sobre o meu café, o que significa que estamos a metade da aula. Não quero dizer que não gosto de história de Portugal, só que... Pois, não o quero dizer. No entanto, há uma coisa que eu gosto imenso: depois desta aula acabar, o mundo parece ainda mais bonito.

O sol brilhava, os pássaros cantavam, os estudantes queixavam-se da falta da motivação para estudar. De repente viu. Um louro de vinte e tal anos, vestido como se participasse numa reconstrução histórica. Não sei de que século, pois o meu conhecimento da história da moda, ou de qualquer aspeto da história é... podem imaginar.

Mas ele estava sozinho. Adepto de um estilo original? Hoje em dia a originalidade é pouco original. Parecia perdido, olhava por todos os lados com medo. Esta cara. Tive certeza de que já o tinha visto.

A curiosidade venceu a fome. Em vez de ir para casa, aproximei-me dele e perguntei-lhe em polaco se precisava de ajuda. Não pude ficar mais surpreendida com a sua resposta.

– Não percebo – disse em português.

– Perguntei se te podia ajudar. Procuras algum edifício ou faculdade?

– Ale dlaczego portugalski? Dlaczego nie włoski?
– Po włosku mówi się we Włoszech. Portugalski jest językiem urzędowym w Portugalii, Brazylii i kilku krajach afrykańskich – tłumaczę cierpliwie.

– I tak więcej osób w Polsce zrozumie *buongiorno* niż *bom dia*.

Ja jednak wiedziałam, że ten dzień nadejdzie. Dzień, w którym usłyszę na ulicy nie angielski, nie niemiecki, nie włoski, ale właśnie portugalski. Dzień, gdy moja znajomość drugiego najpiękniejszego języka na świecie (pierwszy jest oczywiście polski) okaże się niezbędną. I nadszedł. Zaczął się zupełnie normalnie.

Zjawiliśmy się na zajęciach z historii Portugalii świetnie przygotowani, czyli każdy z nas z kubkiem kawy. Poczulałam lekki zapach czekolady. Ktoś po prawej musiał pić mocaccino. Po lewej ciężki zapach cukru. Czyżby wyjątkowo słodkie capuccino?

Otworzyłam mój przepiękny zeszyt. Na początku pierwszego roku poprosiłam znajomych, żeby mi powypisywali kilka słów po portugalsku na pierwszej stronie. Wszyscy wpisali imię naszego wykładowcy ozdabiając je serduszkami.

Dobrze, a więc gdzie jesteśmy dzisiaj? A raczej, *kiedy* jesteśmy? Wiek XVI. Portugalskie imperium. Wtedy nie myślano nawet, że jedyne, co z niego pozostanie to żarty: *Portugalia – byliśmy światową potęgą. Przez jakieś pięć minut*. Nie wiedziano również, że pewien król, młody i homo...

– Nie muszą państwo tego pisać – powiedział wykładowca. Zatem nie wiedziano, że mit o królu Sebastianie przetrwa trochę dłużej niż pięć minut. Biedaczek chciał tylko szerzyć wiarę, podbijać świat i walczyć z Maurami w Afryce. Teraz jest winny za całe zło, które spotkało Portugalie w przeciągu ostatnich czterech stuleci. Co niektórzy nie wierzą w jego śmierć w Al-Kasr al-Kabir w 1578 roku i oczekują jego powrotu. Pięćsetletni... czterystuletni? Jakbym umiała liczyć, to bym nie studiowała na wydziale humanistycznym. Bardzo stary staruszek powróci, ocali kraj i odbuduje imperium. Ale skoro Elvis żyje, dlaczego nie Sebastian?

Koniec. Mówię o kawie, a to oznacza, że jeszcze drugie tyle wykładu przed nami. Nie chcę powiedzieć, że nie lubię historii Portugalii, tylko... no, nie chcę tego powiedzieć. Jest natomiast jedna rzecz, którą wręcz uwielbiam: po tych zajęciach cały świat wydaje się piękniejszy.

Słońce świeciło, ptaszki ćwierkały, a studenci skarżyli się: *żeby mi się tak chciało, jak mi się nie chce*. Nagle go zobaczyłam. Na oko dwudziestokilkuletni blondyn, ubrany jakby się urwał z jakiejś rekonstrukcji historycznej. Nie wiem, z którego wieku, moja znajomość historii mody czy jakiegokolwiek innego aspektu historii jest... chyba już wiecie.

Nie miał jednak towarzystwa. Lubił się ubierać oryginalnie? W dzisiejszych czasach oryginalność jest mało oryginalna. Wyglądał na zagubionego, spoglądał ze strachem we wszystkie strony. I ta twarz. Byłam pewna, że skądś ją znam.

Ciekawość zwyciężyła głód. Zamiast iść dalej do domu, podeszłam do niego i zapytałam po polsku, czy potrzebuje jakiejś pomocy. To, co usłyszałam nie mogło mnie bardziej zaskoczyć.

– Faculdade? E onde estão os mouros? O meu exército? Os meus 500 navios? O que é isto? – mostrou tudo à nossa volta. Já sabia onde tinha visto esta cara – no meu manual de história de Portugal. Sabia que isto era uma loucura. Uma verdadeira loucura. Ou este rapaz era drogado ou eu, ou o meu livro.

Na infância trazia para casa muitos animais que os meus pais nunca me permitiam manter. E se trouxesse o rei português desaparecido na África no século XVI? O que vou dizer? Que tem uma asa partida e não pode voar? Vou pensar depois de comer. Convidei Sebastião para minha casa; no início hesitou, mas consegui convencê-lo:

– Se não vens comigo, o que vais fazer? Além disso, não comes nada há 400 ou 500 anos.

– Há quantos anos?!

– Deveria explicar-te algumas coisas...

Dom Sebastião acreditou mais ou menos nas minhas palavras. Aceitou onde e quando estava, pois, o que podia fazer? O mais difícil foi explicar-lhe que o meu tratamento por tu não era nada ofensivo.

Quando entramos na minha casa abriu tanto os olhos que até temia que os seus globos oculares iam sair do lugar. E o que eu teria feito naquela situação? Mas se ele fosse de outros tempos, seria possível fazer-lhe algum dano? Claro que não o quis verificar, somente esta ideia passou pela minha mente.

Sebastião parou no centro da sala e lentamente começou a virar a cabeça. Tudo era estranho para ele. Parecia o Scrat do filme *A idade do Gelo*. Dei uma gargalhada.

– De que estás a rir? – perguntou com uma cara séria Dom Sebastião.

– Pareces o Scrat – expliquei.

– O quê?

– Não importa – sem prolongar a conversa sai da sala para deixar a mala no meu quarto. Ao voltar ouvi alguns vozes que não havia antes. Aparentemente observar não foi suficiente para Sebastião e começou a tocar nas coisas. Como uma criança – não o posso deixar sozinho por um momento. Não se passou nada perigoso, ele simplesmente ligou o rádio.

– O que estás a fazer? – perguntei preocupada. Sebastião estava ajoelhado no chão, a olhar para a janela.

– Deus fala comigo! – gritou com paixão.

– Ah, Deus... – hesitei por uns segundos. – E o que diz?

Como o locutor... digo Deus falava polaco, Sebastião não fazia nenhuma ideia que anunciava que fomos ouvir uma canção muito popular na Polónia *Ona tańczy dla mnie*. A minha paciência para coisas estranhas esgotou-se. Aproximei-me do rádio e desliguei-o.

– O que fizeste?! – perguntou o rei com ressentimento e olhou para mim como se fosse uma bruxa que deveria ser queimada na fogueira.

– Eu? Nada. Deus tem de falar com outras pessoas também – expliquei para salvar a minha vida.

– Mas eu sou rei!

– Para Deus todos são iguais – disse antes de pensar se não arriscava a minha vida outra vez com esta frase. Rapidamente mudei o tema. – Sabes alguma coisa sobre a Polónia?

– A República das Duas Nações? – fez uma pausa, como se

– Nie rozumiem – odpowiedział po portugalsku, więc i ja się przestawiłam na ten język.

– Zapytałam, czy mogę ci pomóc. Szukasz jakiegoś budynku czy wydziału?

– Wydziału? A gdzie Maurowie? I moja armia? I moich 500 statków? Co to jest? – wskazał na wszystko dookoła. Już wiem, gdzie widziałam tę twarz – w moim podręczniku do historii. Wiedziałam, że to jakieś szaleństwo. Czyste szaleństwo. Albo ten chłopak był naćpany albo ja, albo moja książka.

W dzieciństwie znosiłam do domu mnóstwo zwierząt, których rodzice nigdy nie pozwalali mi zatrzymać. A gdybym tak przyprowadziła portugalskiego króla zaginionego w Afryce w XVI wieku? I co im powiem? Że ma złamane skrzydło i nie może latać? Pomyślę jak coś zjem. Zaprosiłam Sebastiana do domu, z początku zawahał się, ale udało mi się go przekonać:

– Jeśli nie pójdziesz ze mną, to co zrobisz? Poza tym nic nie jadłeś od 400 czy tam 500 lat.

– Ilu?!

– Chyba muszę ci wytłumaczyć kilka rzeczy.

Król Sebastian mniej więcej uwierzył w to, co mu opowiedziałam. Zaakceptował to, gdzie i kiedy się znajdował, w końcu co mógł z tym zrobić? Najtrudniejsze było wytłumaczenie mu, że nie obrażam go, zwracając się do niego jak do rówieśnika, a nie jak króla.

Kiedy weszliśmy do mieszkania jego oczy zrobiły się tak wielkie, że wyglądały, jakby miały zaraz wyjść z orbit. I co ja bym wtedy zrobiła? Zakładając jednak, że pochodzi on z innych czasów to czy w ogóle można mu zrobić krzywdę? Oczywiście nie chciałam tego sprawdzać, jednak ten pomysł sam przemknął mi przez głowę.

Sebastian zatrzymał się na środku salonu i zaczął powoli obracać głowę. Wszystko było dla niego dziwne. Przypominał Wiewióra z *Epoki lodowcowej*. Zachichotałam.

– Z czego się śmiesz? – zapytał z poważną miną król Sebastian.

– Przypominasz Wiewióra – wyjaśniłam.

– Co?

– Nieważne – ucięłam temat i wyszłam z salonu, żeby zostawić torbę w moim pokoju. Wracając usłyszałam jakiś głos, którego wcześniej nie było. Najwyraźniej obserwowanie nie wystarczyło Sebastianowi i zaczął dotykać różnych rzeczy. Jak dziecko – nie można go zostawić na moment bez opieki. Nic mu nie groziło, włączył tylko radio.

– Co robisz? – zapytałam zaniepokojona. Sebastian klęczał na podłodze i wpatrywał się w okno.

– Bóg do mnie przemawia! – wykrzyknął z pasją w głosie.

– Aha, Bóg... – zawahałam się na kilka sekund – I co mówi?

Ponieważ spiker... znaczy Bóg mówił po polsku, Sebastian nie miał pojęcia, że właśnie zapowiadała popularną w Polsce piosenkę *Ona tańczy dla mnie*. Wyczerpała się moja cierpliwość dla dziwnych rzeczy. Podeszłam i wyłączyłam radio.

– Co zrobiłaś?! – zapytał oburzony król i spojrzał na mnie jakbym była jakąś wiedźmą, którą trzeba spalić na stosie.

– Ja? Nic. Bóg musi porozmawiać też z innymi ludźmi – wyjaśniłam, żeby ratować swoje życie.

– Ale ja jestem królem!

quisesse lembrar algum facto do passado remoto. – Sim, co-nheço. É o maior país de Europa, muito rico, com a nobreza numerosa e com grande poder na arena internacional. A meu ver, são demasiado tolerantes permitindo existir tantas crenças e religiões.

O meu país tão bonito...era. Em geral Sebastião tinha razão. Se calhar com exceção deste fragmento sobre a riqueza, nobreza, poder e tolerância.

– Sim... mas não. A República das Duas Nações já não existe. A Polónia, e Portugal também, mudaram muito desde o século XVI. Já não são monarquias.

– Queres dizer que sou rei de um reino que não existe?

Antes de que eu pudesse responder, o que não quis fazer, a minha mãe entrou com duas porções de *pierogi ruskie* – um prato tradicional polaco, cujo nome faz pensar em Rússia apesar de não ser relacionado com este país de nenhuma maneira.

– O que é isto? – olhou com curiosidade para os pastéis de massa recheados com batata, requeijão e cebola. Tive de explicar-lhe exatamente o que estava dentro porque não queria comer sem saber o que era. A primeira coisa lógica que ele fez. E quando começou a comer não parou até terminar o último *pieróg*. Parece que gostou da gastronomia polaca.

– Tens uma boa cozinha.

– Não é a cozinha, é a minha mãe.

– Pois, é a mesma coisa. Seja quem for, cozinha muito bem.

Senti-me muito orgulhosa que o rei de Portugal do século XVI elogiou o talento culinário da minha mãe. É pena que ela nunca vai saber disso.

Depois de comer fomos à cozinha para tomar café. Sebastião ficou interessado pelo que eu fazia.

– O que é isso? – perguntou Sebastião, apontando para uma caixa de fósforos.

– Fósforos. Podes brincar, mas por favor, não me queimes a casa.

Sebastião com um sorriso, começou a brincar.

– Magia! – sussurrava de vez em quando. Depois da fase de fascínio a sua pergunta quebrou o silêncio.

– Que país é agora o mais importante do mundo, que tem mais poder?

– Sei lá... Os Estados Unidos. – Pus duas colheres de café na chávena. – Queres? – mostrei o café a Sebastião, mas ele respondeu que não, agitando a cabeça.

– O que é isso?

– As antigas colónias inglesas na América.

– América? E o que se passou com o Brasil?

Como explicar isto de forma delicada?

– É um país independente desde o século XIX. E as vossas colónias na África são independentes desde os anos 70 do último século, quer dizer, do século XX.

– A minha pátria perdeu tudo pelo que eu lutei? – perguntou com uma cara triste.

– Sim... – tomei um gole do café. – Olha, queres ir comigo à universidade?

– Para quê? – perguntou resignado.

– Tenho aulas. Estou a estudar filologia ibérica, os meus amigos também falam português. Além disso, vais animar-te!

– Dla Boga wszyscy są równi – powiedziałam zanim się zstanowiłam, czy tym zdaniem nie ryzykuję znowu życia. Szybko zmieniłam temat. – Wiesz coś o Polsce?

– Rzeczpospolitej Obojga Narodów? – zrobił przerwę, tak jakby chciał przypomnieć sobie coś z odległej przeszłości. – Tak, wiem. To największy kraj w Europie, bardzo bogaty, z ogromną liczbą szlachty i z dużą siłą na arenie międzynarodowej. Jak dla mnie jesteście zbyt tolerancyjni, pozwalając, żeby w kraju było tyle różnych wierzeń i religii.

Mój kraj taki piękny... był. Ogólnie wszystko się zgadzało. Może poza tym fragmentem o bogactwie, szlachcie, sile i tolerancji.

– Tak... Ale nie. Rzeczpospolita Obojga Narodów już nie istnieje. Zarówno Polska jak i Portugalia bardzo się zmieniły od XVI wieku. Już nie są monarchiami.

– Chcesz powiedzieć, że jestem królem królestwa, które nie istnieje?

Zanim mogłam odpowiedzieć, czego nie chciałam robić, weszła moja mama z dwoma talerzami pierogów ruskich – tradycyjnego polskiego dania, którego nazwa kojarzy się z Rosją, chociaż nie ma z tym krajem nic wspólnego.

– Co to jest? – przyglądał się z zaciekawieniem porcją ciasta wypełnionym ziemniakami, białym serem i cebulką. Musiałam mu wytłumaczyć, co było w środku, bo inaczej nie chciał jeść. To pierwsza logiczna rzecz, jaką zrobił. I jak już zaczął jeść to nie przerwał dopóki nie skończył ostatniego pieroga. Chyba mu posmakowała polska kuchnia.

– Masz dobrą kucharkę.

– To nie kucharka, tylko moja mama.

– Obojętnie. Kim by nie była, świetnie gotuje.

Rozparła mnie duma, że portugalski król z XVI wieku wychwalał talent kulinarny mojej mamy. Szkoda, że ona się o tym nigdy nie dowie.

Po obiedzie udaliśmy się do kuchni po kawę. Sebastiana zainteresowało to, co robiłam.

– Co to jest? – spytał wskazując na pudełko zapalek.

– Zapalki. Możesz się pobawić, tylko proszę cię, nie spal mi domu.

Sebastian uśmiechając się szeroko, zaczął się bawić.

– Magia! – szeptał pod nosem co jakiś czas. Kiedy minęła faza fascynacji jego pytanie przerwało ciszę.

– Który kraj jest teraz najważniejszy na świecie i ma największą władzę?

– Czy ja wiem... Stany Zjednoczone – wysypałam dwie łyżeczki kawy do filiżanki. – Chcesz? – wskazałam na kawę, ale Sebastian potrząsając głową, odmówił.

– Czyli?

– Dawne kolonie angielskie w Ameryce.

– W Ameryce? A co się stało z Brazylią?

Jakby mu to delikatnie powiedzieć?

– To niepodległy kraj od XIX wieku. Wasze kolonie w Afryce są niepodległe od lat siedemdziesiątych ubiegłego stulecia, czyli XX wieku.

– Moja ojczyzna straciła wszystko o co tak dzielnie walczyłem? – zapytał smutny.

– Tak... – Upiłam łyk kawy. – Słuchaj, chcesz iść ze mną na

– Finges ser um homem para poder estudar na universidade?

A sua pergunta deixou-me boquiaberta. O meu estilo não é especialmente feminino até nos meus tempos mas pode-se ver claramente que sou mulher e não finjo nada. É tão estranho para mim o que lhe estranha. Não lhe interessam tanto os aparelhos eletrónicos porque não percebe nada disso. Entende o que significa *mulher estuda na universidade* e acha isto mais curioso do que um carro por exemplo.

– As mulheres também podem estudar na universidade. Temos os mesmos direitos. Além disso, a minha universidade tem o nome de Maria Curie-Skłodowska, a famosa cientista.

Mais uma vez abriu muito os olhos.

– Que tempos tão estranhos! – gritou.

– Então, vens comigo? – Isto não foi uma pergunta, foi um convite que ele não pôde recusar. Por isso, não esperei a resposta de sua alteza real. – Só temos um problema: não podes andar vestido assim. – Saí da cozinha e tirei do armário alguma roupa do meu irmão. Que sorte que são mais ou menos da mesma altura.

– Porque não?

– Porque usas esta roupa há 400 anos.

– E? Ainda está boa.

– Não! – Atirei-lhe umas calças. Pensei que ele sentir-se-ia melhor com algo do meu armário, mas ele já chamava suficientemente a atenção. Experimentou o que eu escolhi e depois de uns minutos estava pronto para sair.

Abri a porta do Instituto para o rei. Entrou muito descontente por não ter sido recebido com aplausos. Os meus colegas já estavam lá, entre eles os meus amigos, que ainda não sabiam a verdade sobre o meu *estudante Erasmus*. O Rafał é alto, inteligente, sábio e sóbrio, o contrário do Patryk. A Magda é o meu contrário. Eu uso a roupa que esconde as minhas imperfeições e ela aquela que sublinha as suas *perfeições*. Com certeza, não é um estilo a que Sebastião esteja acostumado.

– É uma desonra! Eu nunca aceitaria que uma dama da minha corte se vestisse desta maneira!

– Aceitarias se não fosses... do século XVI.

Os meus amigos olharam para Sebastião, depois para mim e no fim olharam uns para os outros à procura do sentido. Vou explicar-lhes tudo depois da aula.

Pedi a Sebastião que não dissesse mais nada. E não disse. Pelo menos sobre Magda. Reparou nos quadros nas paredes do instituto e ficou muito impressionado com *as habilidades do copista iluminador e a brancura e limpeza do papel*.

– O que fumaste?

– Patryk!

– O quê? Eu quero o mesmo.

– Fumei? – Sebastião não percebeu.

– Fumaste, bebeste, tomaste... Não me faz diferença.

Patryk... Amo-o muito. De outra forma não o aguentaria. Depois da aula fomos ao parque, onde Sebastião sentiu-se melhor, pois era um lugar mais tranquilo e uma paisagem mais próxima do seu mundo. Atirava pedras às gralha-calvas e aos pombos quando eu contei tudo aos meus amigos. No início não acreditei, mas Sebastião a caçar o jantar convenceu-os.

uniwersytet?

– Po co? – zapytał zrezygowany.

– Mam zajęcia. Studiuję filologię iberyjską i moi przyjaciele również mówią po portugalsku. Poza tym, ożywisz się!

– Udajesz mężczyznę, żeby móc studiować na uniwersytecie?

Szczęka mi opadła. Przyznaję, że mój styl nawet w tych czasach nie jest jakoś szczególnie kobiecy, ale widać wyraźnie, że jestem kobietą i niczego nie udaję. Zdumiewa mnie to, co może zdziwić Sebastiana. Nie interesują go aż tak elektroniczne urzędnictwa, ponieważ nic z tego nie rozumie. Wie, co znaczy *kobieta studiuje na uniwersytecie* i uważa to za ciekawsze niż na przykład samochód.

– Kobiety również mogą studiować na uniwersytecie. Mamy takie same prawa. Co więcej, moja uczelnia nosi imię Marii Curie-Skłodowskiej, kobiety-naukowiec.

Jego oczy zrobiły się jak spodki.

– Cóż za przedziwne czasy! – krzyknął.

– Więc jak, idziesz ze mną? – To nie było pytanie, to było zaproszenie, którego nie mógł odrzucić. Dlatego nie oczekiwałam na odpowiedź jego królewskiej mości. – Mamy tylko jeden mały problem: nie możesz iść tak ubrany. – Wysłałam z kuchni i wyciągnęłam z szafy ubranie mojego brata. Jak to dobrze, że są mniej więcej tego samego wzrostu.

– Dlaczego nie?

– Dlatego, że nosisz te ciuchy od 400 lat!

– I? Nadal są dobre.

– Nie! – rzuciłam spodniami w Sebastiana. Pomyślałam, że lepiej czułby się w czymś z mojej szafy, ale i bez tego zwracał na siebie uwagę. Przymierzył to, co dla niego wybrałam i po kilku minutach był gotowy do wyjścia.

Otworzyłam drzwi instytutu przed królem. Wszedł wielce niezadowolony, że nie został powitany salwą oklasków. Studenci filologii już czekali na zajęcia, a między nimi moi przyjaciele, którzy jeszcze nie znali prawdy o *studencie z Erasmusa*. Rafał jest wysoki, inteligentny, mądry i trzeźwy – przeciwieństwo Patryka. Magda jest moim przeciwieństwem. Ja ubieram się tak, żeby zakryć moje niedoskonałości, a ona, żeby podkreślić swoje *doskonałości*. Zdecydowanie nie jest to styl, do którego przywykł Sebastian.

– To hańba! Nigdy bym nie zaakceptował, aby jakakolwiek dama na moim dworze ubierała się w ten sposób!

– Zzaakceptowałbyś, gdybyś nie był... z XVI wieku.

Moi przyjaciele spojrzeli najpierw na Sebastiana, potem na mnie, a w końcu na siebie nawzajem, szukając w tym jakiegokolwiek sensu. Wszystko im wytłumaczę po zajęciach.

Poprosiłam Sebastiana, żeby już nic nie mówił. Nic nie powiedział. Przynajmniej o Magdzie. Zwrócił uwagę na tablice na ścianach instytutu i zachwycał się *umiejętnościami miniaturzysty oraz czystością i bielą papieru*.

– Coś ty palił?

– Patryk!

– No co? Chcę to samo.

– Paliłem? – Sebastian nie zrozumiał.

– Paliłeś, piłeś, brałeś... Wszystko mi jedno.

Patryk... Kocham go bardzo. Cóż, muszę; inaczej po prostu

– Onde o encontraste? Em Macau?

– Marrocos, Patryk, dom Sebastião desapareceu em Marrocos. – Rafał tinha muita paciência para Patryk. Não só estudam juntos, mas também partilham um quarto na residência de estudantes. O seu terceiro companheiro saiu há algum tempo e não tinha intenção de regressar. Então, eles, ao contrário de mim, podiam oferecer alojamento a Sebastião. Convidaram-no para o seu quarto e, o que era mais importante, o nosso rei concordou permanecer no aposento deles.

No dia seguinte entrei no quarto na residência e, de acordo com as regras da etiqueta, disse *bom dia*.

– Silêncio! – respondeu Patryk sonolento atirando a almofada à minha cara. Ainda bem que não usou uma das garrafas que enchiam o quarto. Isso teria as consequências graves tanto para a minha cabeça como para a sua.

– Onde está Sebastião? – perguntei baixinho a Rafał.

– Voltou para Marrocos.

Dei uma olhada no quarto e pensei que qualquer coisa podia ter acontecido na última noite. Era possível que Sebastião voltasse ao século XVI ou ninguém fizesse a menor ideia do que se tinha passado com o nosso rei. Como se fosse algo novo.

– Decidimos receber o nosso amigo com toda a hospitalidade polaca – contou Rafał. – Chegaram alguns estudantes da residência e como eles não falam português, o Patryk ensinou ao Sebastião algumas palavras em polaco.

Diria que era uma boa ideia, mas foi uma ideia de Patryk. Tive medo de ouvir o que aconteceu depois.

– Por exemplo: *ze mną się nie napijesz?*

Não bebes comigo? – uma pergunta mesmo muito polaca, que não admite resposta negativa.

– Sebastião é um aluno muito bom, praticou toda a noite e começaram problemas.

– Faltaram os materiais para praticar? – perguntei com ironia.

– É o que o Patryk pensou. Quando lhe disse que não, arrançou da minha mão o dinheiro que me tinha dado. O problema foi que chegou também o nosso amigo turco Yavuz. Percebes? Não percebi.

– Às vezes és como o Patryk – disse com compadecimento. Isto foi uma ofensa? Praticamente chamou-me de idiota. Mas por outro lado, não seria um pouco inadequado ficar zangada por ser comparada ao meu amigo? Não sei, vou ofender-me depois.

– Os turcos e os portugueses eram inimigos no século XVI. Estava a explicar ao Patryk que para o Sebastião o facto de que o nosso turco é do século XXI não é importante, quando ouvimos a luta. O Sebastião atacou o Yavuz com uma garrafa.

– E foi agora esconder o cadáver? – gritei.

– Monia, amo-te, mas se continuas a falar tão alto, eu terei de esconder o teu cadáver. – O Patryk acordou. Mais ou menos. – Não, era uma garrafa de plástico. Eu tentei separá-los, mas este rei da festa deteve-me e deu-me com outra garrafa.

– Foi só uma brincadeira. Teria lutado eu se não tivesse visto dois Sebastões e três Yavuzes. Afinal, a única vítima foi o nosso candeeiro. O Sebastião e o Yavuz beberam um pouco mais e dormiram abraçados.

bym go nie zniosła.

Po wykładzie poszliśmy do parku, gdzie Sebastian czuł się lepiej. Było to miejsce bardziej spokojne i podobne do jego świata. Rzucił kamieniami we wrony i gołębie, gdy ja opowiadałam całą historię. Trudno było w nią uwierzyć, ale widok Sebastiana polującego na kolację okazał się bardzo przekonujący.

– Gdzie go znalazłaś? W Makau?

– Maroko, Patryk, król Sebastian zaginął w Maroku. – Rafał miał mnóstwo cierpliwości dla Patryka. Nie tylko studiują razem, ale również dzielą pokój w akademiku. Ich trzeci współlokator wyniósł się jakiś czas temu i nie miał zamiaru wracać. Dlatego oni, w przeciwieństwie do mnie, mogli zaoferować Sebastianowi zakwaterowanie. Zaprośli go do swojego pokoju i, co ważniejsze, nasz król zgodził się zatrzymać w ich izbie.

Następnego dnia weszłam do pokoju i, jak nakazują zasady *savoir-vivre*, powiedziałam *dzień dobry*.

– Cicho tam! – odpowiedział zasnany Patryk rzucając mi w twarz poduszką. I tak dobrze, że nie użył jednej z butelek, które wypełniały pokój. To by miało tragiczne skutki zarówno dla mojej głowy jak i jego.

– Gdzie Sebastian? – zapytałam cichutko Rafała.

– Wrócił do Maroka.

Rozejrzałam się po pokoju i doszłam do wniosku, że wszystko mogło się zdarzyć ostatniej nocy. Możliwe, że Sebastian wrócił do XVI wieku albo nikt nie miał zielonego pojęcia, co się stało z naszym królem. Jakby to było coś nowego.

– Postanowiliśmy przywitać naszego przyjaciela z całą polską gościnnością – opowiadał Rafał. – Przyszli inni studenci z akademika i ponieważ oni nie mówią po portugalsku, Patryk postanowił nauczyć czegoś Sebastiana.

Powiedziałabym, że to dobry pomysł, gdyby to nie był pomysł Patryka. Już się bałam, co było dalej.

– Na przykład *ze mną się nie napijesz?*

No tak, najbardziej polskie pytanie, które nie przyjmuje odpowiedzi negatywnej.

– Sebastian jako przykładowy uczeń ćwiczył przez całą noc i zaczęły się problemy.

– Skończyły się materiały do ćwiczeń? – zapytałam ironicznie.

– Patryk pomyślał to samo. Gdy powiedziałem, że nie o to chodzi wyrwał mi pieniądze wręczone chwilę wcześniej. Problemem było to, że przyszedł nasz przyjaciel Yavuz. Rozumiesz, Turek.

Nie rozumiałam.

– Czasami jesteś jak Patryk – powiedział z politowaniem. To miała być obelga? Właściwie nazwał mnie idiotką, ale z drugiej strony, czy to nie byłoby niewłaściwe obrażać się za porównanie z kimś, kogo uważam za przyjaciela? Nie wiem, obrażę się później.

– Turcy i Portugalczycy byli wrogami w XVI wieku. Właśnie tłumaczyłem Patrykowi, że dla Sebastiana to bez znaczenia, że Turek jest z XXI stulecia, gdy usłyszeliśmy odgłosy walki. Sebastian zaatakował Yavuzę butelką.

– I poszedł teraz ukryć zwłoki?! – krzyknęłam.

– Monia, kocham cię, ale jeśli się nie uciszysz to ja będę

– Tiraste uma foto? – perguntei.

– Não sei.

Do que eu percebi Sebastião não morreu nem matou a nin-guém. Nada mal. De manhã, o Rafał mostrou-lhe o computador, a Internet, um vídeo com Barack Obama. De tudo o que viu, o último foi o mais surpreendente para ele. Mas o que realmente não aguentou foi o conteúdo do Facebook. Disse algo sobre a privacidade e que preferia voltar a Marrocos e fechou a porta.

– Se me lembro bem – disse Patryk – saiu depois de ver a tua namorada no Facebook.

Aparentemente o Sebastião não gostou de Marrocos moderno e voltou para nós. Tínhamos esperança de que gostaria da nossa cidade. Quisemos mostrar-lhe muitos lugares bonitos.

– Aqui?! Em Lublin?

Mas primeiro, tivemos de amordaçar Patryk.

Começamos a visita guiada a partir da Praça da Lituânia. Sebastião ficou realmente interessado pela estátua do Marechal Józef Piłsudski. Queria saber mais sobre esta figura e o Patryk queria mostrar os seus conhecimentos. Infelizmente, não tinha muito para mostrar.

– Ele fez muitas coisas boas pela Polónia.

– Por exemplo?

– Por exemplo introduziu a moda do bigode.

– Boas, Patryk, boas coisas... – Magda tomou a iniciativa e em poucas palavras explicou o seu papel importante na história do século XX na Polónia.

– E esses pássaros? – perguntou Sebastião quase gritando. – É uma vergonha que no monumento de uma pessoa tão nobre haja tantos pássaros! Há que defendê-lo!

– Estou certo que no teu monumento em Lagos há muitas gaiivotas também. – Rafał sabia perfeitamente como distrair a nosso rei.

– Eu tenho um monumento em Lagos? Não me lembro disso.

– Pois tens. – Patryk começou a procurar a fotografia do monumento no seu telemóvel. – Eu diria que não és parecido.

Sebastião olhou para a sua estátua com ar de dúvida.

– Eu sou cem vezes mais bonito do que naquela imagem! É uma calúnia! Ao cadafalso com o arquiteto da minha estátua!

– Sabes que ele viveu há séculos?

– Então o que faço agora? – Sebastião ficou realmente triste por não poder matar o morto matador da sua beleza. Para a tristeza não há nada melhor do que Patryk. Sugeriu ir para a cidade velha comer gofres. Ambos, Patryk e Sebastião, ficaram completamente sujos de nata. O rei gostou muito dos doces mas sublinhou que não eram tão bons como os *pirogi* da minha mãe.

Parecia que já se ia acostumando à nossa realidade quando de repente olhou para o céu e reparou num avião. Ajoelhou-se no pavimento e começou a gritar.

– E isto?! É... é Deus, não é? O meu Deus no meu céu!

– Primeiro, o céu é nosso – disse Patryk. – E segundo, isto não é Deus, são homens.

– Homens no céu! Que piada é esta?

– Olha, nestes tempos o homem já pode voar, só precisa

musiał ukryć zwłoki. – Patryk się obudził. Mniej więcej.

– Nie, to była plastikowa butelka. Próbowałem ich rozdzielić, ale ten tutaj król imprezy mnie powstrzymał i dał jeszcze jedną butelkę.

– To była tylko zabawa. Sam był się przyłączył, gdybym nie widział dwóch Sebastianów i trzech Yavuzów. Ostatecznie jedyną ofiarą była nasza lampka. Sebastian i Yavuz napili się jeszcze trochę i spali przytuleni.

– Zrobiłeś zdjęcie? – spytałam.

– Nie wiem.

Z tego co rozumiałam, Sebastian nie umarł i nikogo nie zabił. Całkiem nieźle. Rankiem Rafał pokazał mu komputer, Internet, wideo z Barakiem Obamą. Ze wszystkiego, co zobaczył to ostatnie było dla niego najbardziej zaskakujące. Jednak tym, czego już nie mógł znieść była zawartość Facebooka. Powiedział coś o prywatności i że woli wrócić do Maroka, i trzasnął drzwiami.

– Jeśli dobrze pamiętam – wtrącił Patryk – wyszedł po tym, jak zobaczył twoją dziewczynę na Facebooku.

Najwyraźniej Sebastianowi nie spodobało się współczesne Maroko i jednak do nas wrócił. Mieliliśmy nadzieję, że spodoba mu się nasze miasto. Chcieliśmy pokazać mu dzisiaj wiele pięknych miejsc.

– Tutaj?! W Lublinie?

Tylko najpierw trzeba zakneblować Patryka.

Zwiedzanie rozpoczęliśmy od Placu Litewskiego. Sebastian był pod wrażeniem pomnika Marszałka Józefa Piłsudskiego. Chciał wiedzieć więcej o tej postaci, a Patryk chciał pokazać swoją wiedzę. Niestety, niewiele miał do pokazania.

– Zrobił wiele dobrych rzeczy dla Polski.

– Na przykład?

– Na przykład wprowadził modę na wąsy.

– Dobrych, Patryk, dobrych... – Magda przejęła inicjatywę i w skrócie wyjaśniła rolę, jaką Józef Piłsudski odegrał w historii Polski.

– A te ptaki? – zapytał Sebastian podnosząc głos. – To hańba, że na pomniku tak zacnej osoby jest tyle ptaków! Trzeba go bronić!

– Jestem pewien, że na twoim pomniku w Lagos też jest dużo mew. – Rafał wiedział jak odwrócić uwagę króla.

– To ja mam pomnik w Lagos? Nie przypominam sobie.

– Owszem, masz – Patryk zaczął szukać zdjęcia pomnika na swoim telefonie. – Powiedziałbym, że nie jesteś podobny.

Sebastian spojrzął na pomnik z powątpiewaniem.

– Jestem sto razy bardziej przystojny niż na tym zdjęciu! To jakaś potwarz! Na szafot z architektem mojego pomnika!

– Ale wiesz, że on żył przed wiekami?

– W takim razie co mam zrobić? – Sebastiana szczerze zasmucił fakt, że nie może uśmiercić martwego mordercy swojej urody. Na smutek nie ma nic lepszego niż Patryk. Zaproponował, żebyśmy poszli na stare miasto na gofry. Obaj, Patryk i Sebastian ubrudzili się cali bitą śmietaną. Królowi smakowały słodczyce, ale podkreślił, że nie były tak dobre jak pierogi mojej mamy.

Wydawało się, że przyzwyczajał się już do naszej rzeczywistości, gdy nagle spojrzął w niebo i zwrócił uwagę na samo-

duma máquina bem preparada. Claro, acontecem acidentes, às vezes morrem centenas de pessoas, mas em geral é...

– Demónios! Diabos! Bruxas! Infames! – o rei interrompeu. Acalmou-se quando o avião desapareceu e Sebastião teve certeza que nada ia cair na sua cabeça.

Decidimos mostrar-lhe algo mais próximo do seu mundo, isto é o nosso bonito castelo construído no século XII. No museu Sebastião ficou muito interessado por uma mesa grande.

– Olha, isto é uma mesinha mesmo boa, não sei exatamente o que faz aqui no meio de nada mas... – disse Patryk. Nunca vai deixar de surpreender-me.

– Por favor, Patryk! Não conheces a lenda sobre Czarcia Łapa?

– Pois sim, sim, claro que conheço! Era uma vez um rei e uma princesa...

– Uma viúva e um nobre, querias dizer, não é? – Magda interveio.

– Sim, isso é exatamente o que disse. Pois, o nobre tratava muito bem a viúva, apaixonou-se por ela, já sabes como é, ou se calhar não sabes, era uma gatinha e ele gostou muito dela.

– Gostou tanto que até a roubou e queimou a sua casa, não é? – Magda estava mesmo irónica. – O nobre roubou a casa da viúva, e então ela foi ao tribunal. Mas, o nobre era muito rico, então pagou a gente para que dissesse que ele estava inocente. Durante o processo todos depuseram como ele queria.

– Sim, mas apareceu um cavaleiro num cavalo e salvou-a! – interrompeu Patryk, feliz como uma criança quando vê um brinquedo novo.

– Ainda não, Patryk, ainda não – disse. – O processo terminou e a viúva, indignada, gritou com a voz cheia de dor: *Até o diabo daria uma sentença mais justa!*

– E então apareceu um homem lindo, um pão! Alto, magro, vestido com uma capa, um homem perfeito! – outra vez Patryk não alterou a lenda.

– Não, apareceu o diabo. – Tanto Patryk como Dom Sebastião ficaram surpreendidos.

– Isto mesmo, pela noite, quando apareceu a lua, ao tribunal chegaram várias pessoas, todas misteriosas – Magda continuou. – Foram diretamente à sala do tribunal e, magicamente, apareceram ali também a viúva, o nobre e todas as pessoas que estavam presentes durante o processo. O julgamento foi feito uma vez mais, por estas pessoas misteriosas e, o mais importante, foi um processo justo, e...

– E disseram que a viúva estava inocente! – Patryk gritou com satisfação.

– Quando leram a sentença, um dos juizes, para confirmá-la, pôs a sua mão na mesa que ficou impressa a fogo. Então todos perceberam o que suspeitavam desde o princípio – que o juiz era o diabo. Jesus na cruz virou a cabeça para não ter de ver como o diabo foi mais justo do que a sua gente.

– E o que se passou com a viúva? – perguntou Sebastião, muito curioso.

– Viveu feliz para sempre – disse.

– Como? Não a queimaram na fogueira?

– Porquê? Era inocente. – Magda parecia igualmente confusa como o resto de nós.

lot. Upadł na kolana i zaczął krzyczeć.

– I to? To... To Bóg, prawda? Mój Bóg na moim niebie!

– Po pierwsze, niebo jest nasze – powiedział Patryk. – I po drugie, to nie Bóg, to tylko ludzie.

– Ludzie na niebie! To jakiś żart?

– W dzisiejszych czasach człowiek może latać. Potrzebuje odpowiednio przygotowanej maszyny i fru! Oczywiście, zdarzają się wypadki, umierają setki ludzi, ale ogólnie...

– Demony! Diabły! Wiedzmy! Niegodziwcy! – przerwał mu król. Uspokoił się dopiero, gdy samolot zniknął i Sebastian miał pewność, że nic nie spadnie mu na głowę.

Postanowiliśmy pokazać mu coś bardziej zbliżonego do jego świata, czyli nasz piękny zamek zbudowany w XII wieku. W muzeum uwagę Sebastiana przykuł duży stół.

– Posłuchaj, to jest bardzo dobry stoliczek, co prawda nie wiem, co on tu robi pośrodku niczego, ale... – powiedział Patryk. Nigdy nie przestanie mnie zaskakiwać.

– Proszę cię, Patryk! Nie znasz legendy o Czarciej Łapie?

– Znam, oczywiście, że znam! Dawno, dawno temu był sobie król i księżniczka...

– Wdowa i szlachcic, chciałeś chyba powiedzieć – wtrąciła Magda.

– Tak, dokładnie to powiedziałem. Więc szlachcic dobrze traktował wdowę, zakochał się w niej, wiesz jak to jest, a może i nie wiesz, była z niej niezła laleczka i wpadła mu w oko.

– Tak bardzo ją lubił, że ją okradł i spalił jej dom, czyż nie? – Magda nie szczędziła ironii. – Szlachcic splądrował dom wdowy, więc poszła do sądu. Jednak, jako że szlachcic był bardzo bogaty zapłacił ludziom, żeby zaświadczyli o jego niewinności. W trakcie procesu wszyscy zeznali tak, jak sobie tego życzył.

– Tak, ale pojawił się rycerz na białym koniu i ją uratował! – wtrącił Patryk, szczęśliwy jak dziecko, gdy widzi nową zabawkę.

– Jeszcze nie, Patryku, jeszcze nie – powiedziałam. – Proces zakończył się, a oburzona wdowa krzyknęła głosem pełnym bólu: *Sam diabeł wydałby bardziej sprawiedliwy wyrok!*

– I wtedy pojawił się przystojny mężczyzna, ciasteczko, wysoki, szczupły, ubrany w pelerynę, facet idealny! – po raz kolejny Patryk spudłował.

– Nie, pojawił się diabeł. – Zarówno Patryk jak i król Sebastian byli zaskoczeni.

– W rzeczy samej. W nocy, kiedy na niebie pojawił się księżyc, do sądu wkroczyło kilka tajemniczych osób – kontynuowała Magda. – Skierowali się od razu do sali sądowej i w jakiś magiczny sposób pojawili się tam również wdowa, szlachcic i wszystkie osoby obecne podczas procesu. Przeprowadzono go po raz kolejny, ale tym razem sędziami były tajemnicze stworzenia. Ten proces był sprawiedliwy i...

– I powiedzieli, że wdowa jest niewinna! – Patryk krzyknął z satysfakcją.

– Kiedy ogłosili wyrok, jeden z sędziów, aby go potwierdzić położył swoją dłoń na stole i wypalił na nim jej odcisk. Wtedy wszyscy zrozumieli to, co podejrzewali od początku: sędzia był diabłem. Jezus na krzyżu odwrócił głowę, żeby nie patrzeć na to, że diabeł był bardziej sprawiedliwy niż jego

O REGRESSO DO REI

– Mas tratava com o diabo! Neste país não se castiga por tratar com diabos?! Que tipo do reino é?

– Já passou muito tempo desde que se castigava desta maneira e por esse tipo de coisas. Agora temos toda a liberdade, pode-se crer no Diabo, em Deus, no Monstro do Esparguete Voador, em...

– No rei de Portugal, peço desculpa, morto em Marrocos, que reapareceu na Polónia depois de quatro séculos – continuou o Rafał. – Gostariam de dar um pequeno passeio? Pode-mos ir ao jardim botânico e depois voltar à residência.

– Sim, sim. Este barulho dá-me dor de cabeça. – Dom Sebastião tomou uma decisão rápida.

Pouco depois chegamos ao Jardim Botânico da UMCS. Vi-mos muitas espécies de árvores e flores diferentes. Porém, Sebastião gostou muito dos lagos que se encontram lá.

– Não, hoje não caçamos! – disse Rafał.

– Porque não? – a Patryk agradau-lhe esta ideia. – Olha quantas rãs esperam por nós! Meninas, venham!

Não fomos.

– A cozinheira da Monia vai preparar os *pierogi* com coxas de rãs.

– Parece que esta nos observa. – Patryk mostrou um sapo enorme e repugnante.

– Sebastião, tem mais cuidado com... – disse, mas era demasiado tarde. O animal... não, o monstro saltou da água e atirou-se ao Dom Sebastião.

– Sebastião!

– Monia, Monika – alguém me tocava no braço.

– A minha aula é assim tão chata? – perguntou o professor. Olhei na sua direção completamente surpreendida. Estava de novo na aula de história de Portugal.

– Sim...

– Não!

– Um pouco.

– Ai, alunos, alunos. Para hoje é tudo. Até segunda.

Cheirei o copo. Alguém deitou algo no meu café? Este sonho foi mesmo muito estranho, mas o mundo pareceu-me normal e, como sempre depois da aula da história, bonito. O sol brilhava, os pássaros cantavam, os estudantes queixavam-se da falta de motivação para estudar. De repente vi-o. O louro de vinte e tal anos, vestido como se participasse numa reconstrução histórica.

– Outra vez tu?!

Anna Krupa e Małgorzata Stankiewicz

1º ano de mestrado em Estudos Portugueses

POWRÓT KRÓLA

właśni ludzie.

– A co się stało z wdową? – spytał zaciekawiony Sebastian.

– Żyła długo i szczęśliwie – powiedziałam.

– Jak to? Nie spalili jej na stosie? – twarz Sebastiana wyrażała oburzenie.

– Nie, była przecież niewinna – Magda wyglądała na równie zmieszana co ja i chłopaki.

– Ale spiskowała z diabłem! – krzyknął Sebastian. – W tym kraju nie każe się ludzi za konszachty z diabłami?! Co to za królestwo?

– Minęło już sporo czasu od kiedy karano w ten sposób i za tego typu rzeczy. Teraz jesteśmy wolni, można wierzyć w diabła, w Boga, w Latającego Potwora Spaghetti, w...

– W króla Portugalii, który, za przeproszeniem, umarł w Maroku i pojawił się w Polsce po upływie czterech stuleci – kontynuował Rafał. – Chcielibyście przejść się trochę? Moglibyśmy pójść do ogrodu botanicznego, a potem wrócić do akademika.

– Tak, tak. Głowa mnie rozbolała od tego hałasu – król Sebastian podjął szybką decyzję.

Niedługo potem dotarliśmy do Ogrodu Botanicznego UMCS. Zobaczyliśmy wiele różnych rodzajów drzew i kwiatów. Jednak to jeziora, które się tam znajdowały przykuły największą uwagę Sebastiana.

– Nie, dziś nie będziemy polować! – powiedział Rafał.

– Dlaczego nie? – Patrykowi spodobał się ten pomysł. – Zobacz tylko ile żab na nas czeka! Dziewczyny, chodźcie!

Nie poszłyśmy.

– Kucharka Moni przygotowuje pierogi z żabimi udkami.

– Wygląda na to, że ta nas obserwuje – Patryk wskazał wielką, wstrętną ropuchę.

– Sebastianie, uważaj na... – powiedziałam, ale było już za późno. Zwierzę... Nie, potwór wyskoczył z wody i rzucił się na niego.

– Sebastian!

– Monia, Monika – ktoś potrząsał mnie za łokieć.

– Czy mój wykład jest aż tak nudny? – zapytał profesor. Spojrzałam na niego kompletnie zaskoczona. Znow znalazłam się na zajęciach z historii Portugalii.

– Tak...

– Nie!

– Trochę.

– Oj, dzieci, dzieci. Kończymy na dzisiaj. Do poniedziałku.

Powąchałam kubek. Ktoś mi coś dodał do kawy? Ten sen był naprawdę dziwny, ale świat wydawał się normalny i, jak zawsze po zajęciach z historii, piękny. Słońce świeciło, ptaszki ćwierkały, a studenci skarżyli się: *żeby mi się tak chciało, jak mi się nie chce*. Nagle go zobaczyłam. Na oko dwudziestokilkuletni blondyn, ubrany jakby się urwał z jakiejś rekonstrukcji historycznej.

– Znowu ty?!

Anna Krupa i Małgorzata Stankiewicz

I rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)



Fotografia: Dominika Ładyczna

Fotografia: Jorge Branco

AMOR EM DUAS RODAS

Ela andava pelas ruas de Lisboa. Os seus olhos azuis, fascinados, absorviam até o mais ínfimo pormenor. Prestava atenção a absolutamente tudo, tudo, menos a ele. Ele, sentado na esplanada de um bar, só queria tomar uma cerveja, comer uma bifana e ver o jogo do Benfica com os amigos, mas desde que a viu passar por perto, já sabia, sem explicação nenhuma, que ela seria tudo o que queria observar cuidadosamente o resto da sua vida. Levantou-se da cadeira dando a volta à mesa, e seguiu a rapariga, observando como cada um dos seus movimentos cortava o ar ao seu redor e como o sol emprestava brilho ao seu cabelo dourado e comprido. O passeio pelas ruelas terminou no Terreiro do Paço enquanto o sol vermelho estava a mergulhar no Tejo. Entre o olhar de D. José I e o mar, os seus olhares cruzaram-se pela primeira vez.

Naquele momento aconteceu algo inexplicável. Se não acreditam em amor à primeira vista, não vão acreditar também nisto, mas os olhos azuis e penetrantes fundiram-se nos olhos negros e profundos e, de repente, nasceu o amor. Beijaram-se apaixonadamente sem sequer se conhecer. Pegaram as mãos e caminharam ao longo da beira-mar até ficar sem calçada pela qual andar. Depois do silêncio prolongado ele parou mesmo na frente dela, e acariciando-lhe a cara disse:

– Amo-te.

– Nie rozumiem – respondeu a rapariga num tom de incerteza.

O tempo congelou, quase nada fazia sentido, os seus olhares de amor converteram-se em olhares de terror durante os cinco eternos segundos de silêncio quando assimilei que não têm uma língua em comum. Não queria perdê-la. Estava preocupado e até um pouco amedrontado, mas o sorriso doce da rapariga acalmaria a pessoa mais nervosa do mundo.

MIŁOŚĆ NA DWÓCH KÓŁKACH

Spacerowała ulicami Lizbony. Jej niebieskie, zafascynowane oczy chłoneły każdy, nawet najdrobniejszy szczegół. Zwracała uwagę na absolutnie wszystko, wszystko oprócz niego. On siedział w ogródku barowym, miał ochotę jedynie wypić piwo, zjeść bifanę i obejrzeć z przyjaciółmi mecz Benfiki, ale w momencie gdy przeszła obok... wiedział już, bez żadnego wytłumaczenia, że jest wszystkim, co chciałby oglądać przez resztę swego życia.

Podniósł się i ruszył za nią, patrząc, jak każdy jej ruch delikatnie przecina powietrze, a słońce pożyczca blask jej złotym, długim włosom. Spacer wąskimi uliczkami dobiegł końca przy Terreiro do Paço, w momencie gdy czerwone słońce zanurzało się w Tagu. Gdzieś między morzem a spojrzeniem Józefa I, ich oczy spotkały się po raz pierwszy.

I stało się coś niewytłumaczalnego, jeśli nie wierzycie w miłość od pierwszego wejrzenia, nie uwierzycie i w to, ale przenikliwie niebieskie oczy zatopiły się w głębokim czarnym spojrzeniu i nagle zrodziła się miłość. Pocałowali się namiętnie, nawet się nie znając, podali sobie ręce i spacerowali wzdłuż wybrzeża aż zabrakło im chodnika. Po długim milczeniu zatrzymał się i gładząc jej twarz, wyznał:

– Amo-te.

– Nie rozumiem – odpowiedziała niepewnie.

Czas się zatrzymał, prawie nic nie miało sensu, a tych pięć ciągnących się w nieskończoność sekund ciszy, podczas których zrozumieli, że nie dzielą wspólnego języka, sprawiło, że ich miłosne spojrzenia ustąpiły spojrzeniom pełnym grozy. Nie chciał jej stracić. Był zmartwiony, a nawet trochę przestraszony, ale jej słodki uśmiech uspokoiłby nawet najbardziej nerwową osobę na świecie.

Wrócili na Praça do Comércio. Tam złapała go za rękę, na-

AMOR EM DUAS RODAS

Voltaram para a Praça do Comércio onde ela pegou na mão dele, escreveu um endereço e foi-se embora. Não se preocupou em perguntar nada, disse Adeus e foi contar a sua proeza aos amigos, que ainda estavam no bar. Depois de terminar o relato pegou no copo de cerveja e leu atentamente o endereço que estava escrito na sua pele. Grande foi a sua surpresa quando viu que o endereço não lhe fazia sentido nenhum. No dia seguinte voltou para a Praça do Comércio, mas o que queria encontrar nunca veio. Ficou triste por não prestar suficiente atenção. Escreveu o endereço num pedaço de papel e tentou esquecer, mas no fundo do coração nunca o conseguiu.

Era inverno e apesar de sua cabeça estar a dizer não, o seu coração dizia o contrário e fazia-o caminhar pelas ruas cheias de memórias, que cada vez mais se tornavam numa mancha distante. A praia estava vazia, chovia bastante, andava sem guarda-chuva, quando de repente ouviu um “nie rozumiem”. Correu para o homem que tinha emitido este som e perguntou pelo endereço. Felizmente o homem falava português e explicou o significado das palavras misteriosas. O rapaz correu para o bar onde combinava com os seus amigos. Comeu uma bifana, pediu uma cerveja. Naquele noite o Benfica venceu o Porto por duas bolas a zero. A sua alegria não poderia ser maior, o seu coração batia a mil por hora e parecia que iria sair do peito, porque sim, finalmente sabia aonde tinha de ir – a Polónia. Disse aos amigos que iria viajar para uma cidade chamada Lublin, mas como não tinha dinheiro suficiente para um bilhete de avião e o seu carro estava estragado, iria de bicicleta pasteleira. Eles disseram que estava doído, que uma rapariga que não conhecia não podia valer tanto esforço. Explicou porém que ia também apoiar Portugal no Euro 2012. Então tomou coragem e na manhã seguinte, em Palmela, começou a viagem. Durante 37 dias atravessou os países mais belos, na sua cabeça tinha a ela e logo depois a seleção nacional no Campeonato Europeu de Futebol.

Vão perguntar se conseguiu chegar, se encontrou a rapariga e viu alguns jogos? E o que ela pensou quando o viu? Pensem, o que achariam se um gajo de Portugal, que só viram uma vez na vida, chegasse à porta da vossa casa com uma bicicleta estragada? Provavelmente diriam: está maluco, mas o amor é assim, não há nada lógico ou esquisito.

Posso dizer que veio até à porta e bateu timidamente, a sua barba tinha crescido, a sua pele estava mais bronzeada, mas esperou ser reconhecido. Não me perguntem o que aconteceu depois. Suponhamos que mudaram a cerveja para vodka, bifana para pierogi, sol para neve e futebol para algum desporto de inverno (ou não), mas também viveram felizes para sempre.

Dominika Ładycka e Patrycja Cieśluk

2º ano de mestrado em Estudos Portugueses

O famoso adepto da seleção nacional portuguesa, Jorge Franco, que percorreu em bicicleta 3600 km entre Palmela em Portugal e Opalenica na Polónia em 2012, serviu de inspiração para este conto.

MIŁOŚĆ NA DWÓCH KÓŁKACH

pisała adres i odeszła. O nic nie zapytał, rzekł tylko: Adeus i ruszył w stronę baru opowiedzieć znajomym o swoim wyczynie. Po zdaniu relacji chwycił za piwo, po czym przeczytał dokładnie adres zapisany na dłoni. Jakież było jego zaskoczenie, gdy zdał sobie sprawę, że go nie rozumie. Następnego dnia powrócił na plac, lecz to czego szukał, nigdy nie nadeszło. Smutny, że wcześniej nie zwrócił na to uwagi, zapisał adres na kartce i starał się zapamiętać, ale w głębi serca nigdy mu się to nie udało.

Była zima i chociaż rozum mówił mu nie, serce podpowiadało inaczej, dlatego przechadzał się po ulicach pełnych wspomnień, które stawały się coraz bardziej odległe. Plaża była pusta, padał deszcz, a on chodził bez parasola. Nagle usłyszał Nie rozumiem. Podbiegł do mężczyzny, który wydał ten dźwięk i zapytał o adres. Na szczęście mówił po portugalsku i wyjaśnił, co oznaczały tajemnicze słowa. Chłopak pobiegł do baru, w którym umawiał się z przyjaciółmi. Zjadł bifanę i zamówił piwo. Tej nocy Benfica wygrała z Porto dwa do zera. Jego radość nie mogła być większa, serce biło tak szybko, że miał wrażenie, że zaraz wyskoczy mu z piersi. W końcu wiedział, gdzie ma się udać – do Polski. Powiedział swoim przyjaciołom, że jedzie do miasta o nazwie Lublin, ale ponieważ nie ma wystarczająco dużo pieniędzy na bilet lotniczy, a jego samochód jest uszkodzony, ma zamiar wybrać się rowerem. Mówili, że jest szalony, że dziewczyna, której nawet nie zna, nie jest warta takiego poświęcenia. Wyjaśnił jednak, że przy okazji ma zamiar wspierać Portugalię na Euro 2012. Następnego ranka zebrał się na odwagę i w Palmeli rozpoczął swą podróż.

Spędził 37 dni na przejeżdżaniu przez najpiękniejsze kraje, w myślach mając dziewczynę, a zaraz po niej reprezentację narodową na Mistrzostwach Europy w Piłce Nożnej.

Zapytacie, czy dotarł, czy znalazł dziewczynę i czy obejrzał kilka meczów? I co ona pomyślała, gdy go zobaczyła? Zastanówcie się, co byście pomyśleli, gdyby jakiś chłopak z Portugalii, którego widzieliście raz w życiu, stanął w drzwiach waszego domu z zepsutym rowerem? Prawdopodobnie powiedzielibyście, że jest szalony, ale taka właśnie jest miłość, nie ma w niej nic logicznego czy niezrozumiałego.

Mogę jedynie powiedzieć, że stanął u drzwi, zapukał nieśmiało i choć broda mu urosła, a skóra była bardziej opalona, to miał nadzieję, że zostanie rozpoznany. Nie pytajcie, co wydarzyło się dalej. Możemy przypuścić, że zamienili piwo na wódkę, bifanę na pierogi, słońce na śnieg, a piłkę nożną na jakiś sport zimowy (lub nie), ale przede wszystkim żyli długo i szczęśliwie.

Dominika Ładycka i Patrycja Cieśluk

II rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)

Słynny kibic portugalskiej reprezentacji narodowej, Jorge Franco, który przebył 3600 km między Palmela w Portugalii, a Opalenicą w Polsce w 2012 roku, posłużył jako inspiracja tej opowieści.



Fotografia: Jorge Branco

A MESA

O senhor Pepe era o chefe de mudanças. No início fiquei um pouco assustado porque ele era tão grande como uma montanha e quase todo o seu rosto estava coberto por uma barba negra. Parecia um pirata perigoso dos filmes que eu adorava ver. No entanto, acabou por ser muito agradável, até me deu alguns doces de fruta que escondia no seu bolso. Eu observava com certa curiosidade como Pepe comandava os seus quatro empregados que, com grande esforço, tratavam de colocar uma nova peça de mobiliário na nossa cozinha. Era uma mesa.

A minha mãe, Emmanuella, cujos contos antes de dormir eram os meus favoritos, decidiu renovar a cozinha. Depois de pintar as paredes e o teto, chegou o momento de substituir o mobiliário. Uma mesa tornou-se o mais difícil de encontrar. A minha mãe passou muito tempo na internet, às vezes murmurando: Ikea, vai para o c..., mas eu não entendia o que isto significava. Eu sabia quando não se deveria incomodá-la, então o meu pai e eu escondíamos-nos na nossa pequena biblioteca e ele ocupava-se do seu hobby. Eu gostava de ver como, com os movimentos precisos, colocava as pequenas peças de madeira dentro da garrafa e depois puxava lentamente uma linha fina e o modelo de navio ganhava vida, só para estar preso para sempre no vidro. Às vezes, o meu pai deixava-me fazer isso, porque eu não podia construir o meu próprio navio. Tentei muitas vezes, mas era terrivelmente difícil. O meu pai disse para não me preocupar e uma vez deu-me um pedaço de madeira e uma faca afiada e juntos construímos um pequeno barco. O nosso barco tinha uma vela e até mesmo uma bandeira de pirata! Eu cortei-me e sujei de sangue o barquinho, mas o meu pai sublinhou que cada trabalho exigia sacrifício, e eu senti-me tão adulto. Não dissemos nada à minha mãe.

Lembrei-me do sangue agora, porque o senhor Pepe, ve-

STÓŁ

Szefem drużyny od przeprowadzek był pan Pepe. Na początku trochę się wystraszyłem, bo był wielki jak góra, a prawie całą jego twarz pokrywała czarna broda. Przypominał groźnego pirata z moich ulubionych filmów. Jednak okazał się bardzo miły i nawet dał mi kilka owocowych cukierków, które chował w kieszeni spodni. Z ciekawości patrzyłem, jak dowodzi swoimi czterema pracownikami, gdy zasapani i zdyszani wnosili do naszej kuchni nowy mebel. Był to stół.

Moja mama, Emmanuella, której bajek na dobranoc tak lubiłem słuchać, postanowiła wyremontować kuchnię. Po pomalowaniu ścian i sufitu trzeba było wymienić meble. Najtrudniejszym do znalezienia okazał się właśnie stół. Mama bardzo długo siedziała przy komputerze, czasem mruczając, że gardzi jakąś ikeą, ale nie rozumiałem, o co chodzi. Umiałem poznać, kiedy nie można mamie przeszkadzać, więc razem z tatą nawet nie zaglądaliśmy do gabinetu. Zaszliśmy się w naszej małej bibliotece i tata zajął się swoim hobby. Lubiliśmy patrzeć, jak dokładnymi ruchami wkładał małe, drewniane elementy do buteleczki, a później ciągnie powoli za cienką żyłkę i model statku ożywa: rozkłada żagle i zostaje na zawsze uwięziony w szkle. Czasem tata pozwalał mi to zrobić, bo nie umiałem sam zbudować statku. Próbowałem, ale to było strasznie trudne. Tata powiedział, żebym się nie martwił i raz dał mi kawałek drewna, ostry nożyk i razem wystrugaliśmy małą łódkę. Taką z żaglem ze szmatki i nawet piracką banderą! Skaleczyłem się przy struganiu i zabrudziłem pokład łódeczki, ale tata powiedział, że każda praca wymaga ofiary, a ja poczułem się taki dorosły. Nic nie powiedzieliśmy mamie.

O krwi przypominałem sobie teraz, bo pan Pepe, sprawdzając czy mebel dobrze stoi, zaciął się o coś i kilka kropel spadło na blat. Powiedział przy tym coś głośno, ale nie zro-

A MESA

rificando a posição da mesa, cortou o dedo e algumas gotas caíram sobre o tampo. Ele disse algo em voz alta, mas não o entendi, porque a minha mãe tapou os meus ouvidos. Teve de ser algo feio. O senhor Pepe pediu desculpa e saiu chupando o dedo. Alguns dias depois, o meu pai disse que o senhor Pepe morreu de um ataque cardíaco. Eu não sabia o que é este dumataquecardíaco, mas senti-me triste.

A mesa era bonita, mas eu não sabia porque a minha mãe adorava-a tanto. Umas pernas de metal e um bloco de pedra sobre elas. Tomei coragem e perguntei à minha mãe. Felizmente não se zangou. Sorriu e disse que era uma mesa muito valiosa. A pedra vem dum lugar cujo nome é difícil de pronunciar, e fica longe da nossa cidade, na selva. Antigamente este lugar era sagrado e muitas pessoas iam lá para realizar sacrifícios para os deuses. Assustei-me, mas a minha mãe disse que foi há muito tempo atrás e um dia íamos visitar este lugar. Fiquei feliz e fui ver televisão.

Na quarta-feira à tarde estava sozinho em casa. Às vezes os meus pais deixavam-me sozinho, até mesmo algumas vezes voltei da escola para casa sem a minha mãe! Eu tinha oito anos e já era crescido e a minha mãe costumava dizer que era também muito inteligente. Como sempre, estava a correr em casa com o meu barquinho e imaginar as terras mágicas. Mas não estava completamente feliz, porque já as vi todas. Naquele momento pensei não todas! e corri para a nova cozinha. Subi para cima da mesa e gritei:

-Sou o capitão dos piratas!

E realmente era. A cozinha desapareceu substituída por um grande mar verde e eu estava no comando do navio, igual àqueles que o meu pai costumava construir. Agarrei o leme grande e virei. O navio também virou. Observava como a proa furava as ondas. Eu estava tão feliz! O ar cheirava bem e, ao lado do mais alto mastro, as gaivotas voavam. Num lugar distante reparei numa forma escura. Tinha certeza que era a ilha do tesouro, então virei o barco na sua direção. Aventura!

Emmanuela entrou na cozinha e congelou. O chão estava molhado, o ar cheirava a sal marinho e o seu Rodrigo...o seu pequeno Rodrigo deitado na mesa. Ela correu e agarrou o corpo frio gritando o seu nome. Ele não respirava. Na mão direita segurava o seu barquinho, a sua cara pálida congelada numa expressão de alegria absoluta.

Małgorzata Koprowicz

2º ano de mestrado em Estudos Portugueses

STÓŁ

zumiałem, bo mama zastoniła mi uszy, a potem pogroziła mu palcem. To musiało być coś brzydkiego. Pan Pepe przeprosił i wyszedł, ssąc bolący kciuk. Kilka dni później tata powiedział mi, że pan Pepe zmarł na zawał. Nie wiedziałem, co to ten „nawzał”, ale zrobiło mi się smutno.

Stół był w porządku, ale nie wiedziałem dlaczego aż tak podobał się mamie. Metalowe nogi, na nich szara płyta z kamienia. W końcu zapytałem mamy, choć bałem się, że się obrazi. Na szczęście wcale się nie pogniewała, tylko poczochnęła mnie po włosach i powiedziała, że to bardzo cenny stół. Kamień pochodzi z miejsca, którego nazwę ciężko wymówić, a leży ono daleko od naszego miasta, w dżungli. Kiedyś to miejsce było święte i dużo ludzi tam jeździło, by składać ofiary bogom. Przestraszyłem się, ale mama powiedziała, że to było dawno temu i że jak podrosnę, to mnie tam zabierze na wycieczkę. Ucieszyłem się i poszedłem oglądać telewizję.

W środę po południu zostałem w domu sam. Czasami zostawałem bez opieki, kilka razy nawet wróciłem bez mamy ze szkoły. Miałem osiem lat, byłem już duży i mama mówiła, że bardzo mądry. Jak zwykle biegałem po pokojach z moją łódką i wyobrażałem sobie, że zwiedzam nowe, magiczne krainy. Nie byłem jednak do końca zadowolony, bo wszystkie już widziałem. Wtedy pomyślałem, że przecież nie wszystkie! Pobiegłem do nowej kuchni. Po taborecie wszedłem na stół i krzyknąłem głośno:

- Jestem kapitanem piratów!

I faktycznie nim byłem. Kuchnia zniknęła, zastąpiona przez wielkie, zielone morze, a ja stałem za sterem statku, takiego jak te, które budował tata. Chwyciłem duże koło, skrzyłem i statek też skrzyłem. Widziałem jak dziób przebija fale. Byłem szczęśliwy! Powietrze ładnie pachniało, a przy czubku najwyższego masztu latały mewy. Gdzieś daleko dostrzegłem ciemny kształt. Byłem pewien, że to wyspa skarbów, więc ruszyłem w jej kierunku. Po przygodzie!

Emmanuela przekroczyła próg kuchni i zamarta. Podłoga była mokra, w powietrzu unosił się zapach morskiej soli. A jej Rodrigo, jej mały Rodrigo... Leżał bezwładnie na środku stołu. Podbiegła i chwyciła zimne ciało, wykrzykując jego imię. Nie oddychał. W prawej ręce ścisnął swoją łódeczkę, blada twarz zastygła w wyrazie absolutnej radości.

Małgorzata Koprowicz

II rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)



ENTREVISTA COM KINGA RATAJ

O que é a música? Uma fácil e curta pergunta à qual a maioria das pessoas vai responder que a música é o som tocado ou articulado às vezes enriquecido de letra. Mas será que na realidade a música é só o som e a letra? Quando cogitarmos mais profundamente sobre a resposta admitiremos que a resposta não é tão fácil como pensávamos.

A música são emoções, sentimentos que não se podem expressar com palavras. A música é o caminho para expressarmos o nosso caráter. É o enlace ideal entre as gerações. A música são inúmeros rostos humanos, tons, caracteres que juntos criam algo excepcional e único. Cada nota descreve outro pensamento, cada cadência desperta outra emoção. A música é o único instrumento nas mãos humanas que é capaz de comover mesmo o coração mais impassível. É uma das áreas das belas-artes que tem influência sobre a psique e o comportamento humano.

O fado é deste tipo de música ao lado do qual não se pode passar indiferente. As letras emocionais que falam sobre a saudade, o amor perdido acompanhados pela guitarra portuguesa levam a que mesmo um homem extremamente ocupado pare para um momento da reflexão. O fado é a música que se espalha por cada centímetro do corpo fazendo com que o espetador esteja ansioso pelo próximo som.

Em dezembro fomos testemunhas da enorme influência que tem o fado nos seus ouvintes. Kinga Rataj, uma talentosa fadista polaca, seduziu-nos com o seu canto, introduziu-nos num mundo de sensações sensuais extraordinárias. Hoje temos ocasião de falar com a nossa estrela e perguntar-lhe sobre alguns factos da sua vida.

Quando nasceu o seu amor pelo fado e quando exatamente decidiu que o fado era o que queria fazer na vida?

O amor pelo fado nasceu depois de ouvir os primeiros sons do álbum de Dulce Pontes "O primeiro canto". Então percebi que esta é a melhor maneira de me expressar, quer dizer, expressar as minhas emoções e a música...e assim é até hoje.

Em dezembro pudemos ouvir que canta como uma portuguesa. Onde aprendeu a falar tão bem nesta língua?

No início aprendia o português por minha conta, aproveitando os materiais disponíveis, mas isso não foi suficiente. Fiz amizade com um grupo de estudantes de língua portuguesa da Universidade Jaguelónica e graças à ajuda deles posso aperfeiçoar o meu português.

Quando escolhe o repertório, o que é mais importante? A letra ou a música? Ou ambas as coisas são igualmente importantes?



Fotografia: Lino Matos

WYWIAD Z KINGĄ RATAJ

Czym jest muzyka? Proste i krótkie pytanie, na które większość osób zapewne odpowie, że muzyka to dźwięk grany lub śpiewany, czasami wzbogacony o tekst. Jednak, czy na pewno muzyka to tylko tekst i dźwięki? Gdy zastanowimy się głębiej nad odpowiedzią, zobaczymy, że pytanie wcale nie jest takie proste.

Muzyka to emocje, to uczucia, których nie da się wyrazić słowami. Muzyka to sposób na wyrażenie siebie samego, swojego charakteru. Muzyka to idealny łącznik między pokoleniami, to niezliczone ludzkie twarze, barwy, charaktery, które razem tworzą coś wyjątkowego i niepowtarzalnego. Każda nuta oddaje inną myśl, każdy takt wzbudza inną emocję. Muzyka to jedyne narzędzie w ludzkich rękach zdolne poruszyć nawet najbardziej zatwardziałe serce, to jedna z dziedzin sztuki pięknych, która ma wpływ na psychikę i zachowanie człowieka. Fado jest właśnie tym rodzajem muzyki, obok którego nie da się przejść obojętnie. Emocjonalne teksty opowiadające o tęsknocie, utraconej miłości, przy akompaniamencie gitary sprawiają, że nawet najbardziej zapracowany człowiek przystaje na chwilę refleksji. Fado to muzyka, która przenika każdy centymetr ciała, sprawia, że słuchacz z niecierpliwością czeka na kolejne dźwięki.

W grudniu byliśmy świadkami tego, jak wielki wpływ na słuchacza ma fado. Utalentowana piosenkarka Kinga Rataj uwiodła nas swoim głosem, wprowadziła w świat niezwykłych wrażeń sensualnych. Dziś mamy okazję porozmawiać z naszą gwiazdą, aby zapytać o kilka faktów z życia.

Kiedy narodziła się w pani miłość do fado i kiedy dokładnie podjęła pani decyzję, że fado to, to co chce robić w życiu?

Miłość do fado narodziła się po usłyszeniu pierwszych dźwięków na płycie Dulce Pontes "O primeiro canto". Wtedy wiedziałam już, że to jest mój język, którym najlepiej wyrażę swoje emocje, muzykę. I tak jest do dzisiaj.

W grudniu mogliśmy usłyszeć, że śpiewa pani jak rodowita Portugalka. Gdzie nauczyła się pani tak świetnie mówić w tym języku?

Na początku uczyłam się sama, korzystając z dostępnych materiałów, ale niestety to za mało. Zaprzyjaźniłam się z grupą studentów portugalistyki na UJ-ocie i z ich pomocą doskonale język.

Na co zwraca pani większą uwagę podczas doboru repertuaru, tekst czy muzykę? A może obie rzeczy są równie ważne?

Najpierw dociera do mnie muzyka, niezależnie od języka

O que primeiro chama a minha atenção é a música, em geral a canção... não importa em que língua. Mas ambas as coisas são importantes e geralmente se uma canção é boa cria um todo perfeito.

O que é para si o fado? Pode imaginar passar um dia sem fado, sem cantar?

Para mim o fado é um pouco como um estilo da vida...nas minhas escolhas ouço o meu coração o que às vezes custa muito...dentro de mim tenho uma espécie de tristeza...e sim, não posso imaginar um dia sem cantar, não existem tais dias :-)

Como é que faz para que com a sua voz possa encantar o público inteiro e que mesmo as pessoas que não conhecem português sejam capazes de sentir o sentido da letra e sentir cada emoção que emite cantando?

As verdadeiras emoções não precisam de conhecer a letra, se estão dentro de nós são automaticamente transferidas para o público, isso acontece naturalmente.

Você canta só fado ou também outro tipo de música?

Atualmente estou a trabalhar com os autores da música e da letra num novo material para o meu primeiro álbum. Também canto música world, inspirada pelo fado, flamenco e música étnica.

Quanto tempo duram os preparativos para cada concerto?

Cada concerto é muito importante para mim, então preparo-me sempre por dentro, no fundo da minha alma. Antes de entrar no palco crio o meu mundo, tudo isto o que depois transmito aos ouvintes.

Antes de um concerto tem medo do palco ou de se esquecer da letra da canção?

Não penso se esquecerei a letra...e se me esqueço isto significa que só sou um ser humano:-) Antes de entrar no palco sinto uma espécie de impaciência...

Já cantou em Portugal? Se sim, como reagiu o público?

Ainda não tive o prazer de atuar em Portugal, mas dei um concerto durante o Congresso dos Lusitanistas onde o público era constituído só por portugueses. Eles reagiram da maneira que eu só podia sonhar.

Uma última pergunta. Que planos tem para o futuro?

Gravar um disco, dar concertos e desfrutar do que nos der o destino.

Kinga Rataj é natural de Cracóvia e estreou-se em 2005. Um ano mais tarde venceu o Festival Estudantil da Canção de Cracóvia sendo igualmente galardoada com o Prémio Presidente da TVP para o debute mais interessante. Vencedora do 11º Festival Nacional da Canção Artística em Rybnik e do 2º Festival Marek Grechuta. Participou duas vezes no Festival Europeu de Baladas em Niepołomice, Festival Musica Sacra Musica Profana em Długa Goślina e no 2º Festival Internacional de Fado da Catalunha 2013 em Lérida. Já partilhou o palco com João de Sousa, Anna Maria Jopek ou Grzegorz Turnau.

Liliana Wajrak

3º ano de Filologia Ibérica

piosenki. Jednak obie rzeczy są ważne i uważam, że dobra piosenka to taka, która łączy te elementy i w ten sposób tworzy doskonałą całość.

Czym jest dla pani fado? Czy może pani sobie wyobrazić choć jeden dzień bez śpiewania?

Fado to dla mnie trochę styl życia. W swoich wyborach bardziej kieruję się sercem, co czasem dużo mnie kosztuje. Mam w sobie pewnego rodzaju smutek. Nie wyobrażam sobie dnia bez śpiewania i, na szczęście, nie ma takich dni.

Jak pani to robi, że swoim głosem oczarowuje całą publiczność i sprawia, że nawet osoby, które nie znają języka portugalskiego są w stanie odczuć sens tekstu i poczuć każdą emocję wypływającą z pani śpiewu?

Prawdziwe emocje nie potrzebują znajomości tekstu, jeśli są w nas samych. Publiczność automatycznie odczuwa je razem ze mną, to się dzieje naturalnie.

Śpiewa pani tylko fado czy wykonuje też inny rodzaj muzyki?

Obecnie razem z autorami muzyki i tekstów pracuję nad materiałem na debiutancką płytę. Chcemy tworzyć muzykę world, inspirowaną fado, flamenco, muzyką etniczną.

Jak długo trwają przygotowania do koncertu?

Każdy koncert jest dla mnie ważny, więc zawsze przygotowuję się wewnątrz, głęboko w sobie. Przed koncertem tworzę swój świat – to, co oddaję słuchaczom.

Czy przed wyjściem na scenę odczuwa pani tremę albo boi się, że zapomni tekstu?

Nie myślę o tym, czy zapomnę tekstu, a jeśli tak się zdarzy to świadczy to tylko o tym, że jestem człowiekiem. Przed wyjściem na scenę odczuwam pewien rodzaj zniecierpliwienia.

Czy występowała pani już w Portugalii? Jeśli tak, to jak zareagowała publiczność?

Nie miałam jeszcze przyjemności wystąpić w Portugalii, ale grałam koncert na Kongresie Luzytanistów, gdzie na widowni byli sami Portugalczycy i reagowali tak, jak mogłam sobie tylko wymarzyć.

Ostatnie pytanie. Jakie ma pani plany na przyszłość?

Nagrać płytę, koncertować, i czerpać z tego, co daje nam los.

Kinga Rataj urodziła się w Krakowie i zadebiutowała w 2005 roku, by już rok później zdobyć Grand Prix 42. Festiwalu Piosenki Studenckiej w Krakowie, otrzymując równocześnie Nagrodę Prezesa TVP za najciekawszy debiut. Wokalistka może poszczycić się także laurem 11. Ogólnopolskiego Festiwalu Piosenki Artystycznej w Rybniku OFPA czy 2. Festiwalu Twórczości Marka Grechuty – Korowód. Ma na koncie dwukrotny występ na Międzynarodowym Festiwalu Ballady Europy w Niepołomicach, występ na X Festiwalu Musica Sacra Musica Profana w Długiej Goślinie oraz udział w II Międzynarodowym Festiwalu Fado de Catalunha 2013 w hiszpańskiej Lleidzie. Miała okazję współdzielić scenę z takimi gwiazdami jak João de Sousa, Anna Maria Jopek czy Grzegorz Turnau.

Liliana Wajrak

III rok, Filologia iberyjska (język hiszpański)

Dois países em duas partes da Europa. Um deles ama o futebol e o outro está dividido. Diferentes modos de perceber o desporto mais popular do mundo. Portugal está à espera dos novos sucessos dos clubes e da seleção. Na Polónia todos já deixaram de esperar. Mas não pararam de interessar-se pelo futebol.

Monotonia portuguesa

Em geral, podíamos constatar que em Portugal existem só três clubes de futebol: o Benfica, o Porto e o Sporting. O resto é o fundo necessário

para a existência da liga. O futebol português é uma constante espera pelos clássicos. Os outros jogos são, na maioria dos casos, uma formalidade. Todos sabem que vai ganhar o Benfica, o Porto, o Spo... ou desculpa... Na realidade, a função do Sporting é apenas acompanhar os dérbis, porque futebolisticamente representa o nível do resto da liga. Então, antes de a temporada começar a questão é sempre: o campeão será o Benfica ou o Porto? Pois, uma vez ganham as Águias, outra os Dragões. Vira o disco e toca o mesmo.

Na Polónia há mais diversidade. Temos sempre alguns favoritos para ganhar o título mas jamais são as mesmas equipas. Agora o mais forte é o Legia, contudo, ainda há cinco anos era o Wisła o grande favorito para ganhar tudo. Nos últimos dez anos houve cinco clubes diferentes que conquistaram o título. Além disso, nós não esquecemos que existem também outros clubes e que no fundo da tabela também há vida. E, sobretudo, os clubes que nunca lutam pelo título também têm adeptos. Em Portugal podes torcer pelo Moreirense, Setúbal ou Rio Ave mas, ainda assim, tens de torcer por um dos três grandes. Na Polónia o mais importante é o clube da tua cidade. Existem, contudo, "acordos" entre os clubes. Se és adepto do Motor Lublin, automaticamente és também adepto do Śląsk e odeias o Wisła. A rede das ligações entre os clubes é muito vasta e abrange as equipas de todas as ligas. Os adeptos do Ruch Chorzów dizem que têm acordo com o... Atlético de Madrid. E o Legia, há dois anos, rompeu o seu acordo com a Juventus. Que pena para toda Turim!

Fanátics

Há uma grande diferença entre a percepção dum adepto de futebol em Portugal e na Polónia. Aqui, há um estereótipo do adepto-baderneiro, que é grosseiro, vulgar e estúpido. Os adeptos polacos comprometem-se politicamente, adoram os foguetes e as faixas, muitas vezes com conteúdo politicamente incorreto. Por isso muita gente perdeu totalmente o interesse no futebol e prefere afastar-se dele. Em Portugal é comum ir ao estádio e ver o jogo com os filhos. Até as mulheres idosas assistem aos jogos. Podes ir pela cidade levando a camisola do teu clube favorito sem ser considerado fascista.



ÁGUA VAI Fotografia: Lino Matos

Dwa kraje w dwóch częściach Europy. Jeden z nich kocha futbol, drugi jest podzielony. Różne sposoby patrzenia na ten najpopularniejszy sport na świecie. Portugalia czeka na kolejne sukcesy swoich klubów i reprezentacji. W Polsce już nikt nie czeka, ale każdy ciągle interesuje się piłką.

Portugalska monotonia

Ogólnie można powiedzieć, że w Portugalii istnieją tylko trzy kluby piłkarskie: Benfica Lizbona, FC Porto i Sporting Lizbona. Reszta to

tylko tło potrzebne do tworzenia ligi. Portugalska piłka to nieustanne oczekiwanie na klasyki. Inne mecze są, w większości, formalnością. Wszyscy wiedzą, że wygra Benfica, Porto albo Spor... a nie, przepraszam, tak naprawdę Sporting jest potrzebny tylko do towarzystwa w derbach, bo piłkarsko prezentuje poziom reszty ligi. Przed sezonem zawsze pojawia się pytanie: mistrzem będzie Benfica czy Porto? Czasem wygrywają „Orły”, a czasem „Smoki”. I tak w koło Maciejju.

W Polsce jest większe zróżnicowanie. Zawsze mamy kilku faworytów do mistrzostwa, ale nigdy nie są to te same drużyny. Teraz najsilniejsza jest Legia Warszawa, ale jeszcze pięć lat temu to Wisła Kraków była faworytem do wygrania wszystkich rozgrywek. W ciągu ostatnich dziesięciu lat 5 różnych klubów zdobyło mistrzostwo. Co więcej, my nie zapominamy o istnieniu innych klubów, ani o tym, że na dnie tabeli też jest życie. I przede wszystkim, kluby, które nigdy nie walczą o tytuł też mają kibiców. W Portugalii możesz być za Moreirense, Setubal czy Rio Ave, ale i tak musisz być za kimś z wielkiej trójki. W Polsce najważniejszy jest klub z twojego miasta.

Istnieją także „zgody” między klubami. Jeśli jesteś za Motorem Lublin, to automatycznie jesteś za Śląskiem Wrocław i nienawidzisz Wisły. Sieć takich powiązań jest bardzo szeroka i obejmuje również kluby z niższych lig. Kibice Ruchu Chorzów twierdzą, że mają zgodę z... Atletico Madryt. A Legia zerwała dwa lata temu zgodę z Juventusem. Co za strata dla całego Turynu!

Fanatycy

Jest duża różnica między postrzeganiem kibica piłkarskiego w Portugalii i w Polsce. Tutaj istnieje stereotyp kibica-chuligana, który jest chamski, wulgarny i głupi. Polscy kibice angażują się politycznie, uwielbiają race i oprawy, często przestało interesować się piłką i woli się od niej oddalić. W Portugalii normą jest chodzenie na mecz z dziećmi. Nawet starsze kobiety zasiadają na trybunach. Możesz iść przez miasto w koszulce twojego klubu i nikt cię nie nazwie faszystą.

Kibic na odległość

Zniecierpliwienie spowodowane brakiem sukcesów w Europie i brakiem zmian przyczyniły się do powstania w Polsce

FUTEBOL PORTUGUÊS E POLACO: DIFERENÇAS

Adepto à distância

A falta dos sucessos na Europa e a impaciência com a ausência de mudanças contribuiu para a formação de um novo tipo de adeptos na Polónia. Adeptos que não vêm a liga polaca e não apoiam o clube da sua cidade mas adoram o futebol europeu e torcem pelo Real, Barcelona, Arsenal, Bayern, tanto faz. Gastam um montão de dinheiro para viajar a Madrid ou Munique e ver o jogo do seu clube. Criam as fanpages, juntam-se nos bares, sabem todos os detalhes sobre os clubes do outro extremo do continente.

O nível futebolístico

Claro, na Polónia não temos clubes que apresentem o nível do Benfica ou Porto. Os nossos sonham em passar à fase de grupos da Liga dos Campeões. Nenhum clube polaco conseguiu isso desde há quase 20 anos. Às vezes perderam com semiamadores, às vezes faltaram cinco minutos e no ano passado (para não ser monótono) o Legia foi desqualificado por um erro formal.

E para as equipas portuguesas a Liga dos Campeões é o pão de cada dia. O Benfica e o Porto logram sucessos na Liga Europa e vendem jogadores por milhões de euros. E do outro lado, os clubes polacos gostam de comprar futebolistas que provêm dos países mais exóticos do mundo, avaliando-os com base no Youtube. Esses jogadores quase nunca melhoram o nível da equipa apesar de serem muito bem pagos. Depois de uma temporada fracassada voltam ao seu país ou, paradoxalmente, compram-nos outros clubes polacos, também das ligas inferiores.

O futebol polaco é cheio de contradições e paradoxos. É o mundo dos adeptos fanáticos que formam um ambiente hermético, irreformável, teimoso e o mundo dos que vêm na TV os piores jogos da liga que terminam 0-0 e nunca vão deixar de fazê-lo. E o futebol português gira em torno de três clubes e toda a gente apoia um deles, mesmo sem ver os jogos e sem se interessar diariamente por novidades.

Maciej Durka

3º ano de Estudos Portugueses



ÁGUA VAI Fotografia: Lino Matos

PORTUGALSKA I POLSKA PIŁKA NOŻNA: RÓŻNICE

nowego typu kibica. Takiego, który nie ogląda polskiej ligi i nie kibicuje klubowi ze swojego miasta, ale uwielbia piłkę europejską i jest za Realem, Barceloną, Arsenalem czy Bayernem. Wydaje mnóstwo pieniędzy na podróże do Madrytu czy Monachium, żeby zobaczyć mecz swojej drużyny. Tworzy fanpage'ę, spotyka się w barach z innymi kibicami tego klubu i wie o nim wszystko.

Poziom piłkarski

Jasne, w Polsce nie mamy klubów na poziomie Benfiki czy Porto. Nasze drużyny marzą o awansie do fazy grupowej Ligi Mistrzów. Żadna z nich nie osiągnęła tego od prawie 20 lat. Czasem przegrywały z półamatorami, czasem brakowało 5 minut, a w zeszłym roku (żeby nie być monotony) Legia została zdyskwalifikowana za błąd formalny.

Dla klubów portugalskich Liga Mistrzów to chleb powszedni. Benfica i Porto osiągają sukcesy w Lidze Europy i sprzedają piłkarzy za miliony euro. Z drugiej strony, polskie kluby lubią kupować graczy z najbardziej egzotycznych krajów świata, oceniając ich na podstawie Youtube. Ci zawodnicy niemal nigdy nie podnoszą poziomu drużyny, mimo że są najlepiej opłacani. Po nieudanym sezonie wracają do swoich krajów lub, paradoksalnie, kupują ich inne kluby z Polski, także te z niższych lig.

Polska piłka jest pełna sprzeczności i paradoksów. To świat fanatyków, którzy tworzą zamknięte środowisko, nie-reformowalne, uparte i świat tych, którzy oglądają w telewizji najgorsze mecze, kończące się wynikiem 0:0, ale nigdy nie przestaną tego robić. Natomiast portugalska piłka kręci się wokół trzech klubów i każdy kibic wspiera któryś z nich, nawet jeśli nie ogląda meczów i nie interesuje się nowinkami.

Maciej Durka

III rok, Filologia iberyjska (język portugalski)

ADISON SCHNEEWEISS ENTREVISTA

Adison Daniel Pereira

Schneeweiss tem 24 anos, nasceu em Niterói, Brasil. Vive há um ano na Polónia, é jogador de futebol no clube Orłeta Radzyń em Radzyń Podlaski, a 70km de Lublin. Apresento aqui uma pequena entrevista com ele, para vocês verem como ele vive a sua experiência de morar e jogar na Polónia.

Adison, o que sabia sobre a Polónia antes de chegar aqui?

Sinceramente não muito. Sabia um pouco da história da Segunda Guerra Mundial, da exterminação dos judeus nestes territórios, e o que tinha oportunidade de ver nas reportagens sobre a Polónia emitidos na televisão a propósito da Eurocopa em 2012.

Então como reagiram os teus amigos ao saber que ias jogar na Polónia?

Na realidade falei com poucas pessoas sobre isso. Os meus amigos do time souberam só na hora do meu partida. A reação deles não foi nada especial, foi simplesmente „a sério?“ „como é que você conseguiu isso?“ Ficaram muito surpreendidos, mas não comentavam mesmo o facto de eu ir para a Polónia. Jogar em qualquer lugar da Europa é o grande sonho da gente. A maioria dos jogadores no Brasil são mal pagos, ganham mais ou menos 2000 R\$ (580€), só 5% tem realmente bons salários. Todos sonham de vir para cá.

E é assim? Sentes que ao chegar aqui cumpriste os teus sonhos?

Não mesmo. Antes de jogar em Orleta, joguei na Bulgária, depois em três outros clubes polacos. Vi, que o que nós imaginávamos sobre a vida dos futebolistas na Europa não tem muito a ver com a realidade. A minha vida aqui continua a ser boa, eu quero ficar e jogar aqui, mas não é mesmo assim como se fala no Brasil. No Brasil sou jogador comum, do nível normal, enquanto aqui fui eleito o melhor da liga. A minha situação lá, neste momento, seria muito pior. Aqui não é bem extraordinária, mas é melhor.

E quanto ao jogo, estás satisfeito com a equipa?

Sinto falta de algumas coisas. Eu tenho boa técnica, mas isto não chega. Futebol é um jogo coletivo, é imprescindível cooperar com o time. Se você não recebe bola, para que serve a sua técnica? O sistema tático na Europa Sudeste é diferente do que no Brasil. Por exemplo, na Bulgária eu vi que era melhor do que os outros, mas foi difícil jogar com eles, porque eles corriam muito mas pensavam pouco. O estilo de jogar é diferente. Eu tenho a minha característica, mas minha posição em que eu sempre joguei (segundo atacante) aqui não existe. Aqui sou o atacante central, não posso „criar jogada“, tenho que esperar que os meus colegas a criem para mim.

Outra coisa – comida. O clube não tem hábito de tratar

ADISON SCHNEEWEISS WYWIAD

Adison Daniel Pereira

Schneeweiss ma 24 lata, urodził się w Niterói, w Brazylii. Od roku mieszka w Polsce, gra w piłkarskim klubie Orłeta Radzyń Podlaski. Zapytaliśmy go, jak mu się tu żyje, jak czuje się w drużynie.

Co wiedziałeś o Polsce przed przyjazdem?

Szczerze mówiąc, niewiele. Znałem kilka faktów z historii drugiej wojny światowej, wiedziałem o eksterminacji Żydów na tych terenach i jeszcze kilka rzeczy, których dowiedzia-

łem się z programów emitowanych w naszej telewizji przy okazji piłkarskich mistrzostw Europy w 2012 roku.

Jak na wiadomość o planach grania w Polsce zareagowali twoi znajomi?

Tak naprawdę powiedziałem o tym niewielu osobom. Moi koledzy z drużyny dowiedzieli się dopiero w chwili wyjazdu. Ich reakcja nie była jakaś wyjątkowa, zwykłe „wow!“ „naprawdę?“ „jak ci się to udało?“. Byli bardzo zaskoczeni, ale nie komentowali wprost tego, że będę grać w Polsce. Grać w jakimkolwiek europejskim kraju to wielkie marzenie każdego z nich. Zdecydowana większość piłkarzy w Brazylii zarabia bardzo mało, ok. 2000 reali (580€), tylko 5% zarabia naprawdę dobrze. Wszyscy marzą o tym, żeby grać w Europie.

I rzeczywiście czujesz, że przyjeżdżając do Polski spełniłeś swoje marzenie?

Nie do końca. Zanim zacząłem grać w Orłetach, grałem w Bułgarii a potem w trzech innych klubach w Polsce. Zobaczyłem, że to, co wyobrażałem sobie o życiu piłkarza w Europie nie ma wiele wspólnego z rzeczywistością. Żyje mi się tutaj dobrze, chciałbym tu zostać i wciąż grać, ale to nie wygląda dokładnie tak, jak się opisuje w Brazylii. Tam jestem przeciętny, nie wyróżniam się poziomem gry ani techniką, a tutaj zostałem wybrany najlepszym graczem w lidze. Moja pozycja w Brazylii byłaby znacznie gorsza. Tutaj nie jest jakaś wybitnie dobra, ale jest lepsza.

Jesteś zadowolony ze swojej drużyny?

Brakuje mi kilku elementów. Jestem dobry technicznie, ale to nie wystarcza. Piłka nożna to gra zespołowa, trzeba współpracować z drużyną. Jeśli nie dostajesz piłki, na co cała twoja technika? Taktyka, jaką gra się tutaj, w zachodniej Europie, różni się od brazylijskiej. W Bułgarii np. widziałem, że jestem lepszy od reszty drużyny, ale trudno było z nimi grać. Oni bardzo dużo biegali, a mało myśleli. Styl gry jest inny. Ja, jako piłkarz, mam swoje cechy charakterystyczne, ale pozycja na której zawsze grałem (drugi atakujący) w Brazylii, tutaj po prostu nie istnieje. Gram na pozycji środkowego atakującego, nie mogę jednak „stwarzać gry“, muszę czekać aż inni stworzą ją dla mnie.



Fotografia: Arquivo Pessoal
www.orleta-spomlek.pl

ADISON SCHNEEWEISS
ENTREVISTA

da comida para os jogadores. O atleta depende muito do que come, eu preciso dos carboidratos para correr, e a comida que recebo aqui é precária. No Brasil a gente almoçava no clube, na Bulgária éramos obrigados a tomar café de manhã no clube. Aqui faz-me muita falta obter boa refeição.

O que mais me faz falta é uma pessoa que trate dos uniformes do time. No Brasil os atletas têm o vestuário igual durante os treinos. Cada clube tem o seu roupeiro – pessoa que entrega aos jogadores os uniformes antes do treino e depois recolhe-os e leva para lavar. Aqui é um carnaval! Cada um veste o que quer e lava o traje sozinho. Isto não é nada profissional. Até nos piores clubes do Brasil existe esta pessoa responsável pela roupa, é uma instituição. Porque aqui não podemos jogar na roupa limpinha, bonitinha?

São as acusações bastante sérias. Disseste porém que tens aqui uma vida boa. Porquê?

Eu vivo em Radzyń, é uma cidade pequena. Ao olho nu vê-se que não sou daqui, sou diferente, mas recebo sempre muita simpatia das pessoas. Na rua encontro sempre alguém para falar. As crianças tratam-me como que fosse o rei, para eles sou o Cristiano Ronaldo, querem apertar a minha mão, abraçar. É engraçado mas também agrada. Antes de eu chegar aqui, imaginava, que ia focar-me só em futebol, que não ia ter nenhuma „vida” além da boia. Mas eu acabei por ganhar muitos amigos, conheci pessoas incríveis! É certo que os treinos ocupam a maioria do meu tempo, mas tenho vida social com que nem sonhava ter.

Querias ficar aqui para sempre?

Não seria fácil, acho que não. Eu sou evangélico, é a fé que professa menos do 0,02% dos polacos. O acesso a minha igreja é muito difícil, em Radzyn não há nenhuma. Se calhar, se eu me casasse aqui, sim, ficava. Mas agora trato a minha estadia aqui como temporária. Estou aqui para trabalhar e penso um dia voltar para o Brasil. Morar, viver aqui nunca foi a minha intenção.

Obrigada pela conversa e desejo muitos goios!

Aleksandra Porębska

3º ano de Estudos Portugueses



Fotografia: Arquivo Pessoal

ADISON SCHNEEWEISS
WYWIAD

Kolejna sprawa – jedzenie. Klub nie ma w zwyczaju dbać o jedzenie dla graczy. Skuteczność sportowca w dużej mierze zależy od tego, co je. Potrzebuję węglowodanów żeby biegać, a jedzenie, które tu dostaję jest w nie bardzo ubogie. W Brazylii dostawaliśmy obiad w klubie, w Bułgarii obowiązkowo jedliśmy w klubie śniadanie. Tutaj bardzo mi brakuje dobrego żywienia.

Następna sprawa to brak osoby, która dbałaby o stroje drużynowe. W Brazylii piłkarze mają identyczne stroje na każdym treningu. Każdy klub ma swojego roupeiro – osobę, która rozdaje graczom stroje przed treningiem, a potem zbiera je i znosi do pralni. Tutaj jest kompletnie bezhołowie! Każdy zakłada to, co chce, a potem sam dba o pranie. To bardzo nieprofesjonalne. Nawet najmniejsze kluby w Brazylii zatrudniają osobę odpowiedzialną za stroje, to jak instytucja. Dlaczego tu nie możemy grać w ślicznych, czystych spodenkach?

To dosyć poważne zarzuty. Powiedziałeś jednak, że jesteś zadowolony z życia jakie tu wiesz. Dlaczego?

Mieszkam w Radzynie, to małe miasto. Gołym okiem widać, że nie jestem stąd, wyglądam trochę inaczej. Zawsze jednak spotykam się z ogromną sympatią ze strony innych osób. Na ulicy wciąż spotykam kogoś, z kim mogę porozmawiać. Dzieci traktują mnie jak króla, dla nich jestem Cristiano Ronaldo, chcą ścisnąć moją rękę, przytulają się. To zabawne, ale i bardzo przyjemne. Zanim tu przyjechałem, myślałem że będę skupiony wyłącznie na grze, że nie będę miał życia poza piłką. Jednak znalazłem tu przyjaciół, poznałem wiele niesamowitych osób! Wiadomo, że treningi zajmują większość mojego czasu, ale mam też bogate życie towarzyskie, o jakim nawet nie śniłem.

Chciałbyś tu zostać na zawsze?

Raczej nie, to byłoby trudne. Należę do kościoła ewangelickiego, mało popularnego w Polsce. Dostęp do mojego kościoła jest przez to bardzo utrudniony, w Radzynie wręcz niemożliwy. Być może, gdybym ożenił się z Polką, zostałbym. Teraz traktuję pobyt tutaj jako czasowy. Jestem tu, żeby pracować, ale pewnego dnia wrócę do Brazylii. Nigdy nie planowałem, że zostanę tu na zawsze.

Dziękuję za rozmowę i życzę sukcesów w grze!

Aleksandra Porębska

III rok, Filologia iberyjska (język portugalski)

OS SERVIÇOS ACADÉMICOS

O tempo na universidade é em geral considerado os melhores anos da nossa vida. É a primeira vez em que realmente se pode sentir livre, sem os pais a controlar-nos. É o primeiro passo que tomamos para começar a nossa própria vida. Já nós sentimos adultos, mas sem a maioria das responsabilidades da vida “no mundo real”, fazemos novos amigos, novas experiências e finalmente estudamos as coisas que, em grande parte, nos interessam. Há apenas uma pequena coisa que destrói toda a perspectiva incrível: os serviços académicos.

A universidade deveria ser boa para todos. Quando somos jovens, estamos acostumados a ser tratados como uma criança na escola porque, para ser honesta, somos crianças, mesmo quando nos sentimos como adultos durante os anos da adolescência. Somos jovens e entendemos que não sabemos exatamente como funciona o mundo, então aceitamos a maneira como nos tratam os mais velhos. Mas, depois de todos os anos, nos tornamos estudantes na universidade, na maioria dos casos por nossa própria escolha. De repente podemos decidir o que realmente queremos estudar e escolhemos o nosso caminho; até podemos decidir se realmente queremos ir para as nossas aulas ou se seria melhor passar o dia em casa quando não nos sentimos bem. Além disso, a coisa mais importante (peço menos para mim): os outros deixam de tratar-nos como crianças. Sim, ainda somos jovens e inexperientes, mas os outros começam a ver-nos como as pessoas que somos, o que em geral não acontece antes, com os professores na escola primária ou secundária. É ótimo: tomamos as nossas próprias decisões e outros as respeitam. Infelizmente, depois vem a primeira época de exames e, de repente, conhecemos o aspeto de quase todas as universidades que não é tão bom como os outros: os serviços académicos. Como é possível que, apesar de todos os outros aspetos da universidade serem geralmente bons (ou, pelo menos, toleráveis), cada semestre

DZIEKANAT

Lata spędzone na studiach są zwykle uważane za najlepszy okres naszego życia. Rodzice przestają nas kontrolować, w końcu zaczynamy czuć się wolni. Stawiamy pierwszy krok w dorosłe życie, ale jeszcze bez większości obowiązków z nim związanych. Poznajemy nowych ludzi, zdobywamy nowe doświadczenia, a przede wszystkim uczymy się tego, co nas interesuje. Jest tylko jedna mała rzecz, która psuje tę wspaniałą perspektywę: dziekanat.

Uczelnia powinna być dobra dla wszystkich. Kiedy jesteśmy młodzi, nie mamy problemu z tym, że wszyscy w szkole traktują nas jak dzieci, bo, szczerze mówiąc, jesteśmy nimi, nawet jeśli będąc nastolatkami, czujemy się dorośli. Jesteśmy młodzi i rozumiemy, że nie posiadamy pełnej wiedzy, jak działa nasz świat, więc akceptujemy to, jak traktują nas starsi. Następnie stajemy się studentami uniwersytetu, który – w większości przypadków – sami wybieramy. Nagle możemy zdecydować, czego chcemy się uczyć i wybieramy naszą własną drogę. Do nas należy decyzja, czy rzeczywiście mamy ochotę iść na zajęcia, czy spędzić dzień w domu, gdy nie czujemy się zbyt dobrze. Poza tym, co najważniejsze (przynajmniej dla mnie), inni ludzie przestają traktować nas jak dzieci. Tak, nadal jesteśmy młodzi i niedoświadczeni, ale

inni zaczynają traktować jak osoby, którymi rzeczywiście jesteśmy, co rzadko zdarza się na wcześniejszych etapach edukacji. Wszystko jest wspaniałe: sami podejmujemy decyzje, a inni je szanują.

Niestety, później przychodzi pierwsza sesja i nagle poznajemy ten mniej przyjemny aspekt każdego uniwersytetu: dziekanat. Przed rozpoczęciem studiów, wszyscy styszają jakieś plotki o tym strasznym miejscu i o wszystkich przeszkodach i problemach z nim związanych, ale nikt tak naprawdę w to nie wierzy. Uznawane jest to za jeden z miejskich mitów, jak krokodyl żyjący w kanałach Nowego Jorku czy czarne samochody



Fotografia: Lino Matos

tememos a viagem àquele gabinete pequeno que temos de visitar para receber ou devolver os nossos documentos? Antes de iniciar os anos na universidade, todos ouvem alguns sussurros sobre aquele lugar horrível e sobre todos os obstáculos e problemas relacionados com ele, mas ninguém realmente acredita nisso; achamos que é apenas uma das lendas urbanas, como um crocodilo que vive nos esgotos de Nova York ou os carros pretos que sequestram as crianças. Não acreditamos até que vamos a este gabinete. De repente, sentimo-nos como se tivéssemos novamente 12 anos e precisássemos de falar com aquele professor mais assustador e horrível de todos depois das aulas. Esta sensação de medo e nervosismo aparece outra vez depois dos exames quando temos de ir e deixar lá a lista dos nossos resultados; é ainda pior quando temos algumas perguntas.

A maioria das pessoas que tiveram este "prazer" duvidoso de visitar os serviços académicos contam histórias de encontros desagradáveis: que as pessoas que lá trabalham não são agradáveis mesmo se se comportam com todas as regras da educação e apenas tentem obter algumas informações (em geral, pensam que tens de saber tudo sobre tudo e que estás a desperdiçar o tempo deles perguntando); não importa que expliques o teu caso tão rápido como possível para não desperdiçar o seu tempo precioso, recebes os olhares condescendentes e és tratado como uma criança que realmente não deveria estar lá.

Como é possível que o lugar que basicamente foi criado para os estudantes possa ser tão hostil para eles? A resposta ainda não foi descoberta. Com certeza, a maioria dos rumores e as histórias sobre os serviços académicos são exagerados. O lugar não é tão horrível, e as pessoas que lá trabalham estão para nos ajudar e normalmente fazem-no porque, acima de tudo, é o seu trabalho. Sim, às vezes alguém tem um dia mau, mas é normal; todos temos. Como todos os lugares ou tipos de situações, apenas as histórias piores são transmitidas; desta maneira, foi criado o mito dos serviços académicos assustadores que é cultivado por cada geração nova dos estudantes. No entanto, mesmo que os rumores sejam verdadeiros, é uma experiência muito importante da vida de todos os alunos.

Agora, o pensamento simples de ir a este lugar horrível é assustador, e cada visita lá faz-nos sentir esmagados e derrotados, mas tudo isto vai passar, e depois vamos ter uma outra história engraçada para contar aos nossos amigos. Até então, vamo-nos lembrar que temos de ser educados e passar lá o mínimo tempo possível. E, certamente, temos de deixá-los a tratar do nosso caso no seu próprio ritmo; porque o que é mais importante é o tempo DELES, não o nosso.

Magdalena Jóźwik

2º ano de mestrado em Estudos Portugueses

porywające dzieci. Nie wierzymy, dopóki nie trafimy do tego miejsca. Nagle czujemy się, jakbyśmy znowu mieli 12 lat i musieli porozmawiać po lekcji z tym najbardziej przerażającym nauczycielem. To uczucie strachu i zdenerwowanie pojawia się po raz kolejny po egzaminach, kiedy musimy zdać indeks. Jest jeszcze gorzej, jeśli mamy jakieś pytania.

Większość osób, która miała tę wątpliwą przyjemność odwiedzenia dziekanatu opowiada o niemiłych doświadczeniach: o tym, że osoby, które tam pracują są niesympatyczne, nawet jeśli zachowujesz się kulturalnie i zgodnie ze wszystkimi zasadami dobrego wychowania, a chcesz tylko uzyskać jakieś informacje (według nich, powinniśmy wiedzieć wszystko o wszystkim, a pytając, marnujemy ich czas). Nieważne, że wyjaśniasz swoją sytuację najszybciej, jak to możliwe, żeby nie marnować tego cennego czasu, i tak otrzymujesz protekcyjnalne spojrzenia i jesteś traktowany jak dziecko, którego nie powinno tam być. Jak to możliwe, że miejsce, które zasadniczo zostało stworzone dla studentów, może być wobec nich tak nieprzyjazne? Odpowiedź na to pytanie nie została jeszcze odkryta.

Z pewnością większość plotek i historii o dziekanacie jest przesadzona. Nie jest tak okropny, a jego pracownicy, są tam, żeby nam pomóc i zwykle to robią, bo to przecież ich praca. Tak, czasami mają gorszy dzień, ale to normalne, zdarza się każdemu. Jak zawsze, tylko najgorsze historie są przekazywane dalej i w ten sposób został stworzony mit o przerażającym dziekanacie, w który wierzą kolejne pokolenia studentów. Nawet jeśli te plotki są prawdziwe, jest to jedno z ważniejszych doświadczeń w życiu każdego studenta. Teraz, sama myśl o pójściu do tego straszego miejsca i każda wizyta tam sprawia, że czujemy się załamani i pokonani. Jednak to minie, a później stanie się kolejną zabawną historią, którą opowiemy naszym znajomym. Do tego czasu musimy pamiętać, żeby zachowywać się kulturalnie i spędzać w dziekanacie jak najmniej czasu. I, oczywiście, należy też być cierpliwym i pamiętać, że nasza sprawa zostanie wyjaśniona w swoim własnym tempie, bo to nie nasz czas jest tu najważniejszy.

Magdalena Jóźwik

II rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)



Provavelmente já tudo foi escrito sobre a grande necessidade de viajar. Quem não quer viajar? Tantas pessoas desejam atravessar as fronteiras, conhecer outros mundos. Fazer as malas e deixar tudo, mudar de repente o ambiente. Os anúncios, filmes, fotos dos amigos não nos permitem deixar de pensar que um dia também decidiremos ir-nos embora ou que um dia seremos muito ricos e viajaremos sem limites.

Por isso não tenho nenhuma razão de ficar surpreendida por ouvir constantemente:

- No futuro quero ser um viajante.

Ao ouvir isto quase começo a rir, mas o mesmo indivíduo não pára de me surpreender e ouço mais em silêncio.

- Sim, um dia vou subir em qualquer comboio que me leve à Ucrânia para que possa ver algumas cidades lá. Depois tratarei de ir a Istambul e se calhar à Nova Zelândia? Pararei no Havai, queria ter lá um bar ou restaurante, viver lá.

E o que penso eu escutando tudo isso? Primeiro, que sempre desejamos o que não temos. Mas porque estabelecemos que a nossa felicidade depende de viajens? Se calhar por isso, que é sempre mais fácil admirar as coisas que vemos pela primeira vez. Vou escrever desde a perspectiva da pessoa que também sonhava muito com outras terras. Mas é que eu real-

O wielkiej potrzebie podróżowania zapewne napisane zostało już wszystko. Kto nie chce podróżować? Tyle osób pragnie przekraczać granice, poznawać inne światy. Spakować walizki i zostawić wszystko, nagle zmienić środowisko. Reklamy, filmy, zdjęcia znajomych nie pozwalają nam przestać myśleć o tym, że któregoś dnia i my zdecydujemy się wyjechać lub któregoś dnia będzie nas stać na podróżowania bez granic.

Dlatego nie powinienam być zaskoczona słysząc ciągle:

- W przyszłości chcę zostać podróżnikiem.

Gdy to słyszę, prawie zaczynam się śmiać, ale ten sam osobnik nie przestaje mnie zadziwiać i słucham dalej.

- Tak, pewnego dnia wsiądę do jakiegoś pociągu, który zabierze mnie na Ukrainę, abym mógł zobaczyć kilka tamtejszych miast. Później spróbuję pojechać do Stambułu i może Nowej Zelandii? Zatrzymam się na Hawajach, chciałbym mieć tam bar lub restaurację i żyć z tego.

I co myślę słuchając tego wszystkiego? Po pierwsze, że zawsze pragniemy tego, czego nie mamy. Ale dlaczego zakładamy, że nasze szczęście zależy od podróży? Może dlatego, że zawsze łatwiej jest zachwycać się rzeczami, które widzimy po raz pierwszy. Będę pisać z perspektywy osoby, która również dużo marzyła o innych krajach. I ja w rzeczy samej zdecydo-

VIAJANDO PELA VIDA?

mente decidi aproveitar o tempo dos estudos, o melhor tempo para experimentar, provar e escolher os caminhos da vida. Foi tudo isso porque procurava e ainda estou a procurar oportunidades para viver plenamente. Se alguém só sonha e não cumpre nada disto, sim, percebo estes planos que, na minha opinião, não têm nada a ver com a realidade. Por outro lado lembro-me bem os meus primeiros momentos em Lisboa, o cheiro do mar e as paisagens novas. Digo sempre que cada um merece viver algum tempo fora do seu lugar de nascimento, sem os seus pais e amigos, ter a possibilidade de conhecer outras culturas. Só para poder comparar. Quem disse que lá fora é melhor do que aqui? Quando terminei a minha bolsa Erasmus pensava que isso era só o início, ou seja prefácio das outras viagens que iam chegar, abrindo uma porta para uma grande viagem pela vida. Passaram só dois anos. Ainda consegui fazer um estágio em Portugal durante dois meses, fui viajar três vezes mais fora da Polónia – tenho tido muita sorte recentemente com as viagens. Não obstante a última viagem já me fez pensar na repetibilidade das coisas que vemos. Então, como uma velhota experiente parei de admirar o mundo! Como é que foi? Se calhar escolhi o destino errado, apesar de que nunca vi este lugar. Se calhar esse sentimento é só temporário. No entanto isto é algum tipo de aviso: será que viajar pode ser mesmo o sentido da vida? Acho que da minha não.

Não posso dizer que não quero viajar mais, porque ainda estou a planear viagens menores e maiores. Comparando com alguns amigos ou com Wojtek Cejrowski ou Martyna Wojciechowska (viajantes que têm os seus programas na televisão polaca), com os blogueiros que escrevem diários das suas viagens, eu visitei realmente pouco. No entanto durante a minha última viagem pensei numa coisa terrível: já vi coisas semelhantes a estas. Arquitetura? Acho que já vi num sítio ornamentos deste tipo. Comida típica deste país? Mas na Polónia temos algo muito parecido! Qual é este língua? Parece uma mistura de inglês e espanhol... Nada muito surpreendente.

Viajar pode ser muito enfadonho. Sim, é verdade, embora ninguém acredite em mim. Quantos dias, meses, anos somos capazes de viajar, mudar de sítios? Conhecer pessoas e no dia seguinte deixá-las? Esquecer os nomes e paisagens? Talvez isto seja possível e atrativo para alguém, talvez existam as pessoas que possam viajar sempre. Mas na minha opinião precisamos de alguma fixação, um lar e é bem difícil criar este tipo de espaço nunca ficando no mesmo lugar mais que alguns dias ou meses. Então se já escolhemos outro tipo de vida: família, trabalho e as férias uma vez por ano, não nos arrependamos tanto que não viajamos pela nossa vida! Porque tudo tem o seu preço.

Aleksandra Guz

3º ano de Estudos Portugueses

PODRÓŻUJĄC PRZEZ ŻYCIE?

wałam się wykorzystać na to czas studiów, najlepszy czas na doświadczenie, próbowanie i wybieranie dróg życiowych. Udało mi się to, ponieważ szukałam i wciąż szukam okazji, aby żyć jak najpełniej. Jeśli ktoś tylko marzy i nie spełnia swoich marzeń, w tym przypadku mogę zrozumieć te plany wielkiego podróżowania, które moim zdaniem niewiele mają wspólnego z rzeczywistością. Z drugiej strony pamiętam swoje pierwsze chwile w Lizbonie, zapach oceanu i widoki zupełnie dla mnie nowe i nieznanne. Zawsze powtarzam, że każdy zasługuje na to, aby żyć jakiś czas poza ojczystym miejscem, bez rodziców i przyjaciół, mieć okazję do poznania innych kultur. Chociażby tylko po to, by móc to porównać. Kto powiedział, że gdzieś tam jest lepiej niż tutaj? Kiedy zakończył się mój program Erasmus, myślałam, że to dopiero początek albo wstęp do innych podróży, które dopiero miały nadejść. I rzeczywiście, udało mi się po tym czasie odbyć dwumiesięczny staż w Portugalii, wyjeżdżałam trzy razy poza granice Polski mając dużo szczęścia, jeśli chodzi o podróże. Jednak już ta ostatnia podróż dała mi do myślenia na temat powtarzalności tego, co widzimy. Tak więc, zupełnie jak doświadczona staruszka, przestałam zachwycać się światem! Jak to się stało? Może po prostu obrałam zły kierunek, choć przecież nigdy wcześniej nie widziałam tego miejsca. A może to tylko chwilowe. Jednak to jakiś rodzaj ostrzeżenia: czy podróżowania może być sensem życia? Myślę, że mojego nie.

Nie mogę powiedzieć, że nie będę więcej podróżować, bo wciąż planuję mniejsze lub większe podróże. Porównując z niektórymi znajomymi, z Wojtkiem Cejrowskim lub Martyną Wojciechowską (podróżnicy, którzy mają swoje programy w telewizji polskiej), z blogerami, którzy piszą dzienniki ze swoich podróży – widziałam naprawdę niewiele. Jednak podczas mojej ostatniej podróży pomyślałam o czymś przerażającym: już widziałam coś podobnego do tego. Architektura? Wydaje mi się, że już widziałam gdzieś takie wykończenia. Typowe jedzenie dla tego państwa? Ale w Polsce mamy coś bardzo podobnego! Co to za język? Brzmi jak mieszanka angielskiego i hiszpańskiego...

Podróżowanie może być bardzo męczące. Tak, to prawda, nawet jeśli nikt mi nie wierzy. Ile dni, miesięcy, lat jesteśmy w stanie podróżować, zmieniać miejsca? Poznawać osoby i następnego dnia je zostawiać? Zapominać imion, nazw miejsc i widoków? Zapewne jest to atrakcyjne i możliwe dla kogoś i zapewne istnieje osoba, które są w stanie podróżować zawsze. Ale moim zdaniem potrzebujemy też jakiegoś przywiązania, domu. Trudno stworzyć takie miejsce nigdy nie przebywając w jednym miejscu więcej niż kilka dni lub miesięcy. Jeśli wybieramy inny styl życia: rodzina, praca, urlop raz na rok, nie żałujemy tak bardzo, że nie podróżujemy przez całe nasze życie! Ponieważ wszystko ma swoją cenę.

Aleksandra Guz

III rok, Filologia iberyjska (język portugalski)

EM SOCORRO DOS LINCES



Os animais estão ao lado dos humanos desde o início do mundo. O seu papel na vida dos humanos é imprescindível, não só por razões económicas, mas sobretudo por laços de dependência e amizade que unem ambas as espécies. Por isso, cada ano mais pessoas percebem que os animais precisam de ajuda, especialmente porque sofrem por nossa causa. Porém, este auxílio deve abranger todos os animais, sem exceções. Infelizmente, esquece-se das espécies em vias de extinção, entre as quais encontra-se um dos felinos mais bonitos e selvagens: o lince.

Olhos brilhantes e pincéis de pelo

O lince é um animal selvagem, que percorre grandes terrenos da floresta à procura de comida. Como todos os felinos, é um tipo solitário que elige os seus próprios caminhos. O lince é, sobretudo, um animal de atividade noturna, por isso passa o dia dormindo no seu covil. Quanto ao tamanho é parecido com um pastor-alemão, possui uma cabeça redonda com um par de orelhas pontiagudas e peludas. Aqueles «pincéis» de pelo preto que se encontram no topo das orelhas não constituem só o adorno deste animal. Ao contrário, desempenham uma função muito importante, dado que ajudam a captar as ondas sonoras, o que melhora as habilidades auditivas dos lincês. Além disso, outra característica própria desta espécie são os olhos grandes, brilhantes e amarelos, com os quais observa as suas vítimas. Não é por acaso que na língua portuguesa há uma expressão idiomática com o nome deste animal. Ter olhos de lince, como afirma a Infopédia, significa «ter visão excepcional». Além disso, o lince distingue-se pela elevada mobilidade e capacidade de saltar muito alto, graças às patas fortes. Adora subir às árvores, porque garantem-lhe excelente lugar de observação e o depósito para os restos de comida. Infelizmente, o lince não é corredor de maratonas e cansa-se depressa. Por isso, é bom estratega e a precisão é mais importante para ele do que a rapidez. Aliás, a cor do seu pelo ajuda-o a esconder-se e ficar despercebido, dado que o amarelo, laranja, castanho e preto são comuns na paisagem dum floresta. Todas as suas características acima mencionadas são imprescindíveis na profissão de caçador. Podem ainda perguntar qual é o seu prato preferido. O lince gosta de consumir pequenos veados, corças, roedores, répteis, aves e coelhos.

Reintrodução e perigos

Na família Lynx encontram-se quatro espécies: lince euroasiático, ibérico, vermelho e lince-do-canadá. Ambas as úl-

NA RATUNEK RYSIOM

Zwierzęta towarzyszą człowiekowi od zarania dziejów. Pełnią nieocenioną rolę w życiu ludzi, nie tylko ze względów ekonomicznych, ale przede wszystkim ze względu na więzy zależności i przyjaźni, które łączą oba gatunki. Dlatego też, każdego roku coraz więcej ludzi dostrzega, że zwierzęta potrzebują pomocy, zwłaszcza, że cierpią z naszego powodu. Jednak pomoc ta powinna objąć wszystkie gatunki bez wyjątku, a często niestety zapomina się o tych zagrożonych wyginięciem. Wśród nich znajduje się jeden z najładniejszych i dzikich kotów – ryś.

Błyszczące oczy i pędzelki włosów

Ryś jest dzikim zwierzęciem, które przemierza rozległe tereny leśne w poszukiwaniu jedzenia. Jak każdy typowy kot jest samotnikiem, który chodzi swoimi własnymi ścieżkami. Ryś jest zwierzęciem aktywnym przede wszystkim nocą, dlatego też dni spędza śpiąc w swojej kryjówce. Wzrostem przypomina owczarka niemieckiego, posiada okrągłą głowę zwieńczoną parą spiczastych i kudłatych uszu. Te „pędzelki” czarnych włosów, które znajdują się na szczycie uszu nie są tylko ozdobą rysia. Wręcz przeciwnie, pełnią bardzo ważną funkcję, ponieważ pomagają skupić fale dźwiękowe, co poprawia jego zdolności słuchowe. Kolejną cechą charakterystyczną tego gatunku są wielkie, błyszczące i żółte oczy, którymi obserwuje swoje ofiary. Nie bez powodu w języku portugalskim funkcjonuje związek frazeologiczny z nazwą tego zwierzęcia. Mieć rysie oczy, jak zapewnia Infopédia, oznacza „mieć szczególnie dobry wzrok”. Poza tym, dzięki mocnym łapom ryś wyróżnia się dobrze rozwiniętą zręcznością i zdolnością do wysokich skoków. Uwielbia wspinać się na drzewa, ponieważ stanowią wysmienite miejsce obserwacyjne i punkt składowania resztek jedzenia. Niestety ryś nie jest maratończykiem i szybko się męczy. Dlatego jest dobrym strategiem, a precyzja jest dla niego ważniejsza niż szybkość. Również kolor futra pomaga mu schować się i pozostać niezauważonym, jako że żółty, pomarańczowy, brązowy i czarny występują powszechnie w leśnym krajobrazie. Wszystkie wymienione cechy są niezbędne w zawodzie myśliwego. Możecie jeszcze zapytać, co składa się na jego ulubione danie. Ryś lubi jeść małe jelenie, sarny, gryzonia, gady, ptaki i króliki.

Reintrodukcja i zagrożenia

Do rodziny Lynx zaliczamy cztery gatunki rysia: euroazjatyckiego, iberyjskiego, rudego i kanadyjskiego. Ostatnie dwa zamieszkują tereny Ameryki Północnej, tworząc dosyć dużą

timas vivem nos territórios do continente norte-americano, formando uma população bastante grande que ainda não está ameaçada de extinção. Contudo, os que precisam mais ajuda são os lincês que residem na Europa, e mais precisamente em Portugal e na Polónia. Sendo primos as suas características são parecidas. Ambas as espécies por causa da expansão das estradas, do desaparecimento das florestas e outras atividades dos homens encontram-se em risco de extinção. Porém, a maioria dos lincês na Península Ibérica morre por causa de atropelamento por carros. Por isso, nas estradas portuguesas e espanholas foram colocados os sinais rodoviários especiais em forma de triângulo vermelho-branco, com a cabeça do lince preta.

O lince euroasiático habita duas regiões na Polónia: a população de planície no nordeste do país e a população dos Cárpatos no sudeste. A partir do ano 2007 a organização WWF (World Wild Fund for Nature) introduziu o programa de proteção e reintrodução do lince euroasiático na região nordeste da Polónia. O método born to be free elaborado pelo Dr. Andrzej Krzywiński permite que os lincês nasçam numa espécie de covil artificial colocado na floresta e passem lá os primeiros meses junto com a sua mãe, mas com a possibilidade de sair quando quiserem. Depois de um tempo os filhotes decidem viver sozinhos e de vez em quando visitam a sua mãe no dito covil. Graças a isso, os lincês começam a conhecer a natureza e o entorno já a partir das primeiras semanas da sua vida. WWF trouxe também cinco lincês eurasiáticos da Estónia que foram soltos na região da Masúria.

O lince ibérico ocupa apenas o território de Espanha e Portugal. A União Internacional de Conservação da Natureza classificou-o como a espécie criticamente ameaçada. Por esta razão, foi estabelecido o Centro Nacional de Reprodução do Lince-Ibérico em Silves (Algarve). Em 2014 começou o programa de reintrodução dos lincês nas terras portuguesas. O primeiro casal: a fêmea 'Jacarandá' e o macho 'Kathmandu', foi colocado no Parque Natural do Vale de Guadiana (concelho de Mértola) em dezembro de 2014. O programa prevê o lançamento de oito lincês até metade de 2015. Infelizmente, em março foi encontrada morta uma fêmea libertada em fevereiro. As análises indicaram o envenenamento como a causa da sua morte. Todos os lincês soltos são monitorizados através do sistema de georeferenciação, que permite observar a sua deslocação. Em abril os CTT lançaram cinco modelos de selos com a imagem do lince ibérico, para promover o programa de reintrodução destes felinos em Portugal.

Se quiserem saber mais sobre o programa de reintrodução dos lincês, tanto na Polónia, como em Portugal, podem consultar as páginas de WWF e de SOS Lynx. Estes animais bonitos precisam de nossa ajuda. Só nós, humanos, podemos protegê-los.

<http://www.wwf.pl/>
<http://www.wwf.pt/>
<http://soslynx.org/>



Anna Krupa

1º ano de mestrado em Estudos Portugueses

população, która nie jest jeszcze zagrożona wyginięciem. Jednak to właśnie rysie zamieszkujące Europę, a dokładniej Portugalię i Polskę potrzebują największej pomocy. Oba gatunki łączą pewne cechy. Są zagrożone wyginięciem z powodu budowy dróg, wycinania lasów i działalności człowieka. Co więcej, większość rysy na Półwyspie Iberyjskim ginie z powodu potrącenia przez samochód. Dlatego też, na drogach portugalskich i hiszpańskich umieszczono specjalne znaki drogowe w formie czerwono-białego trójkąta z czarnym wizerunkiem głowy rysia.

Ryś euroazjatycki zamieszkuje dwa regiony w Polsce: populacja nizinna – północnowschodnią część kraju i populacja karpacka – południowowschodnią. Począwszy od 2007 roku organizacja WWF (World Wild Fund for Nature) wprowadziła program ochrony i reintrodukcji rysia euroazjatyckiego w rejonie północnowschodniej Polski. Metoda born to be free opracowana przez dr Andrzeja Krzywińskiego pozwala, aby rysie przychodziły na świat w wolierze i spędzały tam pierwsze miesiące swojego życia u boku matki, ale z możliwością wychodzenia poza jej obszar wedle uznania. Po jakimś czasie młode decydują się na samotne życie, od czasu do czasu odwiedzając matkę w wolierze. Dzięki temu rysie zaczynają poznawać przyrodę i otoczenie już od pierwszych tygodni swojego życia. WWF też sprowadził z Estonii pięć rysy euroazjatyckich, które zostały wypuszczone w regionie Mazur.

Ryś iberyjski występuje jedynie na terytorium Hiszpanii i Portugalii. Międzynarodowa Unia Ochrony Przyrody wpisała go do Czerwonej Księgi jako gatunek krytycznie zagrożony wyginięciem. Z tego powodu w Silves (region Algarve) powstało Narodowe Centrum Reprodukcyjnego Rysia Iberyjskiego. W 2014 roku rozpoczął się program reintrodukcji rysy na ziemiach portugalskich. Pierwsza para – samica Jacarandá i samiec Kathmandu – została umieszczona w Parku Przyrody Doliny Guadiany (region Mertoli) w grudniu 2014 roku. Program zakłada wypuszczenie ośmiu rysy do połowy 2015 roku. Niestety, w marcu znaleziono martwą samicę wypuszczoną w lutym. Badania wykazały, że przyczyną jej śmierci było zatrucie. Wszystkie rysie są monitorowane za pomocą systemu georeferencji, który pozwala na obserwację przemieszczania się zwierząt. W kwietniu Poczta Portugalska wypuściła serię pięciu modeli znaczków z podobizną rysia, aby wypromować program reintrodukcji tych kotów w Portugalii.

Jeżeli chcecie dowiedzieć się więcej na temat reintrodukcji rysy, zarówno w Polsce jak i w Portugalii, możecie odwiedzić strony internetowe WWF i SOS Lynx. Te piękne zwierzęta potrzebują naszej pomocy. Tylko my, ludzie, możemy je ochronić.

<http://www.wwf.pl/>
<http://www.wwf.pt/>
<http://soslynx.org/>

Anna Krupa

I rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)

Este artigo tem como objetivo analisar como os recém-libertos escravos brasileiros tentavam encontrar seu lugar durante as primeiras três décadas do século XX. Como o ex-escravo era acolhido numa nova sociedade brasileira. O ponto de partida para mim são cinco grandes acontecimentos da história do Brasil do início do século XX - na época na qual o Brasil foi chamado de República Velha, o sistema político constituído entre 1889-1930. O primeiro destes grandes acontecimentos foi o fim do sistema escravocrata no Brasil (1889). O segundo a queima de documentos relacionados ao passado escravocrata deste país. Quem mandou queimar os documentos foi Ruy Barbosa - primeiro ministro da Fazenda (sobre o porquê de ele mandar fazê-lo existem várias teorias desde a vergonha perante o resto do mundo, medo de pagar indemnização para os grandes proprietários até à simples vontade de esquecer o passado vergonhoso). O terceiro - a Semana Moderna de Arte em São Paulo em 1922, quarto as políticas culturais do Estado Novo do Getúlio Vargas de 1930 e o último quinto - Primeiro Congresso Afro-Brasileiro presidido por Gilberto Freyre - propagador da democracia racial no Brasil.

Uma coisa é certa - o negro brasileiro não foi convidado pelos intelectuais para participar na construção nacional do Brasil livre e republicano. Ex-escravo brasileiro não teve como representar a incipiente nação brasileira. Em cada 100 pessoas apenas 15 sabiam ler ou pelo menos escrever seu nome. Entre os negros e escravos recém libertos o índice de analfabetismo era superior a 99%. E um dos requisitos para poder votar nas eleições era ser alfabetizado. Excluídos da participação política foram os mendigos, analfabetos, soldados e religiosos de ordens monásticas. Deste maneira o negro não cumpria os termos para ativamente fazer parte da sociedade brasileira.

Brasil republicano herdou o pensamento escravocrata, sentimento de inferioridade perante a Europa e os Estados Unidos. Brasil sempre tentava imitar os hábitos dos europeus. Viena, Versalhes e Madrid representavam os padrões de vida impossíveis de alcançar. Convém

observar que o Brasil vivia numa sociedade de contradições. De um lado uma parte do Brasil, os políticos e intelectuais que se julgavam europeus, por outro lado a situação social onde no final do sistema escravocrata cerca de 1 milhão de escravos representava mão de obra cativa sendo apenas uma propriedade privada sem direito algum à cidadania. Pôr o fim ao sistema escravocrata não acabou com o „problema negro”. O movimento abolicionista teve caráter urbano, foi movido pelos brasileiros educados, representantes da elite - Joaquim Nabuco, André Rebouças, Luís Gama, José de Patrocínio enquanto a realidade escravocrata permanecia no interior do Brasil rural. O que vale a pena destacar é que o objetivo do movimento abolicionista era apenas livrar a sociedade brasileira do vergonhoso sistema baseado na mão de obra cativa.



Fotografia: Lino Matos

O preconceito contra os negros continuava em todas as esferas da vida. Um excelente exemplo é Machado de Assis, mulato, escritor brasileiro, neto de escravos alforriados. Grande abolicionista Joaquim Nabuco disse que *“Machado para mim era um branco”*. Na infância sofreu tantos preconceitos raciais que na sua carreira literária renunciou à sua

tradição e herança afro-brasileira. Em suas obras houve lugar apenas para as personagens de pele clara e só poucas vezes em seus romances se refletiu a negros ou mulatos.

Não há dúvidas de que o mulato brasileiro se tornou o símbolo de transição da cultura brasileira e foi ele que encontrou seu lugar na vida social do Brasil e também na arte. A grande prova disto era a Semana da Arte Moderna que teve lugar em São Paulo em 1922. Depois da Primeira Guerra Mundial a elite brasileira decepcionou-se com os padrões europeus e voltaram os olhos para as próprias raízes brasileiras. Os artistas tentaram buscar temas nacionais procurando uma identidade própria, a *“brasilidade”*. A Semana da Arte Moderna valorizava o povo brasileiro buscando novas raízes brasileiras no índio, *“caipira”* e negro. A síntese do Brasil foi a personagem de Macunaíma da obra de Mário de Andrade. O Macunaíma nasceu negro, se comportava como índio e em determinado momento virou branco. Desta maneira representa o povo brasileiro, misturado, miscigenado e complexo.

Podemos observar que na década de 20 o Brasil passou pelo processo de *“mulatização”*¹. Os grandes representantes da arte e literatura brasileira se focalizaram na beleza do mulato. Vários pintores modernistas retratavam os mulatos e principalmente as mulatas brasileiras, entre eles Di Cavalcanti, que em 1925 acabou um dos seus retratos mais conhecidos *“Samba”* que representa o mundo afro-brasileiro com suas mulatas bonitas e suas paixões pela dança e música. Di Cavalcanti ganhou o nome de *“pintor das mulatas”*. Mário de Andrade disse que Di Cavalcanti *“Não confundiu o Brasil com paisagens; e em vez do pão de açúcar nos dá sambas; em vez de coqueiros, as mulatas, pretos e carnavais.”*

“A mulata, para mim, é um símbolo do Brasil, Ela não é preta nem branca. Nem rica nem pobre. Gosta de dança, gosta de música, gosta do futebol, como o nosso povo”

Di Cavalcanti

Outro pintor importante da época foi Lasar Segall, lituano, residido no Brasil a partir de 1923. Laser concentrou-se nos temas nacionais voltados para os

¹ A Autora conscientemente usa a palavra *“mulatização”*, quer dizer, este processo não é necessariamente positivo. Observa-se que o Brasil passou a aceitar apenas os mulatos, mas ainda não os negros.

negros, plantas tropicais e favelas. Por consequência a bonita mulata brasileira se tornou uma imagem omnipresente que circulava nas novelas, programas de televisão e nas letras de música de samba. A imagem de uma mulata- doce, morena e brasileira ajudou o Brasil a se comparar racialmente com os outros países europeus. As mulatas apareceram também nos retratos de muitos pintores modernistas entre eles Marcos César de Senna Hill, Anota Malfatti (Tropical – vendedora ambulante), Tarsila do Amaral (A negra que podia representar mães pretas para as crianças brancas), Cândido Portinari (Mestiço). A beleza de uma mulher afro-brasileira admirava também o compositor brasileiro Dorival Caymmi perguntando-se “*O que é que a baiana tem*”. A música com este título apareceu no musical intitulado “*Banana da Terra*” com a estreia de Carmen Miranda. O fato curioso é que os grandes amantes da cultura afro-brasileira eram os brasileiros de origem europeia, pois Anita Malfatti era filha de um italiano, Cândido Portinari – filho de imigrantes europeus, Tarsila do Amaral – embora brasileira, educada com os estrangeiros.

Convém assinalar que os poetas negros não tentaram identificar suas origens com suas obras. Foram então os poetas brancos que dedicaram sua poesia e suas obras ao tema de escravidão e muitos destes poetas brancos se engajaram também aos movimentos abolicionistas, como foi o caso de Castro Alves. Há também um grande número dos romancistas e poetas brasileiros brancos que sempre colocavam as figuras negras nas suas obras, entre eles Fagundes Varela, Aluísio de Azevedo, Mário de Andrade, Manuel Antônio de Almeida, Gregório de Matos e o Jorge Amado.

Jorge Amado é, sem dúvida, o mais eminente escritor brasileiro que dedicou suas obras às condições sociais e políticas do afrodescendente na região da Bahia. Entrelaçou a história e a literatura e através de uma obra “*Jubiabá*” (publicada em 1935) conseguiu analisar as repressões policiais ao candomblé na década de 30. Podemos atribuir a ele uma tentativa de recuperar uma memória e identidade afro-brasileira.

Na década de 1920 ganhou muitos

adeptos um novo fenômeno social – ou seja a democracia racial. Foi na cultura que os líderes políticos e intelectuais viam a integração deste país miscigenado. A mestiçagem e a democracia racial foram entrelaçadas na construção de uma identidade nacional. Este pensamento foi seguido pelo entusiasmo nacionalista do governo de Getúlio Vargas na busca pela autenticidade brasileira que foi vista na cultura afro-brasileira. A democracia racial propunha o ideal de um país unido, uma tolerância nacional, valorização étnico-cultural do negro e índio e homogeneização racial, étnica e cultural. Grande propagador desta ideia foi Gilberto Freyre que em “*Casa Grande e Senzala*” defendeu o africano como um partícipe ativo e o “*maior e mais plástico colaborador de colonização agrária*”.

Através da democracia racial, o Brasil quis negar o racismo no Brasil. Em final de contas, democracia racial ou como eles a chamaram “racismo à brasileira” foi apenas uma crença do que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial. Num país dominado pelas ideias racistas que se refletiam numas ideias de branqueamento, miscigenação seletiva e políticas de povoamento pela imigração europeia, a democracia racial nunca ocorreu. A democracia racial foi chamada também de racismo científico, de acordo com esta teoria os africanos e seus descendentes não eram destinados a fazer parte da nova sociedade.

Todos estes acontecimentos levantaram a questão de negro. Mas aqui o negro foi apenas o objeto da questão racial no Brasil, negro – o tema principal na arte e política.

Negro, como sujeito, agente independente foi excluído do jogo político, da política que era uma atividade restrita às elites.

Pelas maiores lutas tinham que passar os adeptos de Candomblé e de outras sincréticas religiões afro-brasileiras. A nova constituição brasileira de 1891 teoricamente declarou a liberdade da expressão religiosa. De acordo com ela, a religião deveria ser uma questão de privacidade pessoal protegida por lei.

Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891

Nós, os representantes do povo brasi-

leiro, reunidos em Congresso Constituinte, para organizar um regime livre e democrático, estabelecemos, decretamos e promulgamos a seguinte

§ 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

Mas praticamente a liberdade religiosa nunca foi aplicada aos negros. Esta atitude refletia o conflito interno brasileiro entre a modernidade e o passado bárbaro do Brasil. A elite brasileira, e especialmente a baiana (pois foi na Bahia onde teve mais influência afro-brasileira) tentava eliminar tudo que podia arruinar a boa reputação do Brasil. Esta elite lançou um ataque para defender a visão eurocêntrica do futuro brasileiro. Especialmente agressiva foi a política implementada nos jornais brasileiros do estado da Bahia.

“The level of civilization that we have attained, can no longer support the practices of these totally ignorant individuals”.

“We are convinced that we must extinguish from our midst these condemnable beliefs which are not compatible with civilization”.

Journal “A Noite” (24.05.1925)

Pesquisador norte-americano Ruth Landes anotou a frase dita por um funcionário brasileiro do consulado norte-americano no Brasil (na década de 30) que disse

“We will never get anywhere as a nation until the temples are gone!”

A elite brasileira acusou o Candomblé do atraso cultural do Brasil. Em consequência os jornalistas lançaram uma agressiva campanha de mídia para manchar a reputação de Candomblé e pressionaram a polícia para reprimir violentamente os tempos de Candomblé. Na década de 20. os templos afro-brasileiros foram invadidos e os altares e ícones religiosos destruídos.

O negro não teve direito à participação política e à livre prática religiosa. Mas foi com a cultura afro-brasileira que eles aos poucos conseguiram entrar nas disputas, negociações e projetos sociais do país. Num bairro do Rio de Janeiro chamado de “*Pequena África*” a famosa “Tia Ciata” virou uma líder da comuni-

dade com fim de promover o estilo baiano nas ruas do Rio de Janeiro e ajudar na transição de pessoas e costumes baianos para a capital. A Tia Ciata promoveu a incorporação da música e dança afro-brasileira às festas carnavalescas. Os adeptos de Candomblé adaptaram muitas estratégias para manter as suas tradições e para escapar das repressões policiais. Muitas vezes nem chamaram os seus templos de templos mas de centros espirituais e até conseguiram as licenças medicinais para provar que não se tratava de templos afro-brasileiros. Outra estratégia foi cultivar as boas relações diplomáticas com as pessoas de prestígio. Querendo ou não, a elite dependia muitas vezes do conhecimento afro-brasileiro. Assim foi no caso da Tia Ciata que graças a suas habilidades no manejo de ervas medicinais curou a perna de um policial, que a recompensou oferecendo um emprego a seu marido no gabinete do chefe de polícia. Desta maneira os adeptos de Candomblé conseguiram aproximar-se ao poder.

Os afrodescendentes lentamente apareciam como sujeito na cultura brasileira. Em 1916 foi lançada a canção do Ernesto dos Santos “Pelo telefone”, que era uma paródia sobre a polícia. A canção se tornou o maior sucesso do carnaval do ano seguinte e finalmente a indústria cultural se abriu à produção dos negros. Logo em 1926 foi exposta a primeira peça teatral “Tudo Preto” que valorizava a cultura negra.

As batalhas pela sobrevivência das tradições afro-brasileiras diminuíram na década de 1930 após o golpe de Estado do Getúlio Vargas. Getúlio Vargas foi um criador de um projeto de construção de uma nacionalidade, ou seja, brasilidade. Na época do governo mais autoritário de Vargas entre 1937-1945, o objetivo da política foi a construção da ideia de nação e do homem brasileiro e as autoridades passaram a valorizar a música popular e procurar os símbolos nas esferas mais populares. A questão nacional se tornou uma política essencial do governo de Vargas através da qual quis construir uma memória e um sentimento nacional. Os mais eminentes intelectuais brasileiros faziam parte das estruturas políticas deste governo. Car-

los Drummond de Andrade, Lucio Costa, Oscar Niemeyer ocupavam os cargos no Ministério de Educação enquanto Cassiano Ricardo, Candido Matto Filho no Departamento de Imprensa e Propaganda. Através destas práticas políticas, o Estado se tornou único interlocutor para falar com e pela sociedade. Uniformizando a língua e a cultura, Getúlio Vargas tentou estabelecer a cultura nacional à base de suas raízes. Nesta época teve lugar a primeira Conferência Afro-Brasileira em 1934 livre do acadêmico e científico elitismo. Os participantes eram também os analfabetos negros e sacerdotes afro-brasileiros. Finalmente o negro brasileiro parou de ser apenas um objeto de ciência brasileira. O fruto destas lutas foi também a emissão do decreto (Decreto de Vargas 1202/1937) que permitia aos adeptos de Candomblé e outras religiões afro-brasileiras a liberdade religiosa. Mesmo que a lei ainda requeria a licença das autoridades locais, este decreto já foi um grande passo na história do negro no Brasil. Neste momento só queria esclarecer que não digo que o Governo do Vargas mudou a história do negro. Nesta época mudaram apenas as circunstâncias políticas. Aceitar a cultura negra foi apenas uma outra tentativa de controlar o Estado. Através de meios sociais o Estado quis formar uma sociedade unida perante uma ameaça de “inimigos inteiros”. Negar os indivíduos foi possível apenas graças a uma nação unida. Então a busca das raízes brasileiras era apenas uma nova política de controle social.

Os afro-brasileiros conseguiram africanizar o Brasil e a elite não conseguiu branquear a sociedade brasileira. As tradições africanas de quais tinha vergonha a elite do início do século XX, se tornaram a marca nacional do Brasil. Hoje já se esquece do caminho cheio de obstáculos por qual passaram as tradições afro-brasileiras, o samba do Rio de Janeiro ou capoeira.

E acabando o meu artigo só queria compartilhar uma curta anedota.

Os brasileiros do início do século XX acreditaram que a população negra ia desaparecer no Brasil. Em 1911 houve um congresso internacional cujo tema principal foi o futuro das raças huma-

nas. O representante brasileiro Batista Lacerda previa que no início do século XXI não haverá mais negros no Brasil e só haverá poucos mulatos. Uma visão pessimista em relação à raça negra tinha também o escritor brasileiro Monteiro Lobato que na sua obra de ficção “Presidente Negro” previu que o primeiro presidente negro dos EUA ia ocupar lugar só em 2228.

Assim podemos ver como errados estavam os intelectuais brasileiros do início do século XX. Hoje em dia o mulato brasileiro é o mais importante, ambulante, símbolo e marca do Brasil.

Agata Bloch

Fundacjã Terra Brasilis (terrabrazilis.org.pl)

BIBLIOGRAFIA:

ABREU Luciano Aronne, Getúlio Vargas: a construção de um mito, 1928-30, EDIPUCRS (Coleção História 14) 1996.

ALBUQUERQUE Wlamyra R. de, Uma história do negro, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALONSO Miguel, The Development Of Yoruba Candomblé Communities In Salvador, Bahia, 1835-1986, Palgrave Macmillan, 2014.

AMARAL Aracy A., Artes Plásticas na Semana de 22, Editor 34 Ltda, São Paulo, Brasil, 1998.

CALDEIRA Arlindo M., Escravos e Traficantes no Império Português, O comércio negreiro português no Atlântico durante os Séculos XV a XIX, A Esfera dos Livros, 2013.

DAVIS Darien J, Afro-brasileiro hoje, Minority Rights Group International, London, UK, 1999.

GOMES Laurentino, 1889, Porto Editora, 2015.

REZENDE Neide, A semana de arte moderna, Editora Ática, 1993



Fotografia: Arquivo Pessoal

Hoje em dia, os alunos não podem reclamar da falta de organizações, associações ou grupos nos quais poderiam ganhar novas experiências e desenvolver os seus interesses. Muitos deles oferecem aos jovens programas de intercâmbio no estrangeiro. Um desses programas é o programa de voluntariado "Global Talents", oferecido pela organização estudantil internacional AIESEC. As pessoas que participam no voluntariado no exterior trabalham para influenciar o ambiente local, estão interessadas no desenvolvimento pessoal, na descoberta de uma cultura nova e querem partilhar a sua. Do Brasil vieram a Vanessa, que tem 21 anos e é de Aracaju (Sergipe) e a Lorena de 24 anos e que é de Maringá (Paraná).

Entre o Brasil e a Polónia há 10.150km. São 24 horas de viagem aproximadamente. O que fazem duas brasileiras em Lublin?

Vanessa: Estou na Polónia em um trabalho voluntário, organizado pela AIESEC uma organização social que promove intercâmbios, gerida por estudantes. O nome do projeto que estou participando se chama "Global Citizen". Tem como objetivo aprimorar o inglês de estudantes no ensino médio, por

W dzisiejszych czasach studenci nie mogą narzekać na brak organizacji, stowarzyszeń czy grup, w których mogliby zdobywać nowe doświadczenia i rozwijać swoje zainteresowania. Wiele z nich oferuje młodym ludziom programy wymiany zagranicznej, a jednym z nich jest program wolontariatów Global Citizen oferowany przez międzynarodową organizację studencką AIESEC. Osoby biorące w nim udział działają, aby wpłynąć na lokalne środowisko, są zainteresowane rozwojem osobistym, odkrywaniem i dzieleniem się swoją kulturą. Z Brazylii przybyły Vanessa, która ma 21 lat i pochodzi z Aracaju (ze stanu Sergipe) i 24-letnia Lorena z Maringá (ze stanu Paraná).

Brazylię od Polski dzieli 10 150 kilometrów, a to około 24 godzin w podróży. Co dwie Brazylijki robią w Lublinie?

Vanessa: Jestem w Polsce, ponieważ pracuję w wolontariacie organizowanym przez AIESEC, organizację socjalną promującą wymiany i prowadzoną przez studentów. Uczestniczę w projekcie Global Citizen, którego celem jest podniesienie poziomu języka angielskiego w szkołach średnich poprzez warsztaty. Moja praca polega na zapoznawaniu uczniów

meio de workshops. O meu trabalho consiste em apresentar a cultura do meu país por meio desses workshops.

Lorena: Eu também vim para Lublin para um programa de intercâmbio voluntário da Aiesec.

Para participar do projeto o candidato pode escolher países como por exemplo: China, Indonésia, Índia ou Espanha. Por que escolheram a Polónia?

Vanessa: Escolhi a Polónia porque eu sabia pouco sobre o país e seria uma oportunidade de descobrir uma cultura completamente diferente da minha. Conhecia um pouco da história do país na segunda guerra mundial, que é um assunto que me interessa.

Lorena: Escolhi a Polónia para meu intercâmbio porque sempre fui fascinada por história e qual outro país tem mais histórias que a Polónia? A Polónia sempre me encantou por seu passado de participações nas guerras e o modo como sempre seguiu em frente mesmo ante as adversidades. A Polónia para mim sempre foi um berço rico em histórias para contar e lições para aprender.

Já aqui estão há algumas semanas. Qual foi a vossa primeira impressão? Mudou com o passar do tempo?

Vanessa: A minha primeira impressão foi sobre o idioma, muito difícil de aprender, mas muito interessante.

Lorena: Minha primeira impressão sobre a Polónia era em relação aos poloneses. Pensava que estes eram completamente frios e fechados em seus relacionamentos. Com o convívio de perto com diferentes poloneses, pude ver que isso era apenas um estereótipo. Os poloneses são pessoas muito acolhedoras e receptivas, me senti em casa com o passar do tempo por lá.

As pessoas que viajam muito passam sempre por algumas situações incomuns e até mesmo divertidas. Qual foi a vossa melhor aventura aqui na Polónia?

Vanessa: Tive diversas aventuras até agora, uma delas foi me perder, pegar o ônibus errado e ir parar em um bairro distante tarde de noite onde ninguém falava inglês, eu estava com mais duas amigas por isso nós rimos muito sobre isso.

Lorena: Creio que minha melhor aventura foi minha viagem a Zakopane. Ao chegar à cidade logo me organizei para subir a montanha até o lago Morskie Oko e assim o fiz. Contudo, não tenho o hábito de praticar exercícios e não fazia ideia de que para chegar ao lago eram duas horas e meia de caminhada. No fim das contas, quase que não consegui chegar de tão cansada que estava e quando cheguei ao lago, esse estava congelado, o que não deixa de ser belo, mas para mim foi um pouco frustrante. Mas apesar do muito cansaço e de só haver gelo no topo, a caminhada valeu a pena.

Como disseram, vieram para fazer um voluntariado. O projeto fez com que o vosso tempo livre diminuísse muito. Encontraram algum tempo para aprender polaco? Se sim, quais são as palavras que aprenderam desta difícil língua?

Vanessa: Sim, aprendi algumas, como "Oi, tudo bem?", "obrigado", "água", "casa", "cerveja" e a minha favorita é "sorriso". E aprendi também algumas perguntas importantes como: "Qual o seu nome?" "Quantos anos tem?" "Quanto custa?"

z kulturą Brazylii.

Lorena: Ja również przyjechałam do Lublina w ramach wymiany wolontariackiej oferowanej przez AIESEC.

W ramach Global Citizen można wyjechać do takich krajów jak Chiny, Indie, Hiszpania czy Indonezja. Dlaczego wybrałyście Polskę?

Vanessa: Wybrałam Polskę, ponieważ niewiele wiedziałam o tym kraju i była to dla mnie okazja na poznanie kultury zupełnie odmiennej od mojej. Znałam trochę historii tego państwa, interesuje mnie szczególnie okres drugiej wojny światowej.

Lorena: Zdecydowałam się przyjechać tutaj, ponieważ zawsze fascynowała mnie historia, a jaki inny kraj może się poszczycić taką przeszłością jak Polska? Zawsze podziwiałam sposób, w jaki wasi przodkowie walczyli na wojnach i stawiali opór oprawcom. Uważam, że przeszłość waszego kraju jest skarbnicą niezwykle pouczających historii.

Jesteście z nami już kilka tygodni. Jakie było wasze pierwsze wrażenie o Polsce? Jak zmieniło się w przeciągu tego czasu?

Vanessa: Pierwszą rzeczą, która zrobiła na mnie wrażenie był język – trudny do nauki, ale bardzo ciekawy.

Lorena: Moje pierwsze wrażenie związane było z Polakami. Myślałam, że będą oni zupełnie chłodni i zdystansowani w kontakcie z innymi ludźmi. W miarę jak poznawałam nowe osoby, zobaczyłam, że wszystkie moje obawy były jedynie stereotypem. Polacy są bardzo ciepli i wrażliwi. Wraz z upływem czasu poczułam się tu jak w domu.

Ludziom, którzy wiele podróżują często przytrafiają się niecodzienne i niejednokrotnie zabawne sytuacje. Jaka była najlepsza przygoda jaka spotkała was podczas pobytu w Polsce?

Vanessa: Jak dotąd miałam wiele różnych przygód. Pewnego razu zgubiłam się, ponieważ wsiadłam do złego autobusu i pojechałam późną nocą do nieznanej mi dzielnicy, gdzie nikt nie mówił po angielsku. Na szczęście towarzyszyły mi dwie koleżanki, więc raczej śmiałyśmy z całej sytuacji niż płakałyśmy.

Lorena: Myślę, że moją największą przygodą była podróż do Zakopanego. Gdy przyjechałam do miasta, postanowiłam iść w góry nad Morskie Oko. Nie jestem przyzwyczajona do dużego wysiłku fizycznego, a nie miałam pojęcia, że droga do jeziora to dwuipółgodzinna wędrówka. Na końcu byłam tak zmęczona, że ledwo udało mi się dotrzeć do celu, a kiedy już dotarłam, okazało się, że jezioro było zamrożone. Nie oznacza to, że nie było piękne, ale poczułam się trochę rozczarowana. Jednak uważam, że mimo zmęczenia i lodu było warto.

Jak już wspomnieliście, przyjechaliście do Polski na wolontariat, przez co wasze zasoby wolnego czasu znacznie się uszczupliły. Czy znalazliście chwilę, by nauczyć się polskiego? Jeśli tak, to jakie słowa poznałyście w tym trudnym języku?

Vanessa: Tak, nauczyłam się kilku słów, takich jak „Cześć, jak się masz?“, „dziękuję“, „woda“, „dom“, „piwo“, ale moim ulubionym wyrazem jest „uśmiech“. Nauczyłam się również kilku użytecznych pytań: „Jak się nazywasz?“, „Ile masz lat?“, „Ile to

“Qual o seu hobby?”

Lorena: Na realidade tínhamos algum tempo livre aos fins de semana, mas confesso que não me atrevi a aprender polonês, achei a língua absolutamente difícil. Para não dizer que não aprendi nada, conseguia pronunciar algumas palavras básicas como: “bom dia”, “boa noite”, “por favor”, “até logo” e me apresentar. Mas não consegui ir além disso. Polonês é realmente uma língua trabalhosa para se aprender.

A Polónia é um país rico em sítios muito interessantes. Conseguiram visitar algum?

Vanessa: Sim, conheci Cracóvia, Varsóvia, Biłgoraj, Parczew, Ruda Huta, Chełm e outras mas minha favorita foi Klementowice não por causa da cidade, mas das pessoas que conheci lá.

Lorena: Para mim Varsóvia e Cracóvia são cidades ricas em muitos sentidos, não apenas em seu aspecto histórico mas também cultural. Conheci outras cidades, mas estas me chamaram mais a atenção.

Escolhendo a Polónia decidiram não só vir para outro país mas também vir para outro continente. Quais são as maiores diferenças entre o Brasil e a Polónia? Acham que os polacos são muito diferentes dos habitantes do teu país?

Vanessa: Existe bastante coisa diferente, como a comida, os principais ingredientes são diferentes, como o feijão que comemos no Brasil e as batatas que vocês comem aqui. A língua é muito diferente, a pronúncia. As relações entre as pessoas são diferentes, no Brasil existe um jeito mais próximo de se relacionar. O clima é muito diferente o mais frio que faz na minha cidade é 22 graus.

Lorena: Acredito que a maior diferença diz respeito às questões de segurança pública. Achei a Polónia um país muito seguro para se viver, principalmente na segurança que se tem para as mulheres. No Brasil, infelizmente, temos graves casos de assédio às mulheres. Para estas saírem às ruas à noite, muitas vezes, é uma tarefa perigosa. Na Polónia, todas as vezes que sai sozinha, mesmo à noite, me sentia segura.

Já conheceram um pouco do país. Se tivessem que decidir entre vir de férias ou fazer o voluntariado de novo, o que escolheriam?

Vanessa: Viria nas férias para poder passar mais tempo livre no país e conhecer um pouco mais sobre a história dos lugares.

Lorena: Sem dúvida, voltaria à Polónia. Creio que no futuro, retornarei. A Polónia é um país para ser visitado mais de uma vez.

Aleksandra Moskal

2º ano de Filologia Ibérica



kosztuje?”, „Jakie jest twoje hobby?”

Lorena: Właściwie mieliśmy trochę wolnego czasu w weekendy, ale przyznaję, że nie zdobyłam się na odwagę, żeby uczyć się polskiego. Myślałam, że jest to zdecydowanie za trudne. Nie znaczy to jednak, że nie nauczyłam się kompletnie niczego, udało mi się wymówić kilka podstawowych słów, takich jak: „dzień dobry”, „dobry wieczór”, „proszę”, „do zobaczenia”, potrafię się również przedstawić. Nie umiem jednak nic poza tym. Nauka języka polskiego jest zajęciem bardzo pracochłonnym.

Polska jest krajem bogatym w ciekawe, oblegane przez turystów miejsca. Czy udało wam się zobaczyć któreś z nich?

Vanessa: Tak, poznałam Kraków, Warszawę, Biłgoraj, Parczew, Rudą Hutę, Chełm i wiele innych, ale moim ulubionym miastem były Klementowice nie ze względu na samo miasto, lecz ze względu na osoby które tam poznałam.

Lorena: Dla mnie Warszawa i Kraków są miastami mocno zapadającymi w pamięć. Nie tylko przez swoje aspekty historyczne, ale również kulturowe. Ze wszystkich miejsc, które poznałam, te dwa najbardziej mnie zainteresowały.

Wybierając Polskę zdecydowaliście się nie tylko na przyjazd do innego kraju, ale również na inny kontynent. Jakie są największe różnice między Brazylią a Polską? Czy w waszej opinii Polacy bardzo różnią się od mieszkańców waszego kraju?

Vanessa: Jest wiele rzeczy, które nas różnią, np. jedzenie. W Brazylii podstawowym składnikiem jest fasola, a tutaj ziemniaki. Wymowa waszego języka zupełnie różni się od naszej, relacje między ludźmi w Brazylii są znacznie bliższe. Również klimat jest zupełnie inny, w moim mieście najniższą temperaturą są 22 stopnie.

Lorena: Myślę, że największa różnica dotyczy kwestii bezpieczeństwa publicznego. Widzę, że Polska jest krajem bardzo bezpiecznym, a przede wszystkim bezpiecznym dla kobiet. Niestety w Brazylii mamy poważne problemy z molestowaniem kobiet. Z tego powodu obawiamy się wychodzić z domu po zmierzchu. W Polsce za każdym razem kiedy wychodziłam sama, nawet w nocy, czułam się bezpiecznie.

Zdążyłyście już poznać trochę nasz kraj. Czy gdybyście miały wybierać pomiędzy ponownym przyjazdem do Polski jako wolontariuszki, a przyjazdem tu na wakacje, na którą opcję byście się zdecydowały?

Vanessa: Przyjechałabym na wakacje, żeby móc poświęcić więcej czasu na zwiedzanie kraju i poznanie lepiej historii poszczególnych miejsc.

Lorena: Bez wątplenia wróciłabym tutaj i wierzę, że w przyszłości wrócę. Polska to kraj, który warto odwiedzić więcej niż jeden raz.

Aleksandra Moskal

II rok, Filologia iberyjska (język hiszpański)

“Ser gaúcho, não é apenas nascer no pago ou ser filho desta terra. Ser gaúcho, é ser valente e cultivar nossas tradições. Ser gaúcho, não é colocar bombacha, bota, lenço, pegar o seu cavalo e desfilhar no dia vinte de setembro. Ser gaúcho, é conhecer suas origens, saber de onde veio a bombacha, conhecer a história do chimarrão e não apenas tomá-lo. Ser gaúcho, é ser tradicionalista, contar a nossa história e ter orgulho da nossa tradição. Ser gaúcho, não é só andar pilchado, não é só saber montar no cavalo, e sim saber o que é pelego, arreios, freio, lombinho... Ser gaúcho, é ser peão de estância, conhecer a lida do campo e lidar com o gado. Ser gaúcho, é cantar, dançar nossas músicas, compor, trovar, declamar, contar nossas vitórias e saber cantar o nosso hino. Ser gaúcho, é conseguir reviver nosso passado, conhecer nossas origens e nascer no Rio Grande do Sul. Ahhhh!! Eu sou gaúcho tchê!”

Somos filólogos. Somos amantes da língua estrangeira que estudamos e adoramos conhecer cada vez mais os países onde o português é a língua oficial. Viajamos pelo mundo com o fim de entrar ainda mais neste universo lusófono. O que podemos observar já no começo é uma grande diversidade dos falantes desta maravilha que é o idioma português. Até agora, eu conheci apenas dois países lusófonos – Portugal e o Brasil. Os portugueses – às vezes nostálgicos, com o omnipresente motivo da saudade mas muito amáveis, conscientes e orgulhosos da sua prestigiosa história. Os brasileiros – diferentes uns dos outros em tantos aspectos quantas regiões possui o Brasil. E é neste país que quero concentrar-me agora. Mas não vou falar de quase 9 milhões km². Convido a explorar um pouquinho a região do sul do Brasil, exatamente a região do Rio Grande do Sul, com o maior enfoque no seu povo. Pensa que o Brasil é só cachaca, futebol e mulatas dançando samba? Conheça então o povo gaúcho, habitante desta parte do Brasil.

Quando o Rio Grande do Sul estava nos primeiros estágios da sua evolução social, sob o estrondo das batalhas travadas corpo a corpo entre duas nações secularmente rivais, Portugal e Espanha, eternamente em luta pela conquista dos mais afastados recantos do Mundo, o povo gaúcho ia-se formando devido à miscigenação entre indígenas, luso-brasileiros e espanhóis. Obviamente, esta mistura tinha de deixar alguma marca nos habitantes desta pequena região (digo “pequena” porque é a menor do Brasil, mas ao mesmo tempo é quase duas vezes maior que toda a Polónia). Como são, então, os gaúchos? São simples, humildes, mas sabem apreciar o que têm. Estão muito orgulhosos da sua pequena pátria, dos seus costumes, da sua história. Diz-se que todos sentem um arrepio ao ouvir os primeiros acordes

„Bycie gaucha nie oznacza jedynie, że narodziłeś się na południu, że jesteś jedynie synem tej ziemi. Być gaucha to być odważnym. To kultywować nasze tradycje. Być gaucha to nie tylko umieć założyć spodnie bombacha, wysokie buty, zawiązać na szyi chustkę, dosiąść swojego konia i defilować dwudziestego września. Być gaucha to być świadomym swoich korzeni, wiedzieć, skąd wzięły się bombacha. Znać genezę chimarrão, a nie jedyne pić ten roślinny napar. Być gaucha to być tradycjonalistą, chwalić się naszą historią i być dumnym z naszej tradycji. Być gaucha to nie tylko umieć dosiąść konia, to umieć zarzucić nań siodło i koc z owczej wełny. To umieć założyć koniowi uzdę. Być gaucha to stanowić pion swojego gospodarstwa, umieć radzić sobie z obowiązkami w nim. Umieć radzić sobie z opieką nad zwierzętami. Być gaucha to śpiewać, tańczyć do naszej muzyki, tworzyć nowe melodie, recytować, opowiadać o naszych zwycięstwach i znać nasz hymn. Być gaucha to umieć żyć naszą przeszłością, znać nasze korzenie i urodzić się w Rio Grande do Sul. Ach, jestem gaucha, tchê!”

Jesteśmy filologami. Kochamy język obcy, którego się uczymy i sprawia nam ogromną radość coraz lepsze poznawanie krajów, w których język portugalski jest językiem urzędowym. Podróżujemy, by jeszcze głębiej wejść w świat Luzofonii. To, co nam, obserwatorom z zewnątrz od razu rzuca się w oczy, to wielka różnorodność osób posługujących się tym językiem. Do tej pory poznałam jedynie dwa kraje luzofońskie: Portugalię i Brazylię. Portugalczycy – czasami nostalgiczni, z wszechobecnym motywem saudade, ale bardzo ciepłi i przyjaźni w kontakcie. Świadomi i dumni ze swojej historii. Brazylijczycy – zróżnicowani pod tyłoma względami, ile regionów ma ten kraj. I to na nim skupię się dzisiaj. Nie będę jednak opowiadać o prawie 9 milionach kilometrów kwadratowych. Chciałabym zaprosić czytelników do choć częściowego odkrycia położonego najbardziej na południe regionu Brazylii – Rio Grande do Sul, a dokładniej jego mieszkańców. Drogi Czytelniku, myślisz, że Brazylia to tylko wódka z trzciny cukrowej, piłka nożna i dziewczyny tańczące sambę? Poznaj zatem lud gaucha, zamieszkujący tę część Brazylii.

Region Rio Grande do Sul powstał w wyniku wymieszania się ludów zamieszkujących dzisiejszą Brazylię z imigrantami europejskimi i niewolnikami afrykańskimi. Tłem do tych wydarzeń była wieloletnia walka między Hiszpanią i Portugalią, mających za cel zajęcie nawet najbardziej odległych zakątków świata. Oczywiście więc jest, iż zarówno ta międzynarodowa „mieszanka” kulturowa, jak i odwieczne konflikty musiały pozostawić jakiś ślad na zamieszkujących ten malutki region



Fotografia: Arquivo Pessoal

do hino rio-grandense. São muito agarrados à sua bandeira, identificam-na com a manta que abriga o seu coração. Os seus “guris” (guri significa rapaz mas também o conceito geral de amigo/amiga) são uma coisa mais importante ainda – a confraternização e a lealdade são muito apreciadas, pois é importante trabalhar juntos para fazer crescer a sua terra amada. O apego a ela faz com que todos falem no mesmo tom de voz, realizem algumas das atividades da mesma maneira e usem o mesmo vocabulário completamente incompreensível para os “não-rio-grandenses”. Alberto Juvenal de Oliveira, o autor do livro Dicionário gaúcho, dá-nos um bom exemplo disso: um gaúcho está a viajar por outra região do Brasil com a intenção de encontrar a casa do seu amigo. Para num bar e pergunta: “Buenas tardes, índiada macanuda. Estou meio entupigaitado. Venho gauderando por estas bandas, campeando um guasca largado e mui boenacho. Mesmo parando rodeio nas ideias, não sei onde fica a biboca do vivente. Quem sabe, algum chiru conhece o taura?”, o que poderia ser traduzido para “o nosso português” como: “Boa tarde, senhores simpáticos. Estou meio desorientado. Venho andando por estes lados, procurando um homem alegre e bom amigo meu. Mesmo que tenha tentando lembrar-me do seu endereço não sei onde fica a casa dele. Quem sabe se algum de vocês o conhece”. Incrível, não é? Os gaúchos são, finalmente, os “quebra costelas”. É um dos povos mais hospitaleiros que conheci na minha vida. Recebem de braços abertos a todos que chegam aqui para unir-se e participar nos costumes e tradições deles. Fazem sentir-nos como os seus irmãos ao deixar-nos sentar no círculo feito por todos os seus familiares, repassando a cuia (um objeto usado para tomar o chimarrão, na Polónia mais conhecido como yerba mate) como prova de paz e do querer bem.

O que foi descrito aqui, neste curto artigo, é só um pequeno pedacinho de tudo o que poderia ser dito sobre este povo. Viver lá, no fim do mapa, com certeza foi a maior aventura da minha vida que trago à memória sempre com lágrimas de saudade nos olhos. Não vou falar mais, quem quiser entrar nos pormenores do mundo gaúcho comigo, fique à vontade. Como diria a gauchada: então tá, chega de conversa guris, imagina foi muito legal falar um pouco sobre meus amigos brasileiros, tamo em contato, valeu!

Katarzyna Rejter

1º ano de mestrado em Estudos Portugueses



Fotografia: Arquivo Pessoal

(używam słowa „malutki”, gdyż RS to najmniejszy region Brazylii, lecz w rzeczywistości jest on prawie dwukrotnie większy od terytorium Polski). Jacy są zatem gauchos? Są prości, skromni, ale umieją cenić to, co posiadają. Są bardzo dumni ze swojej małej ojczyzny, swoich tradycji i historii. Podobno każdy gaúcho dostaje ciarek jak tylko słyszy pierwsze dźwięki hymnu RS. Gauchos są też bardzo związani ze swoją flagą. Porównują ją do ciepłego koca otulającego ich serca. Kolejnym aspektem niesłuchanie dla nich istotnym są ich guris, czyli przyjaciele. Przyjaźń i lojalność są tu bardzo cenione, gdyż tylko żyjąc w tych wartościach można pracować na rozkwit swojej ukochanej ziemi. Ów silny związek ze swoją ziemią sprawia, że gauchos mówią tym samym tonem głosu i używają tego samego słownictwa, kompletnie niezrozumiałego dla ludzi spoza Rio Grande do Sul. Świetny przykład tego podaje brazylijski pisarz Alberto Juvenal de Oliveira, twórca słownika gaúcho, opowiadający we wstępie swej książki historię, w której gaúcho podróżuje przez Brazylię w celu odwiedzenia swojego przyjaciela, a zgubiwszy się, przystaje przy pobliskim barze i pyta ludzi o pomoc. Pomimo, że zarówno on, jak i goście baru mówią po portugalsku, komunikacja jest mocno utrudniona lub wręcz niemożliwa ze względu na słownictwo, jakiego używa gaúcho. Kończąc powoli moje dywagacje należy wspomnieć też, iż gauchos są niesłuchanie otwarci i życzliwi. To jeden z najbardziej gościnnych narodów, jakie miałam przyjemność odwiedzić. Przyjmują gości z otwartymi ramionami i zapraszają do poznania swoich zwyczajów i tradycji.

Wszystko zaczyna się od wspólnego wypicia chimarrão w gronie najbliższych, a nieodłącznym elementem tego obrzędu jest rytuał podawania sobie cuia, czyli czegoś w rodzaju specjalnego kubka, w którym serwuje się ten napój, nam bardziej znany pod nazwą yerba mate.

To wszystko, co tu opisałam, to zaledwie maleńka częśćka wszystkiego, co powinno zostać powiedziane, by dobrze poznać lud gauchos. Mieszkanie tam, gdzie mapa ma swój kres, wśród tych ludzi zdecydowanie było największą przygodą mojego życia i zawsze będę wspominać ten okres ze łzami tęsknoty w oczach. Wystarczy już tej pisaniny. Żegnaj się słowami typowego gaúcho: „Então tá, chega de conversa guris, imagina foi muito legal falar um pouco sobre meus amigos brasileiros, tamo em contato, valeu!”.

Katarzyna Rejter

I rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)

Andrzej Jakimowski começa a sua história no momento em que o jovem Ian (Edward Hog), vem para Lisboa para um prestigioso centro para pessoas cegas. O seu objetivo é ensinar os jovens o sentido de orientação. Essa tarefa acaba por ser muito difícil porque além da abordagem muito cética ao instrutor, também o diretor condena os seus métodos de ensino que são corajosos e um pouco controversos. Contudo o protagonista apesar dos problemas que tem, ganha a confiança entre as crianças com muita paciência. Além disso consegue convencer uma alemã jovem e bonita que se chama Eva (Alexandra Maria Lara) de que tem razão. Não se sabe desde quando ela é cega mas podemos deduzir que não desde sempre. Eva não confia em ninguém e não quer participar nas aulas. Com o tempo começa a perceber que a perda da visão é uma experiência muito dolorosa mas em vez de acusar todo mundo, pode começar a contemplá-lo com outros sentidos.

Podemos perceber o filme de Jakimowski como uma história muito triste que fala de cegos que até têm medo de sonhar em levar uma vida normal, sem deficiência mas graças a uma pessoa ganham um vislumbre de esperança, o que muda a forma como encaram a vida e os leva a lutarem e mudarem-se a si próprios. Podemos ver isso na cena onde Ian com Eva vão dar um passeio fora das paredes do centro. Eva tem medo do barulho na rua, mas com cada passo convence-se que graças aos outros sentidos pode imaginar o espaço e para além disso pode adaptar-se a este espaço.

Os filmes de Andrzej Jakimowski normalmente contam sobre momentos duros na vida sobre os aspetos difíceis da nossa vida. O realizador concentra-se na melhor forma de mostrar o problema psicológico e permite que o espetador interprete sozinho várias situações e que sinta da forma o mais real possível a situação em que estão os protagonistas.

Embora eu prefira o cinema ligeiro, este filme interessou-me logo nos primeiros minutos. Com certeza muitas pessoas ficaram impressionadas com o papel do Ian, que estando na mesma situação que os seus alunos, tenta comportar-se como uma pessoa totalmente ‘normal’. O facto mais interessante é que uma pessoa privada de um sentido tão importante como a visão pode ser completamente independente. E igualmente convence os alunos e Eva. A cena que mais me marcou é o momento no qual Ian prova a sua cegueira a Serrano. Naquele momento ele arranca os globos oculares que são de vidro, e dá-lhos para que ele toque.

Na minha opinião o papel do médico (Francis Frappat) também merece atenção porque representa a mentalidade das pessoas que não são deficientes. Ninguém pode imaginar



Andrzej Jakimowski começa a sua história no momento em que o jovem Ian, do qual o protagonista Edward Hogg, vem para Lisboa para um prestigioso centro para pessoas cegas. O seu objetivo é ensinar os jovens o sentido de orientação. Essa tarefa acaba por ser muito difícil porque além da abordagem muito cética ao instrutor, também o diretor condena os seus métodos de ensino que são corajosos e um pouco controversos. Contudo o protagonista apesar dos problemas que tem, ganha a confiança entre as crianças com muita paciência. Além disso consegue convencer uma alemã jovem e bonita que se chama Eva (Alexandra Maria Lara) de que tem razão. Não se sabe desde quando ela é cega mas podemos deduzir que não desde sempre. Eva não confia em ninguém e não quer participar nas aulas. Com o tempo começa a perceber que a perda da visão é uma experiência muito dolorosa mas em vez de acusar todo mundo, pode começar a contemplá-lo com outros sentidos.

Podemos perceber o filme de Jakimowski como uma história muito triste que fala de cegos que até têm medo de sonhar em levar uma vida normal, sem deficiência mas graças a uma pessoa ganham um vislumbre de esperança, o que muda a forma como encaram a vida e os leva a lutarem e mudarem-se a si próprios. Podemos ver isso na cena onde Ian com Eva vão dar um passeio fora das paredes do centro. Eva tem medo do barulho na rua, mas com cada passo convence-se que graças aos outros sentidos pode imaginar o espaço e para além disso pode adaptar-se a este espaço.

Embora eu prefira o cinema ligeiro, este filme interessou-me logo nos primeiros minutos. Com certeza muitas pessoas ficaram impressionadas com o papel do Ian, que estando na mesma situação que os seus alunos, tenta comportar-se como uma pessoa totalmente ‘normal’. O facto mais interessante é que uma pessoa privada de um sentido tão importante como a visão pode ser completamente independente. E igualmente convence os alunos e Eva. A cena que mais me marcou é o momento no qual Ian prova a sua cegueira a Serrano. Naquele momento ele arranca os globos oculares que são de vidro, e dá-lhos para que ele toque.

Na minha opinião o papel do médico (Francis Frappat) também merece atenção porque representa a mentalidade das pessoas que não são deficientes. Ninguém pode imaginar

**IMAGINE, DE ANDRZEJ JAKIMOWSKI,
2012**

que poderia perder a vista, por isso não conseguimos entender que as atitudes como as do médico prejudicam os alunos e Ian. Quando Ian é despedido do trabalho devido à forma controversa como dá as aulas, os jovens perdem a esperança e a sua vida volta a ser como antes. Novamente são tratados como doentes, como as pessoas das quais é preciso cuidar e sentir pena.

O filme tem o final aberto. Só podemos tentar adivinhar o que acontece depois com a relação entre Eva e Ian. Penso que vale a pena ver este filme, mesmo que não seja pela apresentação do problema, mas sim pelas belas imagens de Lisboa. O filme "Imagine" é uma produção polaca, portuguesa e britânica, que ganhou 5 prêmios prestigiosos, tanto pela banda sonora, como pela realização. Vale a pena também mencionar 12 nomeações. Recomendo

Martyna Jędrzejczyk

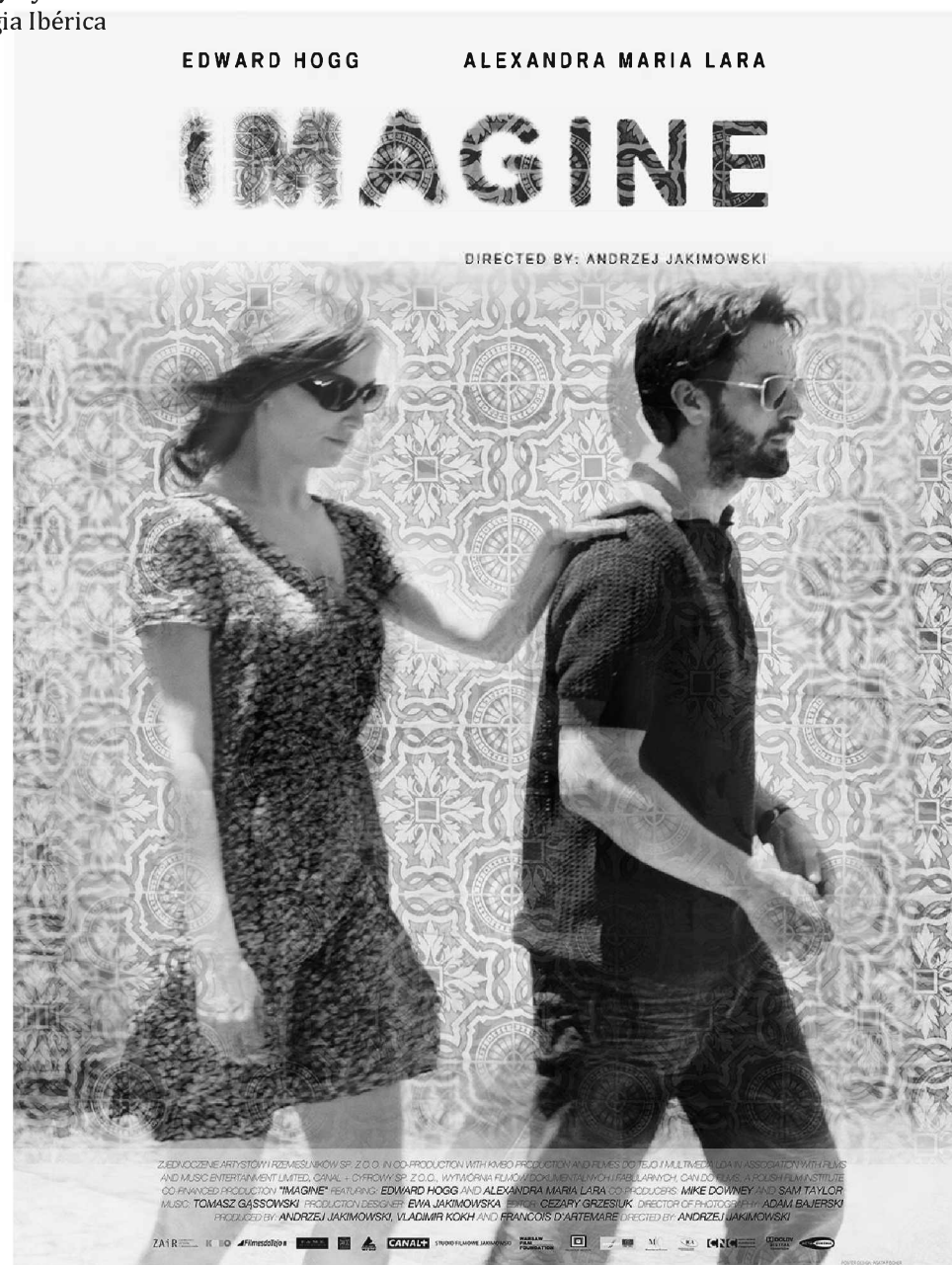
2º ano de Filologia Ibérica

**IMAGINE, REŻ. ANDRZEJ JAKIMOWSKI,
2012**

nego lekarza jest krzywdzące dla osób niewidomych. Gdy Ian zostaje zwolniony za kontrowersyjny sposób prowadzenia zajęć, podopieczni tracą nadzieję, a ich życie znów wraca na dawną drogę, na której byli traktowani jak chorzy, jak osoby, którymi trzeba się zajmować i którym trzeba okazywać litość. Film ma otwarte zakończenie, możemy jedynie domyślać się, jak rozwija się relacja Ewy i Iana, którzy siedzą w znanej, liźbońskiej kawiarni i domyślają się swojej obecności. Myślę, że warto zobaczyć ten film. Jeśli nie dla samego ujęcia problemu, to dla zdjęć przepięknej Lizbony. Film Imagine to polsko-portugalsko-brytyjska produkcja, która zdobyła 12 nominacji oraz 5 prestiżowych nagród za dźwięk, reżyserię oraz w kategorii najlepszy film. Polecam.

Martyna Jędrzejczyk

II rok, Filologia iberyjska (język hiszpański)


**ALEXANDRE SOARES
ENTREVISTA**

Alexandre Soares: Pseudónimo de Áureo Soares, nascido em Lisboa em 1982. Licenciado em Ciências da Comunicação com especialização em Jornalismo, estagiou no jornal português de maior circulação, *Correio da Manhã*, antes de ingressar na revista *GQ Portugal*, onde exerceu as funções de jornalista, editor e chefe de redação entre 2006 e 2014. Assinou crónicas na revista *Futebolista* e textos dispersos por publicações de viagens e de decoração de interiores, portais na Internet e suplementos de relojoaria. Atualmente é assessor de imprensa em regime freelance.

Como começou a sua aventura com o jornalismo?

Começou antes que eu me pudesse aperceber disso, em 2000, quando tive de optar entre seguir Direito, Línguas e Literaturas Modernas ou Ciências da Comunicação. Entre o tédio do Direito e os poucos horizontes abertos pelas Literaturas Modernas optei por um curso de carácter mais geral, que me permitisse escrever. Depois fiz um estágio no *Correio da Manhã*, o jornal mais lido em Portugal, e trabalhei oito anos na revista *GQ*, colaborando com outras publicações, de viagens, desporto, femininas.

Quais são as características mais importantes de um bom jornalista? Tem algumas dicas para aqueles que querem trabalhar como jornalista?

Sem dúvida, curiosidade, espírito livre e rebeldia – a velha ideia de querer mudar o mundo. Socorro-me de George Orwell, amplamente citado a este respeito: “O jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Tudo o resto é publicidade.”

O jornalismo teve alguma influência na sua poesia?

Não, de forma alguma. Eu traço uma linha muito vincada entre aquilo que foi para mim o jornalismo e o que é a minha escrita, digamos, pessoal, a poesia, ou tudo aquilo que eu escrevo sem ter obrigatoriamente intenção de publicar. São dois mundos que não se tocam; nada têm que ver um com o outro. Se eu puder ser cínico direi que o jornalismo foi a forma mais simples que encontrei de ter um vencimento.

Qual foi o impulso que o levou a escrever poesia? De onde vem a inspiração?

É um impulso antigo, que trago desde a adolescência, através de influências mais óbvias, como Fernando Pessoa ou Jorge Luis Borges, ou menos claras, como a música popular norte-americana e britânica ou o ambiente em que cresci. Eu creio que a adolescência é por excelência a fase da vida em que mais revoltados e angustiados nos sentimos, e estes sentimentos são sempre canalizados para algo. No meu caso, isso aconteceu sempre através da escrita, tanto pela manutenção de diários como pela escrita de contos, poemas ou mesmo letras para canções.

Vejo nos seus poemas muitos motivos portugueses: saudade, Alentejo, etc. Certamente que isso não é por acaso...

Certamente que não. Embora falar de “saudade” seja de certa forma um lugar-comum, é um facto que muito do que é a “alma portuguesa”, se é que isso existe, se constrói em torno deste sentimento e desta palavra. Eu não creio que a saudade, no exacto sentido que lhe é dado pelo fado, por exemplo, esteja

**ALEXANDRE SOARES
WYWIAD**

Alexandre Soares: pseudonim Áureo Soaresa urodzonego w Lizbonie w 1982 roku. Jest magistrem Komunikacji Społecznej ze specjalizacją dziennikarską. Odbił staż w najpopularniejszym dzienniku portugalskim *Correio da Manhã*, zanim rozpoczął pracę dla *GQ Portugal*, gdzie pełnił funkcję dziennikarza i redaktora naczelnego w latach 2006-2014. Pisał felietony do czasopisma piłkarskiego *Futebolista*, jak również różnorodne teksty do czasopism podróżniczych i magazynów związanych z aranżacją wnętrz. Obecnie pracuje jako doradca prasowy.

Jak zaczęła się Pana przygoda z dziennikarstwem?

Zacząła się zanim zdałem sobie z tego sprawę, w 2000r. kiedy musiałem dokonać wyboru pomiędzy studiowaniem prawa, języka i literatury współczesnej, lub mediów/dziennikarstwa. Jako że prawo wydawało mi się nudne, a studiowanie literatury współczesnej wiązało się z bardzo wąską specjalizacją, zdecydowałem się na kierunek bardziej ogólny, który pozwoliłby mi pisać. Potem byłem na stażu w *Correio da Manhã*, najpopularniejszym dzienniku portugalskim, pracowałem osiem lat dla czasopisma *GQ*, współpracowałem również z magazynami podróżniczymi, sportowymi, kobiecymi.

Jakie są według Pana najważniejsze cechy charakteru dobrego dziennikarza? Czy udzieliłby Pan kilku wskazówek tym, którzy chcą pracować w tym zawodzie?

Najważniejszymi cechami charakteru są bez wątpienia ciekawość, wolny duch i przekora: ta odwieczna idea potrzeby zmiany świata. Wspomogę się cytatem z George’a Orwella, chętnie przytaczanego w podobnych sytuacjach: „Dziennikarstwo jest drukowaniem tego, o czym niektórzy nie chcą czytać; wszystko pozostałe to reklama”.

Czy dziennikarstwo miało jakiś wpływ na Pana poezję?

W żadnym wypadku. Grubą kreską oddzielam to, czym było dla mnie dziennikarstwo i czym jest mój osobisty styl, moja poezja i wszystko co piszę, a co niekoniecznie mam zamiar opublikować. To dwa osobne światy; jeden nie ma nic wspólnego z drugim. Jeśli pozwoliłbym sobie na bycie cynicznym, rzekłbym, że dziennikarstwo było najprostszą formą zarobku, jaką odkryłem.

Co było bodźcem, który popchnął Pana w stronę poezji? Skąd czerpie Pan inspirację?

To impuls, który noszę w sobie od kiedy miałem kilkanaście lat. Te bardziej oczywiste inspiracje czerpałem z twórczości Fernando Pessoa i Jorge Luis Borgesa, te mniej oczywiste pochodzą z amerykańskiej i brytyjskiej muzyki pop oraz środowiska, w którym dorastałem. Wierzę, że okres dorastania jest etapem życia, w którym czujemy największy bunt i największy niepokój; te dwa uczucia znajdują zawsze w czymś ujście. W moim przypadku następowało to zwykle poprzez pisanie: zarówno prowadzenie dziennika jak i pisanie opowiadań, wierszy czy tekstów piosenek.

W Pańskiej poezji odnajduję wiele motywów portugalskich: saudade, Alentejo, etc. Nie jest to chyba kwestia przypadku...

Oczywiście nie. Pomimo, że mówienie o “saudade” można uważać w wielu momentach za trywialne, faktem jest, że

ALEXANDRE SOARES
ENTREVISTA

presente nos meus poemas. Quanto ao Alentejo, sim – embora se trate de um Alentejo mitificado, em que eu nunca vivi mas a que sempre regressei através de memórias familiares. No fundo, são poemas antropófagos, autobiográficos e egostas.

Que outros motivos e temas gosta de abordar nos seus poemas?

Não se pode dizer que eu goste de tratar temas específicos, esses temas surgem naturalmente. Escrever não obedece a um plano, é antes um impulso e uma obrigação.

Acha que tudo na poesia depende da capacidade de ver do poeta?

Quase tanto quanto da capacidade de sentir. Correndo o risco de parecer romântico, acho que poesia é omnipresente, embora nós nem sempre nos apercebamos dela. Um poeta português relativamente desconhecido, Torquato da Luz escreveu “Contra todas as loas, / eis a verdade prática: / os poetas são as pessoas / que mais sabem de matemática.” Eu tendo a concordar; a ligação entre poesia e música é conhecida, e a música encontra-se a meio-caminho entre a arte e a ciência. É uma forma de “linguagem”, pode ser “medida”, faz-se de padrões. Acho que a poesia nasce da capacidade de ver, de sentir e de interpretar do poeta.

Conhece alguns poetas ou escritores polacos?

A literatura polaca não é muito divulgada em Portugal, o que é estranho, tendo em conta que a Polónia, com quarenta milhões de habitantes, conta com cinco prémios Nobel, e toda a língua portuguesa, com mais de duzentos milhões de falantes, tem apenas um. É verdade que o Nobel tem o valor que lhe quisermos atribuir... Mas para responder à sua pergunta: obviamente conheço Wislawa Szymborska, Ryszard Kapuscinski e Tadeusz Knowicki. Tento ainda acompanhar a atribuição do prémio Nike, uma forma tão legítima como qualquer outra de conhecer a literatura polaca.

E para terminar, relativamente à leitura, o que é que recomenda da poesia ou em geral da literatura portuguesa a um aluno polaco?

Temos espaço? Para alguém que não conheça a cultura portuguesa em profundidade, é impossível resistir a recomendar Fernando Pessoa e os seus heterónimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Eça de Queirós, extraordinário romancista do século XIX, cuja obra “Os Maias” foi recentemente adaptada ao Cinema por João Botelho, e Herberto Helder, que estão entre os meus autores de eleição dos séculos XIX e XX. Será sempre interessante percorrer as vanguardas dos anos 50 e 60, como a poesia experimental, com destaque para Ernesto de Melo e Castro – de quem eu tive a honra de ser aluno – e Ana Hatherly. Depois, Miguel Torga, Jorge de Sena, Alexandre O’Neill ou António Ramos Rosa seriam sempre poetas que eu aconselharia. No género romance, além dos óbvios José Saramago e António Lobo Antunes, eu aconselharia a leitura de três nomes da nova geração, João Tordo, Gonçalo M. Tavares e Bruno Vieira Amaral, e três autores que nos chegam dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, Mia Couto (Moçambique), José Eduardo Agualusa e Ondjaki (Angola).

Monika Czarkowska-Guziuk

2º ano de mestrado em Estudos Portugueses

ALEXANDRE SOARES
WYWIAD

„dusza portugalska”, o ile taka istnieje, jest zbudowana wokół tego uczucia i tego słowa. Nie uważam, żeby saudade było obecne w moich wierszach w sposób, w jaki je przedstawia muzyka fado. Jeśli zaś chodzi o Alentejo, jest obecny w mojej twórczości, ale jako mityczne miejsce, gdzie nigdy nie mieszkałem, ale do którego wracałem zawsze poprzez rodzinne wspomnienia. W głębi jest to poezja kanibalistyczna, autobiograficzna i egoistyczna.

Do jakich jeszcze motywów sięga Pan chętnie w swojej poezji?

Nie mogę powiedzieć, że mam jakieś sprecyzowane tematy, pojawiają się one w sposób naturalny. Pisanie nie trzyma się odgórnego planu, jest raczej impulsem i koniecznością.

Uważa Pan, że w poezji wszystko zależy od umiejętności obserwacji autora?

Prawie tak samo, jak od zdolności odczuwania. Poezja jest wszechobecna, chociaż nie zawsze zdajemy sobie sprawę z jej istnienia. Jeden z mniej znanych portugalskich poetów, Torquato da Luz napisał: „Wbrew wszystkim pochwałam, / oto praktyczna prawda: / poeci to osoby / które znają się bardziej na matematyce”)

Czy zna Pan jakichś polskich poetów lub pisarzy?

Literatura polska nie jest rozpowszechniona w Portugalii, co wydaje się dziwne, biorąc pod uwagę fakt, że ten czterdziestomilionowy naród może się pochwalić pięcioma Nagrodami Nobla w dziedzinie literatury. Natomiast cały świat portugalskojęzyczny, liczący ponad 200 milionów osób, jest w posiadaniu zaledwie jednej. Prawdą jest, że Nagroda Nobla ma taką wartość, jaką chcemy jej przypisać... Ale żeby odpowiedzieć na Pani pytanie, znam oczywiście twórczość Wisławy Szymborskiej, Ryszarda Kapuścińskiego i Tadeusza Konwickiego. Staram się również śledzić przyznawanie nagrody Nike, która jest równie dobrą jak każda inna formą poznania literatury polskiej.

Na zakończenie, w odniesieniu do lektury, co z poezji i literatury portugalskiej w ogóle poleciłby Pan polskiemu studentowi?

Czy wystarczy miejsca? Dla kogoś, kto nie zna dogłębnie kultury portugalskiej, niemożliwe jest nie polecić twórczości Fernanda Pessoa i jego heteronimów: Alberta Caeiro, Álvaro de Campos e Ricarda Reisa. Eça de Queirós, wyjątkowy dziewiętnastowieczny romantyk, którego powieść „Os Maias” doczekała się ostatnio adaptacji filmowej (wyreżyserowanej przez João Botelha) oraz Herberto Helder to jedni z moich ulubionych autorów XIX i XX-wiecznych. Interesujące będzie również prześledzenie awangardowej twórczości lat 50 i 60 takiej jak poezja eksperymentalna z wyróżniającym się Ernesto de Melo e Castro (miałem zaszczyt być jego uczniem), i Aną Hatherly. Oprócz tego Miguel Torga, Jorge de Sena, Alexandre O’Neill czy António Ramos Rosa zawsze będą godni najwyższych rekomendacji. Z gatunku powieści, poza oczywistym wyborem José Saramago i Antónia Lobo Antunesa, poleciłbym lekturę trzech nazwisk nowej generacji: João Tordo, Gonçalo M. Tavares i Bruno Vieira Amaral, jak również trzech autorów z Krajów Afrykańskich Urzędowego Języka Portugalskiego: Mia Couto (Mozambik), José Eduardo Agualusa e Ondjaki (Angola).

Monika Czarkowska-Guziuk

II rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)

ALEXANDRE SOARES
POEMAS

Os poemas aqui publicados fazem parte do livro inédito *Caderno de Linhas*.

Há no Alentejo uma aldeia onde eu não nasci - e é essa a aldeia em que nasci. Memória de um tempo não vivido que me impregna a alma de saudade. Há nesse espaço definido toda a metafísica, toda a Verdade que me fez homem apesar da minha ausência.

Olha-me, do fundo do espelho, como em Borges, esse outro que não sou eu. Vive feliz e admirado com a vida. Conhece de cor as palavras belas da poesia e sabe da primazia do amor,

esse mistério maior do que a morte, fio-de-prumo que afere da verticalidade de cada corpo em que amparamos as unhas cravadas na pele. Carne espessa e lânguida menstruação eterna.

E o fio-de-prumo dança pendularmente como se o amor de que nos fazemos gente não passasse desse assombroso espelho que nos revela. Soubesse eu varrer de cada pensamento o supérfluo

Pois também eu sou Ulisses, o que fundou Lisboa, e Cristo, que chegou além-mar. Sou Gama, Magalhães e Cabral a navegar.

Talvez se me deixar cair ao rio, suavemente, num êxtase impotente, eu chegue ao outro lado. Por lá hei-de edificar uma cidade Estado na Imaginação.

Só o Tejo me permite esta canção.

Cada gomo do teu corpo um navio à deriva em mar revolto e eu salivo. Bandos de aves migrantes pousando a teus pés: adoração. E o teu colo, terno e leve, e a tua carne, terna e doce, que eu provo na imaginação.

ALEXANDRE SOARES
WIERSZE

Zaprezentowane tutaj wiersze stanowią część niepublikowanego tomiku wierszy *Caderno de Linhas*.

Jest tam w Alentejo takie miejsce gdzie się nie urodziłem - a gdzie przyszedłem na świat. Wspomnienie nieprzeżytych lat wypełnia moją duszę tęsknotą. To tam tkwi cała tajemnica cała Prawda która sprawiła że jestem mimo że mnie nie było.

Patrzy na mnie, z głębi lustra jak na wielkiego Borgesa, ten drugi którym nie jestem ja. Żyje szczęśliwie zachwycając się życiem. Recytuje z pamięci piękne słowa poetów i wie jaką wartość ma miłość,

to misterium większe niż śmierć, pion wyznaczający wertykalność każdego ciała w które wbijamy się paznokciami aż pod skórę. Grube i ospałe mięso niekończąca się menstruacja.

A wyznacznik pionu tańczy wahadłowo jak gdyby miłość która jest źródłem życia nie była niczym więcej niż naszym zdumiewającym lustrzanym odbiciem. Gdybym tylko wiedział jak wymazać z każdej myśli powierzchowność.

Więc jestem także Odyseuszem który wzniósł Lizbonę, i Chrystusem, który przybył z za morza. Jestem dryfującym Gamą, Magellanem i Cabralem.

Być może jeśli wpadłbym do rzeki, delikatnie, w bezwiedniej ekstazie, dotarłbym na drugi brzeg. Po tamtej stronie, zbuduję państwo-miasto mojej Wyobraźni.

I tylko rzeka Tag, mój jedyny akompaniament.

Każda soczysta cząstka twojego ciała bezwiednie dryfujący statek po wzburzonym morzu a ja, zahipnotyzowany. Stado migrujących ptaków ląduje u twych stóp: adoracja. I twoje łono, czułe i subtelne, i twoje ciało, delikatne i słodkie, które kosztuję w mojej wyobraźni.

ALEXANDRE SOARES
POEMAS

Arte poética

O poema arde com as memórias como as memórias e o tempo restante de que somos feitos corre pelas paredes dos nossos corpos como água pura, límpida, celestial. Esparsas supernovas a que a eternidade deu a esperança da luz.

Repousamos os olhos cansados e tristes numa fotografia a preto e branco. Deixai-nos cozer hoje o pão das nossas memórias e aconteça o amor em qualquer lado, suprema definição de liberdade

Paris: Vila Chã

Anoto o endereço dos meus mortos. Rochas ígneas corpos dioríticos ossadas calcárias carne da minha carne sepultada na terra quente e seca à mercê do vento sueste, terra chã da posteridade.

Assim é a poesia:
indiferente ao porvir.

Lê-se em cada silêncio o mais que a morte tem. Faça-se a luz de um candeeiro a petróleo: sombras chinesas. Silício involuntário da mina uma lápide celebre, E no fim vazio.

Fotografia: Jorge Branco

ALEXANDRE SOARES
WIERSZE

Sztuka poetycka

Niczym wspomnienia płonie wiersz ze wspomnieniami i czas z którego jesteśmy ulepiani płynie przez ściany naszych ciał niczym woda czysta, klarowna, niebiańska. Rozsiane w przestrzeni gwiazdy którym wieczność utkała nadzieję ze światła.

Obserwujemy zmęczonym i smutnym wzrokiem czarno-białe fotografie. Pozwólcie nam dziś wypiekać chleb z naszych wspomnień i niech miłość rozprzestrzenia się we wszystkie strony niech góruje nad definicją wolności.

Paryż: Vila Chã

Zapisuję adres moich zmarłych. Skąły magmowe bryły z diorytu wapienne szkielety krew z mojej krwi złożona w ziemi gorącej i suchej na łasce bezlitosnego wiatru, na równinie potomności.

Taka jest poezja
głucha na odgłosy przyszłości.

Z ciszy można wyczytać więcej niż niesie śmierć. W stłumionym świetle znicza: teatr cieni. Kamienny, bezwiedny obserwator okazały nagrobek, A potem pustka.

Tłumaczenie: Joanna Dudek i Ewa Tomaszewska
I rok, II stopień, Filologia romańska (język portugalski)

ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS
DOS CURSOS DE PORTUGUÊS

Entrevista com alguns dos alunos dos cursos de português do Centro de Língua Portuguesa/ Camões em Lublin

Porque estudam português?

Anita, gerente de laboratório, 35 anos: Há muito tempo atrás pensei em viajar para a Madeira ou pelo Brasil e então descobri que a língua que se fala aí é o português. Quando viajo gosto de ler nos guias frases básicas do idioma local e então gostei logo desta língua. Depois comecei a procurar na internet a pronúncia e cursos em Lublin e foi assim que tudo começou. Logo no primeiro ano de estudo da língua fui a Portugal o que me fez ter a certeza de que vale a pena e que esta língua é simplesmente linda! Neste momento não posso imaginar não frequentar o curso. Para além disso uma das mais-valias do curso são as pessoas realmente simpáticas amantes de Portugal, da sua música, língua, comida, clima e daquela atmosfera especial que apenas se sente lá.

Beata, gerente comercial, 41 anos: Há cinco anos visitei o Centro de Língua Portuguesa/Camões com a turma do infantiário da minha filha Bianca. Na aula experimental aprendemos algumas frases básicas em português. O resultado desta visita foi começar aqui.

Katarzyna, arquiteta paisagista, 26 anos: Sempre gostei de línguas estrangeiras. Quando ouvi pela primeira vez um fado da Mariza gostei muito da musicalidade e som da língua. Depois fui a Portugal nas férias. Gostei muito principalmente da simpatia e abertura dos portugueses. Interessei-me pela cultura e música deste país e depois comecei a procurar onde se podia aprender esta língua em Lublin.

Krzysztof, consultor jurídico, 57 anos: Desde os tempos de estudante que gosto muito da língua portuguesa. Foi a ouvir música, brasileira principalmente, que a conheci. Pensei então que seria interessante aprender português. Depois descobri a música portuguesa, os Madredeus, Carlos do Carmo, Amália Rodrigues, a música de Cabo Verde e claro, a Mariza. É com prazer que agora realizo o meu sonho. Agora tenho muitos amigos em Portugal, especialmente no meio musical.

WYWIAD ZE SŁUCHACZAMI KURSÓW
JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

Wywiad z kilkoma osobami uczęszczającymi na kursy języka portugalskiego w Centrum Języka Portugalskiego Camões w Lublinie.

Dlaczego uczycie się języka portugalskiego?

Anita, chemik, 35 lat: Dawno temu zainteresowałam się podróżą na Maderę i do Brazylii i jak się okazało w obu miejscach językiem urzędowym jest portugalski. Jak podróżuję do

jakiegoś kraju lubię czytać w przewodnikach podstawowe zwroty i właśnie wtedy bardzo mi się spodobał ten język. Potem zaczęłam szukać w internecie wymowy i kursu w Lublinie i tak to się zaczęło. W trakcie pierwszego roku nauki pojechałam do Portugalii i tylko się upewniłam, że warto się uczyć i że ten język jest po prostu piękny! Na obecnym etapie nie wyobrażam sobie, że mogłabym nie chodzić na kurs. Ponadto wartością dodaną do kursu są naprawdę sympatyczni ludzie pasjonaci Portugalii, muzyki, języka, jedzenia, klimatu i tej specyficznej atmosfery, którą czuje się tylko tam.

Beata, koordynator handlowy, 41 lat: 5 lat temu odwiedziłam Centrum Języka Portugalskiego/Camões z grupą przedszkolną mojej córki Blanki. Na zajęciach pokazowych nauczyliśmy się podstawowych zwrotów w języku portugalskim. Efektem tej wizyty było podjęcie przeze mnie nauki w CJP/Camões.

Katarzyna, architekt krajobrazu, 26 lat: Zawsze lubiłam uczyć się języków obcych. Kiedy pierwszy raz usłyszałam fado Marizy bardzo spodobała mi się muzyka i brzmienie języka. Potem pojechałam do Portugalii na wakacje. Bardzo mi się tam podobało szczególnie sympatia i otwartość Portugalczków. Zainteresowałam się kulturą i muzyką tego kraju a potem zaczęłam szukać gdzie w Lublinie można uczyć się tego języka.

Krzysztof, radca prawny, 57 lat: Od czasu studiów język portugalski bardzo mi się podobał. Poznałem go słuchając muzyki, najczęściej brazylijskiej. Pomyślałem wtedy, że byłoby interesujące uczyć się portugalskiego. Potem poznałem muzykę portugalską, zespół Madredeus, Carlosa do Carmo, Amalię Rodrigues, muzykę z Cabo Verde no i Marizę. Teraz



Água Vai

Fotografia: Lino Matos

ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS DOS CURSOS DE PORTUGUÊS

Há quanto tempo estudam português?

Anita: Há cinco anos

Beata: Há quatro anos.

Katarzyna: Há quatro anos.

Krzystof: Há quatro anos.

Como reagem os vossos familiares ou amigos a esta vossa paixão pela língua portuguesa?

Anita: Normalmente, primeiro, ficam surpreendidos por ser português e depois ouço a pergunta "e para que te serve isso?" Por vezes também ouço a opinião de que é uma língua "desconhecida e desnecessária na Polónia" e que é melhor falar francês ou russo.

Beata: Ficam surpreendidos porquê precisamente esta língua e eu respondo sempre que é um capricho meu e ainda ficam mais surpreendidos porque com uma vida tão ocupada ainda encontro tempo para estudar...

Katarzyna: Normalmente ficam surpresos (alguns até ficam surpreendidos que em Portugal não se fala espanhol), muitas vezes dizem "uau" e outros perguntam...para quê? Mas em geral ficam agradavelmente surpreendidos com esta paixão exótica.

Krzystof: Os mais íntimos ou os conhecidos reagem com simpatia e espanto, ao saberem que estudo português. Apenas estranham por que não escolhi espanhol.

Já estiveram em Portugal? E falaram em português? Como foi a experiência?

Anita: Estive em Portugal só duas vezes e no total quatro semanas. A primeira vez logo no primeiro ano com as colegas do curso e estivemos em Lisboa e arredores. Na segunda vez viajei de carro com o meu noivo de Monte Gordo ao Porto. Procuo sempre usar a língua nas lojas, restaurantes, quando pergunto o caminho, quando compro bilhetes, no aeroporto. Além da Polónia, Portugal é o único país (dos 24 que já visitei) onde desde o primeiro momento me senti muito bem, segura e poderia viver para sempre. Tenho muito boas recordações e sinto muitas saudades de Portugal, vejo frequentemente as fotografias que tirei, ouço a RFM e vejo o Telejornal na RTPi, para estar a par do que se passa por lá. Adoro a comida portuguesa, as paisagens, a gentileza das pessoas e o clima! Vejo com carinho tudo o que passa sobre Portugal na TV poíaca ou leio na imprensa. E além disso não conheço ninguém que tenha visitado Portugal e não tenha ficado satisfeito.

Beata: Estive em Portugal quatro vezes e finalmente, na última viagem, perdi o medo de falar com os portugueses em Portugal.

Katarzyna: Estive algumas vezes em Portugal. No Algarve, em Lisboa e na Madeira. Tive oportunidade de falar português o que me surpreendeu agradavelmente porque não me saí nada mal e pela forma positiva como reagiram as pessoas.

Krzystof: Estive em Portugal várias vezes. É claro que tentei comunicar-me em português. O que sempre provocou espanto e ao mesmo tempo simpatia, principalmente por parte das pessoas idosas. Os portugueses valorizam a dificuldade e a paixão que se põe na aprendizagem da sua língua.

WYWIAD ZE SŁUCHACZAMI KURSÓW JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

spełniam z przyjemnością swoje marzenia. Teraz mam wielu przyjaciół w Portugalii, zwłaszcza wśród muzyków.

Jak długo uczycie się portugalskiego?

Anita: 5 lat.

Beata: Czwarty rok.

Katarzyna: Czwarty rok.

Krzystof: Od 4 lat uczę się portugalskiego.

Jak reagują najbliżsi i przyjaciele na wasze zainteresowanie językiem portugalskim?

Anita: Zazwyczaj pierwsze jest zdziwienie, że akurat portugalski a następnie słyszę pytanie „a po co Ci to”? Zdarza się również opinia, że to „niszowy i niepotrzebny w Polsce” język i że lepiej znać francuski czy rosyjski.

Beata: Zaskoczeni są, dlaczego akurat ten język, zawsze odpowiadam, że to taka moja fanaberia, poza tym, zdziwieni są, że mi się chce.

Katarzyna: Zazwyczaj ludzie są zdziwieni (niektórzy nawet się dziwią że w Portugalii nie mówi się po hiszpańsku) często mówią „wow” a inni pytają po co? Ale ogólnie wyrażają miłe zaskoczenie egzotyczną pasją.

Krzystof: Bliscy i znajomi reagują z sympatią i zdziwieniem, że uczę się portugalskiego. Dziwią się dlaczego nie wybrałem hiszpańskiego.

Byliście już w Portugalii? Rozmawialiście po portugalsku? Jakie są wasze doświadczenia?

Anita: Byłam w Portugalii tylko 2 razy, w sumie ok. 4 tygodni. Pierwszy raz po pierwszym roku nauki języka z koleżankami z grupy, głównie w Lizbonie i jej okolicach. Kolejny raz, była to podróż samochodem z moim narzeczonym od Monte Gordo do Porto. Za każdym razem staram się używać języka w sklepach, restauracjach, pytając o drogę, przy kupnie biletów, na lotnisku. Portugalia jest jedynym krajem oprócz Polski (z 24 które odwiedziłam), w którym od pierwszej chwili poczułam się bezpiecznie, bardzo dobrze i mogłabym zamieszkać tam na stałe. Pozostawiła po sobie same dobre wspomnienia i bardzo tęsknię za Portugaliją, oglądam często zdjęcia zrobione tam, słucham portugalskiego radia RFM i oglądam wiadomości w RTPi, żeby być na bieżąco z tym co się tam dzieje. Uwielbiam portugalskie jedzenie, krajobrazy, uprzejmość ludzi i pogodę! Z rozrzwinięciem oglądam każde doniesienie w polskiej TV, prasie o Portugalii. Poza tym nie znam osoby, która odwiedziła Portugaliją i nie była zadowolona.

Beata: W Portugalii byłam 4 razy i wreszcie, podczas ostatniej wizyty, przestałam obawiać się mówić z Portugalczykami w Portugalii.

Katarzyna: Byłam kilka razy w Portugalii, w Algarve, w Lizbonie i na Maderze. Miałam okazję rozmawiać po portugalsku i byłam miłe zaskoczona ponieważ całkiem dobrze mi to wyszło, zaskoczyła mnie również bardzo pozytywną reakcją drugiej strony.

Krzystof: Byłem w Portugalii już kilka razy. Oczywiście próbowałem porozumieć się po portugalsku. Wzbudzało to zawsze zdziwienie i budziło dużą sympatię, zwłaszcza u star

ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS DOS CURSOS DE PORTUGUÊS

WYWIAD ZE SŁUCHACZAMI KURSÓW JĘZYKA PORTUGALSKIEGO



E na Polónia já falei em português? Em que situação usaram a língua?

Anita: A empresa onde trabalho regista em Portugal medicamentos. Durante esse processo, o departamento responsável por estes assuntos em Portugal envia perguntas às quais é preciso responder corretamente, mas infelizmente são enviadas em inglês e por vezes é difícil entender o sentido e desde que estudo português peço que mas enviem também em português. Assim é mais fácil para mim perceber o sentido e o contexto da pergunta. A minha empresa produz medicamentos para animais, que são exportados para Portugal com buílas em português e graças ao conhecimento desta língua posso verificar se estão corretas e devidamente aprovadas pelas autoridades competentes.

Beata: Na Polónia uso a língua nas aulas e às vezes no carro ouço um cd.

Katarzyna: Na Polónia tive ocasião de falar com Yami no concerto de ele em Lublin. No trabalho também, porque o proprietário de uma das empresas sílesianas com quem trabalhamos é português, contudo faltou-me um pouco de coragem ;)

Krzystof: Já me aconteceu falar em português na Polónia em diferentes ocasiões, por ex.: com o embaixador de Angola na Polónia, mas as ocasiões mais frequentes são as visitas de músicos portugueses à Polónia, entre os quais tenho muitos amigos.

szych ludzi. Portugalczycy doceniają trud i pasję jaką wkłada się w naukę ich języka.

I w Polsce, rozmawialiście już po portugalsku? W jakich sytuacjach posługujecie się językiem portugalskim?

Anita: Firma, w której pracuję rejestruje produkty lecznicze w Portugalii. Podczas procesu rejestracji urząd portugalski przysyła pytania, na które trzeba udzielić merytorycznych odpowiedzi, niestety przysyłane pytania są w języku angielskim i czasem trudno mi było zrozumieć sens tych pytań dlatego też od kiedy uczę się portugalskiego proszę o przesyłanie pytań również w języku portugalskim dzięki czemu łatwiej jest mi zrozumieć sedno pytania czy jego kontekst. Ponadto moja firma produkuje leki dla zwierząt, które są eksportowane do Portugalii i ulotki dołączane do leków są po portugalsku i dzięki znajomości języka sprawdzam ich poprawność z zatwierdzonym przez urząd wzorem.

Beata: W Polsce używam języka na zajęciach i czasem w samochodzie odtwarzam z płyty.

Katarzyna: W Polsce miałam okazję rozmawiać z Yamim na jego koncercie w Lublinie. Miałam taką okazję także w pracy, właścicielem jednej ze śląskich firm z którą współpracujemy jest Portugalczyk - jednak wtedy trochę zabrakło mi odwagi ;)

Krzystof: Zdarza mi się rozmawiać po portugalsku w Polsce, z różnych okazji, np. z Ambasadorem Angoli w Polsce, ale najczęściej okazją są wizyty muzyków z Portugalii w Polsce, wśród których mam wielu przyjaciół.

ATIVIDADES DO CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES EM LUBLIN NO ANO LETIVO 2014/2015

24 e 25 de novembro de 2014: Curso intensivo sobre Cultura e Literatura Portuguesas ministrado pela Prof^a. Doutora Annabela Rita da Universidade de Lisboa e pelo Prof. Doutor Dionísio Vila Maior da Universidade Aberta.

15 de dezembro de 2014: Concerto de fado da cantora polaca Kinga Rataj, acompanhada ao piano por Marek Bazela e à guitarra por Martin Złotnicki.

17 de dezembro de 2014: Palestra da Dra. Jaqueline Russczyk, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus Chapecó (Brasil), intitulada: “Modo de vida da juventude rural e a educação como dispositivo para o desenvolvimento humano”.

17 de dezembro de 2014: Festa de Natal dos alunos e professores de português da UMCS.

14 de abril de 2015: 2º Concurso Interescolar sobre Conhecimentos da América Latina, sob o patrocínio, entre outras instituições, do Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin. O concurso teve lugar na Escola Secundária nº 4 Stefania Sempołowska em Lublin.

16 de abril de 2015: Palestra da Dra. Vesela Chergova da Universidade de Sófia “Sveti Kliment Ohridski” (Bulgária), intitulada: “As categorias temporais no modo Indicativo e no modo Conjuntivo do verbo português”.

23 e 24 de Abril de 2015: Palestras do Dr. Luís Augusto Fischer da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, com o tema “Chico e Caetano - pensadores”.

28 de Abril de 2015: Projeção do filme “Capitães de Abril” de Maria de Madeiros (Portugal, 2000).

13 e 14 de maio de 2015: Palestras da Dra. Helena Topa Valentim da Universidade Nova de Lisboa sob o tema: “A determinação nominal e a determinação verbal em Português”.

19 e 20 de maio de 2015: Palestras da Dra. Yana Andreeva da Universidade de Sófia “Sveti Kliment Ohridski” (Bulgária) subordinadas ao tema: “O Teatro de José Saramago: entre a História e o Mito”.

Concursos:

Concurso de Fotografia “Religiões e tradição” (18 autores, 51 fotografias)

1º lugar: Paweł Sobczuk – Drogi do świętości (Porto)

2º lugar: Piotr Szterner – Majestosa procissão - Festa N^a S^a da Ajuda (Espinho)

3º lugar: Joanna Józefowska – Sięgając nieba (Madeira)

Menção honrosa: Katarzyna Janowska – Majestade (Mosteiro de Alcobaça), João Paulo Lopes Correia Santiago - Manifestação de fé (Vila Franca de Xira) e Joanna Śliwińska - Estátua de Mumadona (Guimarães)

Concurso Ortográfico: (14 participantes)

1º lugar: Katarzyna Rejter – UMCS

2º lugar: Katarzyna Banaszek - Universidade de Varsóvia

3º lugar: Kornelia Fiałkowska - Universidade de Varsóvia

Menção honrosa: Natalia Szulecka - Universidade de Varsóvia

WYDARZENIA W CENTRUM JĘZYKA PORTUGALSKIEGO/CAMÕES W LUBLINIE W ROKU AKADEMICKIM 2014/2015

24-25 listopada 2014 r.: Intensywny kurs Literatury Portugalskiej prowadzony przez prof. dr Annabela Rita z Uniwersytetu w Lizbonie i prof. dr Dionísio Vila Maior z Uniwersytetu Aberta w Coimbrze.

15 grudnia 2014 r.: koncert Fado w wykonaniu Kingi Rataj (fortepian: Marek Bazela, gitara: Martin Złotnicki).

17 grudnia 2014 r.: Wykład dr Jaqueline Russczyk z Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus Chapecó (Brazylia) nt. „Modo de vida da juventude rural e a educação como dispositivo para o desenvolvimento humano”

17 grudnia 2014 r.: Spotkanie świąteczne pracowników i studentów języka portugalskiego UMCS.

14 kwietnia 2015 r. w IV Liceum Ogólnokształcącym im. Stefanii Sempołowskiej w Lublinie odbył się II Międzyszkolny Konkurs Wiedzy o Ameryce Łacińskiej. Patronat nad konkursem objęły następujące instytucje: Ambasada Chile w Polsce, Stowarzyszenie Nauczycieli Języka Francuskiego Prof-Europe, Szkoła Języka Hiszpańskiego „Villablanca” w Lublinie, a także Centrum Języka Portugalskiego/Camões.

16 kwietnia 2015 r. dr Vesela Chergova z Uniwersytetu w Sofii im. Św. Klemensa z Ochrydy (Bułgaria) wygłosiła wykład pt.: „ Czasownik w j. portugalskim - kategoria czasu w trybie oznajmującym i trybie łączącym”.

23-24 kwietnia 2015 r. dr Luís Augusto Fischer z Uniwersytetu Federalnego stanu Rio Grande do Sul (UFRGS), Brazylia, wygłosił dla studentów i wykładowców portugalistyki i iberystyki UMCS dwa wykłady nt. „Chico i Caetano - artyści i myśliciele”.

28 kwietnia 2015 r.: Projekcja filmu „Kapitanowie kwietnia” Marii de Madeiros (Portugalia, 2000)

13 i 14 maja 2015 r.: Dr Helena Topa Valentim z Universidade Nova de Lisboa wygłosiła wykład pt.: „A determinação nominal e a determinação verbal em Português”.

19-20 maja 2015 r. dr Yana Andreeva z Uniwersytetu w Sofii im. Św. Klemensa z Ochrydy (Bułgaria) wygłosiła wykłady pt.: “Teatr José Saramago - między historią a mitem”.

Konkursy:

Konkursy fotografii „Religie i tradycje” (51 zdjęć 18 autorów)

I miejsce: Paweł Sobczuk – Drogi do świętości (Porto)

II miejsce: Piotr Szterner – Majestosa procissão - Festa N^a S^a da Ajuda (Espinho)

III miejsce: Joanna Józefowska – Sięgając nieba (Madera)

Wyróżnienia: Katarzyna Janowska – Majestade (Mosteiro de Alcobaça), João Paulo Lopes Correia Santiago - Manifestação de fé (Vila Franca de Xira) i Joanna Śliwińska - Estátua de Mumadona (Guimarães)

Konkurs ortograficzny: 14 uczestników

I miejsce: Katarzyna Rejter - UMCS

II miejsce: Katarzyna Banaszek - Uniwersytet Warszawski

III miejsce: Kornelia Fiałkowska - Uniwersytet Warszawski

ATIVIDADES DO CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES EM LUBLIN NO ANO LETIVO 2014/2015

Concurso sobre conhecimentos de cultura geral: Portugal e Brasil (29 alunos de escolas básicas do 3º ciclo e 50 alunos de escolas secundárias da região de Lublin)

EB:

1º lugar: Angelika Nizioł – EB de Izbica

2º lugar: Rafał Dziak – EB de Izbica

3º lugar: Katarzyna Szmagara – EB n^o 10 Jan Twardowski, Lublin

Escolas secundárias:

1º lugar: Roksana Podkowa – Liceu n^o 1 União Europeia, Zamość

2º lugar: Łukasz Wituch - Liceu n^o 1 União Europeia, Zamość

3º lugar: Kamil Wawrzaszek - Liceu n^o 1 Jan Zamoyski, Zamość ; Beata Dubaj – Liceu n^o 1 Jan Zamoyski, Zamość

Concurso de Tradução: (27 participantes)

1º lugar: Dorota Romanowska

2º lugar: Karolina Nosowska

3º lugar: Agata Wissuwa

Concurso Literário Internacional (9 participantes de Espanha, Itália, Polónia e Uruguai)

1º lugar *ex aequo*: Kamila Wiśniewska, da Polónia, com o conto “A tirania do Semsentido” e Serena Cacchioli, de Itália, com o conto “Se o caso é chorar”.

Concurso de apresentação multimédia: “Lisboa - cidade multifacetada” (249 apresentações de escolas básicas do 3º ciclo e de escolas secundárias de toda a Polónia)

EB:

1º lugar: Magdalena Kijewska (Włocławek)

2º lugar: Katarzyna Żukowska (Krasnopol)

3º lugar: Patrycja Wlizłowska (Zawiercie)

Escolas secundárias:

1º lugar: Marlena Boranowska (Lubsko)

2º lugar: Monika Lis (Lublin)

3º lugar: Marcin Cichowlaz (Bielsko-Biała)

WYDARZENIA W CENTRUM JĘZYKA PORTUGALSKIEGO/CAMÕES W LUBLINIE W ROKU AKADEMICKIM 2014/2015

Wyróżnienie: Natalia Szulecka - Uniwersytet Warszawski

Konkurs wiedzy o Portugalii i Brazylii (29 uczniów ze szkół gimnazjalnych i 50 uczniów ze szkół ponadgimnazjalnych województwa lubelskiego)

Szkoły gimnazjalne:

I miejsce: Angelika Nizioł - Gimnazjum w Izbicy

II miejsce: Rafał Dziak - Gimnazjum w Izbicy

III miejsce: Katarzyna Szmagara - Gimnazjum nr 10 im. ks. Jana Twardowskiego w Lublinie

Szkoły ponadgimnazjalne:

I miejsce: Roksana Podkowa - I Społeczne Liceum Ogólnokształcące im. Unii Europejskiej w Zamościu

II miejsce: Łukasz Wituch - I Społeczne Liceum Ogólnokształcące im. Unii Europejskiej w Zamościu

III miejsce: Kamil Wawrzaszek - I Liceum Ogólnokształcące im. Jana Zamoyskiego w Zamościu; Beata Dubaj - I Liceum Ogólnokształcące im. Jana Zamoyskiego w Zamościu

Konkurs tłumaczeniowy (27 uczestników)

I miejsce: Dorota Romanowska

II miejsce: Karolina Nosowska

III miejsce: Agata Wissuwa

Międzynarodowy konkurs literacki (9 uczestników, Hiszpania, Włochy, Polska i Urugwaj)

I miejsce *ex aequo*: Kamila Wiśniewska (Polska) – “A tirania do Semsentido”

Serena Cacchioli (Włochy) – “Se o caso é chorar”.

Konkurs na najciekawszą prezentację multimedialną: “Lisbona - miasto o wielu obliczach” (249 prezentacje ze szkół gimnazjalnych i ponadgimnazjalnych z całej Polski)

Szkoły gimnazjalne:

I miejsce: Magdalena Kijewska, Gimnazjum w Zespole Szkół Katolickich im. ks. J. Długosza we Włocławku

II miejsce: Katarzyna Żukowska, Gimnazjum w Zespole Szkół w Krasnopolu

III miejsce: Patrycja Wlizłowska, Gimnazjum nr 1 im. Tadeusza Kościuszki w Zawierciu

Szkoły ponadgimnazjalne:

I miejsce: Marlena Boranowska, Zespół Szkół Ogólnokształcących i Ekonomicznych w Lubsku

II miejsce: Monika Lis, I Liceum Ogólnokształcące im. Stanisława Staszica w Lublinie

III miejsce: Marcin Cichowlaz, Zespół Szkół Ekonomicznych im. Michała Kaleckiego w Bielsku-Białej

1º lugar/ I miejsce: Paweł Sobczuk – Drogi do świętości (Porto)



2º lugar/ II miejsce: Piotr Szterner – Majestosa procissão - Festa Nª Sª da Ajuda (Espinho)



3º lugar/ III miejsce: Joanna Józefowska – Sięgając nieba (Madeira)



MENÇÃO HONROSA/ WYRÓŻNIENIA

Katarzyna Janowska
Majestade (Mosteiro de Alcobaça)



João Paulo Lopes Correia Santiago
Manifestação de fé (Vila Franca de Xira)



Joanna Śliwińska
Estátua de Mumadona (Guimarães)



Filologia Ibérica 2012/2015

Patrycja Pluta, Debora Miroslaw, Justyna Kisielewska, Emilia Wróbel, Anna Drabik, Małgorzata Tracz, Edyta Marzec, Aleksandra Rogala, Liliana Wajrak, Rafał Ciosmak e Weronika Ślęzak



FILOLOGIA IBÉRICA 2012/2015

Estudos Portugueses 2013/2015 (mestrado)

Estera Małek, Monika Czarkowska-Guziuk, Katarzyna Kuczyńska, Magdalena Józwiak, Natalia Trzebuniak, Karolina Kierepko, Małgorzata Koprowicz, Paulina Szczygielska, Patrycja Cieśluk e Dominika Ładycka (Ausentes em Portugal: Olga Kukawka, Patrycja Pawecka* e Paweł Nowak*)

*Erasmus



ESTUDOS PORTUGUESES 2013/2015

Estudos Portugueses 2012/2015

Marta Wasilak, Aleksandra Guz, Agata Kowalczyk, Justyna Teterycz, Maciej Durka e Aleksandra Porębska (Ausentes : Dagmara Różańska*, Monika Świderska* e Sylwia Budzyńska*)

*Erasmus



ESTUDOS PORTUGUESES 2012/2015

FINALISTAS 2015



Centrum Języka Portugalskiego/Camões zaprasza do swojej siedziby na:



Wystawy
Promocje książek



Pokazy filmów



Zajęcia praktyczne



Wykłady na temat krajów
portugalskojęzycznych



Koncerty

Kursy języka portugalskiego:

- Małe grupy
- Wszystkie poziomy zaawansowania

Oficjalne egzaminy z języka portugalskiego:

- Wersja europejska (CAPLE)
- Wersja brazylijska (CELPE-Bras)



Centrum Języka Portugalskiego-Camões ul. Sowińskiego 12, 20-040 Lublin, tel. 081 537 27 20
e-mail: clp.lublin.polina@gmail.com www.umcs.lublin.pl/camoes
Godziny otwarcia: poniedziałek-piątek 9.00-17.00